

Prefácio

Um futuro gaúchopunk

Pensar o futuro é, antes de tudo, pensar o presente. É projetar as consequências daquilo que vivemos hoje, seja para imaginar soluções, seja para alertar sobre perigos. É, acima de tudo, criar ficção científica, um gênero literário que, segundo o escritor estadunidense Isaac Asimov, é definido como “o ramo da literatura que trata das reações dos seres humanos às mudanças na ciência e na tecnologia”. E, por ciências, não nos limitemos às ditas “ciências duras”, como a química, a física, a botânica ou a astronomia, mas também às ciências sociais. Pensar o futuro é mais do que pensar apenas tecnologias, é imaginar também os modos como poderemos nos reorganizar social e politicamente.

Quando fomos convidados a participar como jurados do concurso literário *Rio Grande do Sul, 2125*, não imaginamos que a proposta de pensar o futuro do estado teria tamanha repercussão — foram quase setecentos contos qualificados. Um oceano de ideias, medos, ansiedades e propostas. E como geralmente acontece com a ficção científica, ela enseja momentos reveladores da consciência popular, o que pode ser constatado pela onipresença de certos temas.

O maior deles, certamente, foi o trauma da grande enchente de 2024, uma realidade que, se nada for feito, só tende a piorar — as estimativas preveem que, se o nível dos oceanos continuar subindo, em cem anos parte do Rio Grande do Sul ficará permanentemente debaixo d’água. Outra ansiedade recorrente diz respeito a uma questão premente: a relação entre o agronegócio, motor e sustento da economia estadual, e seu impacto em questões ambientais, não apenas no aquecimento global, mas nas próprias enchentes que aterrorizam os gaúchos. O medo de novas pandemias, como a da Covid-19, também se faz onipresente.

Outras repetições temáticas específicas dizem respeito às ansiedades — até mesmo às neuroses, arriscaríamos dizer — do povo gaúcho. Um exemplo foi a grande quantidade (ao menos dez contos)

dentre os inscritos lidando com o último chimarrão do mundo. Outros, com o último churrasco, o último fogo de chão, o último pedaço de charque. E a julgar pela grande quantidade de histórias lidando com a perda da memória, outro tema está no apagamento dos pequenos costumes. Outro medo, talvez mais universal, está na excessiva dependência de tecnologias mecanizadas, sobretudo de inteligências artificiais que têm pouco de inteligência e muito de artificiais.

E então, dentre tantos contos, tantas ideias, tantos mundos, como selecionar os melhores? Em última instância, o critério terá sempre algo de subjetivo, não há como fugir disso. Divididos em três blocos, cada jurado leu cerca de 240 contos, selecionando cada qual seus vinte favoritos. Destes sessenta pré-selecionados, estabelecemos três critérios específicos: a habilidade no uso da linguagem, a originalidade dos temas e a qualidade da execução da ideia. Não foi um processo fácil, mas acreditamos que os contos aqui selecionados preencheram muito bem, cada qual a seu modo, esses três pontos. E em seu misto de gêneros, tecnologias e tradições, podem ser vistos como exemplo do que o escritor argentino Michel Nieva cunhou como “gauchopunk”. Vamos a eles:

Em *Arquivo 002009/2304*, Caroline Schäfer conta o futuro sob o olhar de um aluno problemático de um colégio de elite, por meio de anotações feitas a contragosto em seu diário. A habilidade com que deixa entrever nas entrelinhas, em cada nova anotação no diário, uma realidade distópica, violenta e autoritária, reflete questões que já se fazem presentes nos nossos tempos.

Em *O último lambari do lodo*, Henrique Garcia Sommer cria uma cena a princípio simples: um pescador tentando fregar algo. Pouco a pouco, porém, se percebe que seus tempos são outros, peixes são raridade e o nível da água é bem mais alto do que se poderia imaginar. Aqui, é pelos detalhes que se pinta, com habilidade, um quadro tão rico quanto triste de um futuro possível.

Já em *Estátuas de Sal*, Guilherme Gutierrez Suman imagina um futuro desertificado, em que a terra infértil não deixa esperanças, apenas dívidas. Com requinte narrativo, o filho descobre os abusos sofridos pelo pai nas mãos de um grande fazendeiro — e planeja uma vingança de tons bíblicos.

Genealogia da tragédia, de Gerson Laerte da Silva Vieira, traz um pai e seu filho vagando por um Rio Grande do Sul já quase inundado em busca da segurança das “regiões elevadas” da serra gaúcha, carregando consigo as últimas lembranças de um passado e de uma cultura que se afogou.

Evento Sentinela, de Ana Luiza Rodrigues Costa, traz um futuro em que a humanidade foi quase dizimada. No Rio Grande do Sul, o pouco que restou vive isolado nas alturas, com medo de respirar o ar exterior — até que o narrador decide se aventurar e descer até o solo.

Em *Chapeuzinho Vermelho*, de Gleison de Freitas dos Santos, temos uma releitura do conto de fadas, em que Chapeuzinho precisa atravessar um pampa de clima enlouquecido para levar água potável para a avó, até que um pastor muito rico e de intenções duvidosas lhe oferece uma carona.

Com *Aos 18, Morre*, o autor Schleiden Nunes Pimenta faz um experimento de linguagem digno do livro *Laranja Mecânica* de Anthony Burgess: um adolescente que narra, com sua linguagem cheia de gírias do futuro, ele e seus amigos sobrevivendo num futuro em que robôs roubam as memórias dos humanos para si.

O tropel da meia-noite, de Gustavo Melo Czekster, faz uma intersecção entre o científico e o fantástico para contar sobre um pesquisador que se vê isolado no meio do nada, em busca dos últimos registros de cavalos nativos no estado.

Em *secos*, de Nadja Malena Palopolo Romero, os habitantes de uma cidadezinha do interior do Rio Grande do Sul aceitam cada vez mais a interferência de uma empresa privada na sua cidade, até serem, pouco a pouco, escravizados por ela.

Bilhete de Prata, de Fernanda Grinke Müller, o menino Tom é levado por seus pais para conhecer Gramado no ano de 2125. Porém, pouco a pouco, ele percebe que há algo de errado ali, algo que, ecoando a fábula da “roupa nova do rei”, soa estranhamente artificial naquele mundo.

Em *Tropeiro do fim dos dias*, de Daniel Collares, temos uma cena simples na aparência: um tropeiro atravessa o pampa para entregar um pacote. Mas é nos detalhes — pilhas de lixo, drones assassinos, gangues errantes — que o autor desnuda um futuro distópico que bem pode ser descrito como Mad Max a cavalo.

Já em *Cartografia do apagamento*, de Tassiele Vierantz Cassuriaga, uma pesquisadora descobre que São Borja sumiu do mapa. Decidida a resolver o mistério, viaja até a região e se depara com uma realidade perturbadora: a cidade inteira vive em uma realidade artificial de CTG, expulsando quem não se adequa à sua encenação.

A *Úscara do Fim*, de Josiano Saulo Diniz, traz uma narradora isolada e brinca com a materialidade da névoa para imprimir ao texto um sentimento difuso de ruína. É uma vida ou um mundo que se acaba? E, nesse momento, existe diálogo possível para além da loucura? De quem é a voz? De quem é a dor? De quem é o pânico?

Bem-te-vi, de Julia de Freitas Sampaio, traz um dilema: em um futuro em que muitos animais nativos já estão extintos, uma pesquisadora da UFRGS tenta recriar geneticamente um bem-te-vi, mas fica em dúvida com o resultado — quem ainda lembra, exatamente, como era o canto dos pássaros?

Os ossos da terra, de Eduardo Santos Shaan, traz um futuro em que a humanidade foi colonizada por uma raça alienígena, que impôs sua religião aos humanos. Nessa realidade, o menino Pedro tenta se adaptar à nova religião, vendo-se pouco a pouco alienado de sua família humana.

Já em *Imensa lágrima gelatinosa*, o autor Matheus Borges traz uma realidade tragicômica: as mudanças climáticas despertaram monstros gigantes que invadiram o estado, e os cidadãos de Porto Alegre ficaram tão acostumados aos ataques que veem tudo como apenas mais um incômodo na sua rotina diária.

Em *Calmaria*, de Maria Eduarda Hojnacki Kologeski, há esperança em meio ao caos. Nas ruínas de um futuro em que o clima está descontrolado, mãe e filha vivem na proteção tecnológica de um mundo onde a violência contra a mulher se tornou passado.

A rua que ainda se chama Praia, de Denisson Beretta Cargioni, uma criança vive numa Porto Alegre inundada, sob a vigilância do holograma do avô e de um pai que reencontra, num velho exemplar do livro *Marcelo Marmelo Martelo*, uma razão para seguir guardando a memória.

Em *Voltando para casa*, de Jonatas de Souza Jacinto, a narradora descreve a história de luta de gerações de sua família após a grande enchente de 2014.

Em *Onde o peixe de pedra olha para o sol*, de Sheuli Centeno Lascano, num futuro em que a humanidade já colonizou a lua e parte do Rio Grande do Sul existe como ilhas artificiais sobre as águas, a abertura de uma cápsula do tempo incendeia a imaginação de quem nunca viu papel, terra firme ou o som do vento minuído.

Por fim, se há algo que destaca as histórias aqui reunidas, isso pode ser resumido em três aspectos. O primeiro é que são boa literatura, e seus autores são dignos do mérito desta seleção. O segundo é que são também leituras que entretêm o leitor e, o mínimo que se pode dizer, é que ninguém sairá entediado destas páginas. E o terceiro, e talvez o mais importante, é que são um retrato tirado a quente do *zeitgeist*, do espírito de seu tempo, dos medos e expectativas de um povo que se vê em eterna encruzilhada. É o registro literário e histórico de uma época cheia de conflitos, ambivalências e contradições. E isso não é pouca coisa.

Gabriela Leal

Mauro Paz

Samir Machado de Machado

Porto Alegre, abril de 2026.

Apresentação

O projeto *Rio Grande do Sul, 2125* nasce como um convite à imaginação e à reflexão. Por meio de um concurso literário, reúne contos inéditos que projetam o estado em um futuro possível, explorando transformações sociais, culturais, ambientais, políticas e tecnológicas ao longo do próximo século.

Aberto a autores de diferentes trajetórias, o projeto valoriza a diversidade de vozes e incentiva a escrita como ferramenta de pensamento crítico e expressão criativa. A seleção dos 20 contos que compõem esta obra revela múltiplos olhares sobre o futuro, entre utopias e distopias, memórias e projeções.

Mais do que um registro literário, este livro é um espaço de encontro entre ideias, territórios e gerações. Sua publicação em formatos impresso, digital e audiolivro amplia o acesso e reafirma o compromisso com a democratização da cultura. Assim, *Rio Grande do Sul, 2125* se consolida como um marco de criação coletiva, onde imaginar o amanhã é também compreender o presente.

Sumário

Arquivo 002009/2304	8
O último lambari do lodo	17
Estátuas de sal	22
Genealogia da tragédia.....	29
Evento sentinela.....	37
Chapeuzinho Vermelho	43
Aos 18, morre	52
O tropel da meia-noite	59
secos.....	66
Bilhete de Prata	71
Tropeiro do fim dos dias	77
Cartografia do apagamento	83
A úscara do fim	94
Bem-te-vi	100
Os ossos da terra.....	106
Imensa lágrima gelatinosa	112
Calmaria	118
A rua que ainda se chama Praia.....	122
Voltando para casa	132
Onde o peixe de pedra olha para o sol	137

Arquivo 002009/2304

Carol Schäfer



Quinta-feira 23/11/2124

Oi, eu sou o Paulo. Estou escrevendo isso pra gastar tempo e dizer que fiz alguma coisa. Não sei por que querem que eu escreva um diário. Isso é coisa de guria. Disseram que vai me ajudar. Pois agora é que tô mais irritado. Então é isso, tô escrevendo porque me obrigaram.

Segunda-feira 27/11/2124

Oi, eu de novo. Ainda não entendi por que tenho que escrever à mão se na tela é mais rápido. Todos meus amigos escrevem digital.

Papai disse que não posso me comparar com eles. Eu disse que todo mundo escreve assim. Mamãe disse que não sou todo mundo.

Quarta-feira 29/11/2124

Oi, nada de novo por aqui. Fui.

Sexta-feira 01/12/2124

Oi. Nem sei se preciso dizer (ou escrever?) sempre “oi”. Perguntar se tá tudo bem é que realmente não faria sentido, né? Você não sente nada. Você também não entende nada do que eu escrevo. De que adianta isso? Na tela pelo menos tem resposta.

Sábado 02/12/2124

Pediram pra escrever todo o dia, mas nem todo dia tem o que escrever.

Domingo 03/12/2124

Hoje encontrei uns amigos presencialmente. Foi legal.

Segunda-feira 04/12/2124

Na aula hoje xingaram um bolsista. Foi engraçado. Chamaram ele de empreendedor. GCC

(Minha mãe disse que não é pra escrever isso aqui. Pelo visto não posso mais gargalhar até cair o cu. Tô vivendo numa ditadura)

Terça-feira 05/12/2124

Nada de mais hoje nas aulas. O bolsista faltou.

Quarta-feira 06/12/2124

Papai disse que está preocupado com a economia. Não sei por que ele gasta dinheiro com médico mental pra mim. Isso devia ser só pra gente maluca. Mamãe não fala de economia.

Quinta-feira 07/12/2124

O médico mental pediu pra eu escrever mais. Como se minha mão já não tivesse doída o suficiente. Então lá vai. Acordei, caguei, comi torrada e tomei Cascau, escovei os dentes e liguei a tela na hora da

aula. A aula foi de matemática hoje. A Graça fez almoço. Não comi a salada porque é verde. Não escovei os dentes porque queria sobremesa. Ganhei depois da consulta, mas só vou escovar os dentes depois da janta porque tá muito perto da hora de comer e não quero ficar com gosto de pasta de dente pra comer panqueca original. Mamãe que faz, e é muito melhor que a industrial. Taí, vou ficar feliz por comer panqueca. Feliz, doutor Bernardo? Tchau. (Não vou mais dar tchau, se não dou oi, né?)

Sexta-feira 08/12/2124

Depois do café da manhã teve aula de geografia. O bolsista faltou de novo. Faz um tempo que ele não vem. Um outro guri também faltou hoje. Ele não é meu amigo porque papai não deixa. Perguntei pra ele na janta por que ele achava que eles tava faltando e ele disse pra eu não me importar com a ralé. Mamãe disse pra não usar essa palavra também. Mas aqui eu posso usar o que eu quiser. Não vão cortar minha liberdade de expressão.

Sábado 09/12/2124

Hoje eu vi na notícia que a casa do bolsista foi uma das que invadiram durante a semana.

GCC. Ele se ferrou!

Não sei o endereço do outro guri que faltou, mas ele fala com o bolsista. Então deve ter sido a mesma coisa com ele.

Sim, hoje também comi, caguei, escovei os dentes e joguei com meus amigos.

Domingo 10/12/2124

Tá. Acordei, comi, caguei... tu sabe. Foi bom dormir até tarde porque eu fui dormir tarde porque tava jogando. Tão fazendo almoço. Carne de verdade. Depois vamos passear de lancha no Guaíba. Quero ver se meu tio me deixa dirigir hoje.

Ele não me deixou dirigir. SF

Segunda-feira 11/12/2124

A aula foi de português. O almoço foi enlatado, eca, nojo. Dizem que no futuro a gente vai poder desenvolver coisa melhor, mas não

sei, não. Melhor mesmo é massa de verdade, carne de verdade. O bolsista morreu. Avisaram na aula e saiu na notícia. Papai disse que só matam quem merece, e deve ser mesmo. Aquele lá só ia na aula porque a gente pagava a parte dele. Lembrar de perguntar pra professora se agora que ele tá morto vai ter desconto no nosso pagamento. Papai vai gostar da notícia.

Terça-feira 12/12/2124

Me tiraram da transmissão da aula hoje. Ligaram até pra mamãe. Tô tendo que explicar o óbvio pra todo mundo, mas tu já sabe. Não é lógico? Se morre o bolsista, não precisam do dinheiro da mensalidade dele. Se não precisam do dinheiro, divide por toda a turma e dá desconto na mensalidade de todo mundo. Disseram que é pra eu “levar mais a sério” as consultas com o doutor Bernardo. Saco. SFTM

Quarta-feira 13/12/2124

Não vou escrever hoje.

Quinta-feira 14/12/2124

O doutor Bernardo é burro e não me entende. Pronto, escrevi.

Sexta-feira 15/12/2124

Não vou escrever hoje.

Sábado 16/12/2124

Não vou escrever hoje.

Domingo 17/12/2124

Não vou escrever hoje.

Segunda-feira 18/12/2124

Descobri por que não deram o desconto. Entrou outro bolsista.

Terça-feira 19/12/2124

Não vou escrever hoje.

Quarta-feira 20/12/2124

Não vou escrever hoje.

Quinta-feira 01/03/2125

Tô te dando outra chance. Acho que a mão não tá doendo tanto pra escrever.

Sexta-feira 02/03/2125

O outro bolsista faltou hoje de novo. Esse era legal. Tomara que não matem ele.

Sábado 03/03/2125

Na notícia apareceu que iam fechar o bairro pobre inteiro. Vão fazer um muro. Acho que a Graça não vem mais.

Domingo 04/03/2125

O passeio de lancha foi legal, meu tio me deixou dirigir. Achei que seria melhor. O Tiago e os pais não tavam lá hoje.

Segunda-feira 05/03/2125

O Tiago conectou na aula hoje, não sei por que eles não foram ontem. Se eu pergunto todo mundo desvia o assunto. O Tiago não entrou no chat depois da aula. O Mateus disse que era bobagem, coisa de política. A gente não fala de política em casa.

Terça-feira 06/03/2125

Parece que todo mundo tá ignorando o Tiago, mas eu gostava dele. Não sei sobre o que conversar com meus amigos.

Quarta-feira 07/03/2125

Mataram o bolsista. O segundo, que era legal. Deram o aviso oficial hoje na aula. Meus amigos disseram que já fazia mais tempo porque bolsista perde a bolsa se falta muita aula, e ninguém ia querer perder a bolsa. Eu sei que aula é importante, mas faltar é mais legal. Imagina não poder faltar nunca? O Norton disse que é porque pouca gente consegue estudar. Não entendi o que ele quis dizer, todo mundo que eu conheço estuda (ou estudou, tipo meus pais e meu tio, e os

pais dos meus amigos)

A Graça não vem mais. Não sei se ela estudou. Ela nunca me falou isso.

Quinta-feira 08/03/2125

Falei pro doutor Bernardo do bolsista e do Tiago. Não deveria ter feito isso. Meu pai me xingou na janta.

Sexta-feira 09/03/2125

Tá tudo bem na aula e em casa.

Sábado 10/03/2125

O Tiago me chamou pra jogar, mas eu disse que tava com problema na conexão. Ele sabe que é mentira, já veio aqui em casa e sabe que a gente nunca tem problema de conexão. Tomara que ele entenda que eu não posso jogar com ele, mas queria.

Domingo 11/03/2125

Hoje não teve reunião de almoço nem passeio de lancha. É a primeira vez que não chove e cancelam. Fiquei assistindo tela, ninguém queria jogar online.

Segunda-feira 12/03/2125

Mamãe ficou em casa hoje. Por causa da Graça, ela disse. Mas se a gente tava com problema de dinheiro, não ir trabalhar é ruim, né? Mas eu gostei. Teve panqueca de verdade.

Terça-feira 13/03/2125

Hoje na aula entrou um homem de uniforme explicando como ia funcionar o muro que eles tava quase terminando de construir. Foi esquisito. Ele cortou a professora de história bem quando ela ia falar da separação dos estados — é minha parte favorita. Não entendi muito bem o que o homem falou, mas sei que nada muda pra mim. Acho que todo mundo ficou agitado sem motivo, a aula terminou mais cedo.

De tarde saiu na notícia que tavam coletando materiais para reciclagem e incineração. Perguntei pra mamãe se podíamos levar os

livros físicos dela. GCC

Fiquei de castigo e vim escrever.

Quarta-feira 14/03/2125

Nada demais hoje. Mandaram uma notificação de reunião pros pais que só a mamãe deve participar, como sempre.

Foi o papai que participou da reunião com a direção da escola. Esquisito.

Quinta-feira 15/03/2125

Todo mundo tava escrevendo no chat da aula hoje, e não era sobre matemática. Não vão mais abrir vaga pra bolsistas. E mais, as aulas vão ficar mais caras. Pelo menos foi isso que entendi. Não faz sentido, mas tava todo mundo escrevendo isso. Não falei nada pro doutor Bernardo.

Sexta-feira 16/03/2125

Meu fone estragou no meio da aula e não tinha o da mamãe pra eu usar, ela tava vendendo tela. Tive que pegar o simples na gaveta da Graça, ele não tem isolamento de ruído. Não entendi foi nada. Não deu pra jogar depois da aula sem o fone, aí fiquei vendendo tela com legenda pra não atrapalhar a mamãe. Vou pedir pro papai um fone novo na janta.

Ele disse que não dá pra comprar um fone novo agora. SF

Sábado 17/03/2125

Baixei uns jogos novos pra jogar sozinho, aqueles que não dependem do áudio pra sobreviver. Meio chato, mas melhor que ficar na sala com a mamãe. Agora o papai tá fora nos finais de semana também.

Domingo 18/03/2125

Perguntei se podíamos comer carne de verdade hoje e me mandaram pro quarto. Tô vendo que vou bater todos os recordes desses jogos idiotas.

Segunda-feira 19/03/2125

Foi difícil concentrar na aula hoje. Tentei puxar assunto no chat, mas ninguém falou muito por lá. Queria ver se dava pra marcar um

encontro presencial de novo, aquele outro foi tão legal, mas disseram que é um problema por causa do muro. Essa droga de muro nem faz sentido!

Terça-feira 20/03/2125

Esquece a aula. A coisa mais estranha aconteceu hoje! Dois caras de uniforme bateram aqui em casa e fizeram perguntas pra minha mãe. Ela me deu o fone dela e me obrigou a usar (disse que ia ver na câmera e na gravação da aula depois). Não consegui ouvir as perguntas, mas tem que ser importante pra virem aqui presencialmente ao invés de marcar pela tela. Quis perguntar pros meus amigos se os pais deles já tinham tido uma visita assim, mas desisti. Eles não iam me responder mesmo.

Quarta-feira 21/03/2125

Tô cansado demais pra escrever hoje.

Quinta-feira 22/03/2125

O doutor Bernardo avisou que essa foi nossa última consulta. Não sei se tô triste ou feliz. Ele disse que era porque eu tinha melhorado. Não sei. Não sinto isso. Talvez seja o problema na economia do papai. Ou o doutor Bernardo não gosta mais de mim que nem meus amigos, e não quer ter que falar comigo por obrigação. Perguntei pra mamãe e ela disse pra ver com o papai, mas não consegui esperar ele acordado hoje.

Sexta-feira 23/03/2125

Me atrasei pra aula. Vou ter que fazer tarefa extra. Não vi o papai hoje de manhã, e mamãe disse que ele vai passar a noite trabalhando. Não preciso mesmo do doutor Bernardo, nem de outro médico mental. SFTM

Terça-feira 27/03/2125

Um amigo meu não foi na aula hoje. Eu tô triste. Não vejo o papai desde quinta.

Sábado 31/03/2125

Oi. Mamãe me contou hoje que o papai vai demorar pra voltar, que tá numa viagem do trabalho. Ele podia ter dado tchau antes, né? Tchau.

Segunda-feira 02/04/2125

Falaram que meu amigo Felipe e os pais dele fugiram do país. Por isso ele não tava indo nas aulas. Disseram que foram pro Brasil porque não sabiam falar espanhol. GCC

Será que meu pai fugiu pro Brasil?

Quinta-feira 05/04/2125

Eu não tô falando com ninguém, nem a mamãe. Tá um saco.

Conteúdo digitalizado em 17 de agosto de 2125

Objeto: caderno com escrita manual

Data da coleta: 23 de abril de 2125

Origem da seleção: reciclagem póstuma



Autora: Carol Schäfer

Caroline Schäfer é artista multidisciplinar, escritora e designer visual radicada em Porto Alegre. Aos 30 anos, transita entre palavra, imagem e som, trazendo para a criação sua trajetória marcada pela música coral, pela formação em design e por uma vivência profundamente atravessada pelo feminismo. Mulher cis branca, acredita na arte como gesto político, espaço de cuidado e ferramenta de transformação. Para ela, criar é um ato de resistência que imagina futuros possíveis, mais justos e sensíveis.

O último lambari do lodo

Henrique Sommer



O anzol vibrou a linha de pesca. Físgou. Encurvou a vara. Andou com a leve correnteza que corria para o canal República e voltou para perto do prédio. Repetiu e repetiu, cortando a película viscosa da água. Fazendo um oito na escuridão opaca. Não é lixo, é coisa viva!

Um jacaré-açu? Ele não nada tão fundo e, se fosse, eu teria ido com vara e tudo. Um peixe? Aqui? Bem no dia de Nossa Senhora? O último peixe que eu tinha visto se chamava tainha, mas seu Cabana falou que esse era de água salgada. Se bem que eu nem sei que tipo de

água é essa. Nem mesmo se é rio ou lago. Quem ainda se importa? Agora é Cidade Baixa. Tudo é Cidade Baixa.

Minha mãe contava que, quando pequena, pescava lambari do lodo no canal Borges. Mas lambari era peixe pequeno. Esse aqui deve ser grande pra puxar com tanta força e agarrar um anzol de garimpar plástico. O anzol é de garimpar qualquer coisa, na verdade. Plástico, sucata, até uns mexilhão que ainda existe. Mas principalmente plástico. Plástico vale mais.

Firmo os pés na marquise do prédio e encaixo os braços no corpo. Uma hora o bicho vai cansar. Seu Cabana dizia que era assim que se pesca peixe grande, na fé do cansaço. Encaro a linha que dança na água sem reflexo e parece mais com uma cama de borracha. Será que é assim até o fundo? Pensar que aqui já foi o décimo andar. A mãe contava que quando tudo começou a encher de vez, a Incorporadora ainda tentou limpar a água, mas desistiu. Queriam criar a Veneza dos Pampas. No fim, dava mais lucro investir nas cúpulas da Cidade Alta e deixar o povo aqui embaixo, empilhados nas palafitas.

Nunca vim pescar nesse braço, o Sofia Veloso. Os prédio ainda tão inteirinho. E olha que hoje me disseram que o garimpo bom mesmo era no canal Osvaldo Aranha. Aposto que lá não tem coisa viva. Além disso, os grandes canais tão cheio de brigadiano por conta da procissão. Pelo menos aqui tô protegido do mormaço e já peguei quase dois quilos de plástico. E agora, esse “peixe”. Quem diria? Um peixe no dia da Nossa Senhora dos Navegantes.

Quanto será que custa? Eu nunca vendi um. Cinco? Seis? Até dez créditos de carbono dependendo do tamanho? Isso daria um mês de aluguel do meu filtro de ar. Talvez até renda um motor melhor pro barco. Imagina largar mão dessa rabeta com motor de drone. Mas quem compraria um peixe? Acho que só os bacana da Cidade Alta pra pagar. E já venderia junto esse plástico todo que peguei aqui. Plástico bom. Acho que consigo até um meio crédito nele. Nem mergulhando no muro Mauá pra raspar mexilhão conseguiria tanto. Nossa Senhora me abençoou.

A última vez que eu vi um peixe foi há uns 10 anos. Mas nunca vi

vivo. Seu Cabana que pescou. Fez uma fritada e chamou todo mundo da vila. Era um bando de curiosos se espremendo no barraco do velho só pra ver os mais de dez balde de tainha. Ninguém sabia que ainda podia existir tanto peixe. Eu achava até que estava extinto.

Seu Cabana disse que pra pescar tudo aquilo, teve que navegar pro interior, num lugar que antes era uma grande laguna e que agora é só o mar mesmo. Navegou quilômetros até conseguir ver o sol e sentir a água limpa pra poder jogar a tarrafa. Ele foi a única pessoa que conheci que sabia jogar uma. O velho até garimpava assim e pescava muito plástico na tarrafa. Ele contava que viveu pra limpar essa cidade. Trabalhou como gari, muitos anos antes de começar a encher e foi um dos primeiros garimpeiros de plástico que surgiram.

Queria ter aprendido a jogar tarrafa com ele. Mas seu Cabana morreu logo depois da fritada de tainha. Ele dizia que aquela pesca tinha sido a maior bênção que ele teve na vida. E uma bênção tem que ser compartilhada. Ninguém na vila esquece. Imagina só hoje aparecer com um peixe. Meu primeiro peixe. A mãe vai ficar feliz.

O mormaço não cessa de torrar. Mais um drone de publicidade corta o céu leitoso. Outro anúncio da Incorporadora. “Um novo conceito de moradia, uma volta às tradições.” Vão construir outra cúpula de vidro no morro Santa Tereza. Toda vez que escuto isso, tenho vontade de me jogar nessa água podre. Eles dizem que é casa com arquitetura do início do século passado. Uns caixote de concreto e vidro, tipo uns forno perfeito pro mormaço. Só que ouvi falar que dentro das cúpulas é 20°C constante e que algumas até recriam o inverno alguns meses do ano.

O povo gosta de dizer que fica mais estiloso com roupa de frio. Tem uns que até andam pilchado e tomam chimarrão. Nada contra, eu gosto de chimarrão, mas a erva é cara. A Incorporadora sempre vendeu a imagem de que essa é uma tradição do verdadeiro gaúcho-europeu, não coisa de vileiro que nem eu.

Mas não sei de nenhum europeu que ensinou o povo a tomar chimarrão ou a viver em palafitas. Nunca quis viver num desses caixotes. Queria só ter crédito para quitar o aluguel do filtro, colocar um motor

melhor no barco e enfrentar o mar grosso. Viajar pra longe da névoa da cidade. Poder ver o sol, assim como seu Cabana. Lá deve ter muito peixe. Será que encontro alguém que me ensina a jogar tarrafa?

Eu também quero a minha bênção. Uma bênção da mãe das águas. Não sou feito povo da Cidade Alta, que só acumula créditos pra se esconder nas suas cúpulas e só sabe dizer eu, eu, eu. Nasci do mormaço. Sob esse eterno céu leitoso. Eu caminho sobre vielas das palafitas, na grande vila que chamo lar. Eu navego sobre uma cidade que um dia foi seca, mas que nunca vai voltar a ser. Eu sou o povo das águas e hoje à noite a janta é no meu barraco. Que churrasco de rato o quê. Hoje tem peixe no dia de Iemanjá!

O céu leitoso perde seu brilho. Outdoors luminosos começam a ligar, um a um. Está mais claro que o dia, não há sombra, somente a água escura. Velhos e futuros empreendimentos da Incorporadora nos prédios abandonados. É impressionante como não poupam nenhuma fachada. Não posso voltar tarde e esse peixe não cansa, só repete um movimento de oito mecânico.

Dou passos para trás. Parou de puxar por um momento, a linha afrouxa. Sinto arder meus músculos. Mas o peixe começa a ir pra longe. Antes de tensionar tudo, agarro a linha na mão. Puxo com a força que resta. O sangue corta pelos punhos. Grito. Tá vindo para perto do prédio. Tá vindo! Vou dando pequenos passos pra trás. A criatura já saiu da água. Deve pesar uns setenta quilos. Não se debate, raspa pelo concreto. Até que, num puxão, fica sobre a marquise do décimo andar.

Levanto lentamente. Rastejo até o peixe metálico. Um robô aspirador preso no anzol de garimpar plástico. De garimpar qualquer coisa, até uma estrutura robusta, provavelmente da segunda metade do século passado, de uma época em que a Incorporadora ainda tentava limpar as águas. A mãe falava que, antigamente, adaptavam esses aspiradores de robô pra servir de filtro de ar. Outros até tiravam o módulo de inteligência e faziam um bom motor de barco. Nunca tinha visto um vivo, até achava que tava extinto.

A noite já caiu totalmente. Se não fosse as fortes luzes, talvez

pudesse ver as estrelas. Seu Cabana com certeza deve ter visto várias. Encaro a escuridão do rio. Lago. Quem ainda se importa? Ainda é dia de Iemanjá, mãe das águas doces e salgadas. Mas quem é mãe dessa água que não reflete o céu nem os outdoors?



Autor: Henrique Sommer

Henrique Garcia Sommer, bacharel em Música Popular (UFRGS), é escritor, roteirista, músico e diretor de som. No cinema, co-dirigiu *Mar em mim* (2025), roteirizou *Gotas do tempo* (2024) e assinou o som de obras como *Tributo*, *Chorume* e a internacional *The birdcarver*. Na literatura, publicou *Diverso em verso* (2021) e integrou a coletânea *As formas que dão o avesso* (2023). Atualmente, prepara novos contos e um livro de poesia com lançamento previsto para 2026.

Estátuas de sal

Guilherme Suman



No dia em que o pai morreu, finalmente voltou a chover. Nuvens de chumbo inchavam a tormenta que o ar parado prefacia. Contava já meio ano que a seca revidava contra o Rincão do Livramento.

No diagnóstico, o doutor da cidade que veio de léguas num jipe rafado de cor militar batizou a mazela. Só vi o sujeito, em seu jaleco empoeirado, duas vezes na vida. Porém, sem rodeios, me disse que o pai não teria mais tempo nem mesmo vigor. Na certa era morte que logo se vinha e que eu deveria me bandear com urgência daquele lu-

gar. Ao examinar o corpo miúdo, escutando os chiados, notou o roxo no lábio e nas unhas do velho. Então, emendou um suspiro profundo pra dar o despacho, ganhando segundos pra nos encarar. Perguntas de praxe. Sentenças demais. Dizia, entretanto, a nossa vizinha, beijando os noventa, que malva-do-reino podia o curar. Em 2125, no sul que há no sul, era um hábito há muito tão caro o de ter qualidade pra se respirar.

Cabia, no fundo, só reza e remédio sem muita esperança. E se a crise viesse, aguda e feroz, não havia socorro, porque o antigo médico da vila, doutor Januário Pinceta, se aposentou aos setenta já faz cinco anos, e seu consultório virando museu, tornou-se inútil, não tão devagar. Na parede caiada, ainda há cartazes colados sobre epidemias, febres e otite, coriza e sintomas, inchaços e abscessos que nunca nem vi. As macas puídas e o cheiro acre de cloro resistem ao tempo, além de um crânio sintético e verde. Quando eu era criança, nos poucos exames que fiz, aquele artefato guardava mistérios dos quais bem pouco me lembro, mas sempre me perguntava quem era aquele vivente que outrora tivera esqueleto de jade.

O pai partiu sem nunca ter ido sequer na cidade que cruza a fronteira pro lado de lá. Não teve nem choro nem extrema-unição. Foi tão depressa, depois que o pulmão travou sem dar trégua e a fibrose calhou de vingar. Gemidos baixinhos no abafo dos chios, no súbito instante, finou-se o homem que mal conseguia escrever o seu nome nalgum testamento ou carta de adeus. Fechei-lhe os olhos, espumando negres, e pus ao seu peito, tão magro e pequeno, as mãos desnudadas de pele encerada já meio luzente num gesto de paz.

Olhei da janela o deserto esticado na arenosa paisagem. A grama já para na perda do viço, causou-me repulsa na áspera vista. Voltei a encarar o cadáver do velho, esquelético e murcho, agora sem dor. Minha boca rachada secou sem saliva. A raiva imediata infiltrou minha cara barrando a mordida na tranca dos dentes.

O território foi tão devastado que apenas um naco sobrou. Os capões expiraram, foram abduzidos. Restaram os fósseis de troncos já petrificados, que a arqueologia sem data dissecará como prova de que

lá houve uma sombra pra reles descanso naquele umbral. O gado pisou tanto no campo com cascos enfermos que nada aflorou, além das coivaras lambendo a relva com a língua impiedosa do fogo adestrado. Fissuras rompiam na estreita planície enquanto o comício de grandes tratores marchava inclemente por sobre a estepe.

Satélites e homens vigiam a campanha, enquanto peões abusam do arado molestando a lavoura. Centauros metálicos à sombra da terra. Tudo isso é o que fez desse arremedo de grota que temos por lar, recanto esquecido, que até Deus caduco parece olvidar. E assim o lugar sucumbiu indefeso. Alguns já partiram com malas pequenas e sonhos demais, enquanto os que ficam, tal qual minha gente, só eles têm pela frente o que deixam pra trás.

Cavei sem parar. O chão duro teimou. No fundo do rancho, ao lado da mãe, a cova rasa e grosseira que os bichos farejam de longe de certo, serviu de sepulcro aos restos do pai. Talvez fosse esse o anseio das bestas famintas da mímica de carne e de tripa, à espregueira selvagem de terem medula e tutano pra ceia no meio da noite e do temporal. Depois de alguns golpes com a pá que um dia esculpiu outro leito, romperam-se no solo as tiras de poucas porções. Saldo injusto em face do esforço. O sol castigava a moleira tostada, fazendo minha goela clamar por um gole de algo mais forte que a água salobra do poço artesiano. A tarde se enturva ao fundir o seu bronze borralho, perdendo espaço pra enxertos grisalhos de mil nebulosas que se aglomeravam chamando a manga de água da chuva.

Jaziam com ele as tantas palavras por nós nunca ditas. Dona Mirna se foi eu nem andava direito. Foi pai quem deu conta de mim e de tudo, daquele seu jeito tímido e bronco, embrulhando o corpo e o luto sentido num pano mortiço e dourado. Eu lembro dos estilhaços daquele momento. Recordo o barulho de duas roldanas trazendo um balde de água barrenta pra amolecer um pedaço de leiva erosiva com a mesma pá de cabo de angico que agora usei pra essa fossa do pai.

Eu não era um leigo sem próprias escolhas. Fui o primeiro a ter um diploma de toda a família. Os Messina bradavam que letra não erguia casa, não arava terreno, não rendia pão. Voltei pro Rincão for-

mado e douto, diziam-me louco por ter regressado. Queria ao meu lado o pai orgulhoso e a quietude de sempre provando pra mim o quanto eu honrava nossos ancestrais. Porém, fui ficando por dentro das noites, trocando os estudos e os livros que lia por furos nas palmas que erguiam a enxada como as do pai. Suas dívidas tantas com os donos da terra fizeram-lhe estátua naquele confim. Pra pagar meu estudo, devia absurdos a quem depenava a miséria com taxas e juros carrascos, enfim.

Porque são esses coronéis dessa era com seus drones imensos que espiam os terços de campo afora, vigiando o limite impreciso das posses. E se alguém contestava, cantavam metralhas nas costas alheias de tal atrevido.

Os senhores de tudo aqui são tão poucos, agrônomos e herdeiros, em grandes picapes blindadas, de olho em painéis que o GPS orienta tal qual fosse um mago de exatas palavras. Sabem de Nasdaq, de silos, pivô de irrigação, barril de petróleo, margem bruta da safra, de agrotóxico e pesticida que rebenta as chagas nesse torrão leproso e outras barbaridades. No fundo, o futuro parece o passado no espelho cravado que pouco mudou.

Na sala do rancho, dei umas bicadas na ardida cachaça que o pai só bebia em celebração. Dormi encostado à porta da sala, curvado no piso como um feto ferido num parto do avesso. Tremia inteiro do trago e do luto.

Me ergui logo cedo e fui pro povoado. Náusea e cansaço puniam demais. Lembrei do meu velho dizendo faceiro com típico acanho que eu era doutor. Mal ele sabia, que eu não seria o que ele sonhava. Só tinha o canudo pendurado no prego de zinco e nada mais.

Chegando ao cartório, tomei o assento. À frente, um negro roceiro careca e banguela e uma senhora ditosa com pernas roliças saltando varizes. Delongas um eito. Chegou minha vez. Num gesto ensaiado, a atendente sorriu. Nome, dados, endereço. Dei-lhe a notícia da morte do velho.

— E a esposa? Herdeiros? Tudo era feito com alguma frieza.

Depois de um bocado, a moça alegou não haver meu auxílio.

— Há um engano, madame — eu lhe disse espantado.

— Lamento, senhor. Volte outro dia. Hora do almoço!

Eu quis alvoroço, mas não tinha nem força. Eu quis soluçar, não havia nem pranto. Caminhei desolado até a calçada encoberta de lodo de ontem. Na agência bancária que arcava o trabalho da gente rural, liguei pro doutor pra pedir o atestado. Desligado. Deixe recado após o sinal. O gerente lastimou minha perda.

— Mas...

— Merda. Eu não posso sair daqui sem um saldo. Sem algo que dê pra pagar o restante...

Lamento. Lamento. Lamento. Ouvi de todo lado. Ninguém, no fundo, tinha parado pra me olhar de verdade.

Exausto, no meio da tarde, tomei a coragem e fui à sede dos nobres patrões. Um sóbrio palácio despontava perene na palidez do Rincão. Na entrada, biometria não reconhecida.

Um jagunço caudilho de arma em punho já veio hostil falando comigo de um jeito turrão. Dei-lhe o RG, contei quem eu era, falei do seu Bento e da minha questão. No radinho ele pediu pra alguém lá de dentro se eu deveria marcar um horário ou não.

O guarda espiado acenou com a cabeça. Fitou-me inteiro e abriu o portão.

Escoltado à sala por outros matutos, esperei dez minutos cravados. Enfim, pela escada, desceu o patrão. Um homem mais jovem, de média estatura e cabelos lambidos, estendeu sua mão. Devolvi o seu gesto num aperto tão forte que a falange do dedo sentiu a pressão.

No olho do homem dançava o diabo. E eu não temia sua aparição.

Falei de meu pai, do velório caseiro. De toda a tragédia e da situação.

— Seu.. Seu Bento. Seu Bento Messina. Ah, lembro por cima. É aquele do rancho do velho Rincão. É, meu amigo, meus sentimentos.

Abriu na minha frente um aparelho estranho, deslizando o dedo na tela enquanto seus lábios recitavam o nome do pai.

— Aqui, oh, é coisa de juroz imensos, meu caro.

— Amaro. Amaro Messina.

— Prazer, meu amigo. Ricardo Galvão. Um seu criado. E soltou um riso desbotado ao lado dos guardas, que reagiram sem graça por bajulação.

— Eu posso, Amaro, é lhe dar uma folga no prazo, quem sabe. Não cabe é extinguir a conta nem arregar o ágio. Falo também em nome do seu Genuíno que está acamado, pois ando tocando os negócios por ele.

— Lhe digo, Amaro, que isso é coisa que ergue um homem: orgulhar sobrenome ao quitar o patrão.

Engoli doído aquele escárnio. Um herdeiro engomado me dando sermão.

— Negócio é negócio...

Acenei disfarçando ter compreensão.

— Ricardo Galvão. Alô, quem fala? Nandico, seu bosta, quanto quer pelo gado? Dou o triplo pra tirar do Felizardo também.

Ouvi essa conversa por sobre meu ombro como uma ladainha perversa que me fez voltar pro carro arfando a respiração. Naquela noite escura, não preguei o sono. Apurei a armadilha em que meu pai se enredou. Entre contas, recibos, notas e extratos, bebia a quentura de um café requentado enquanto a azia escaldava meu bucho.

Desvendi os mistérios que sua morte arrancou... Nada nos havia sobrado de reserva ou legado. Foi então que a lágrima estourou dos

diques e virou inundação. Era um choro convulso. Fiquei meio rouco. Meio louco. Meio pasmo. Me atravessou, de súbito, um sorriso trêmulo e largo de dissipação.

Quando dei por alto, estava lá desesperado no interior do galpão. Dois galões brancos e cheios. As chaves do auto. Só lembro uma lasca de tudo. O carro venceu a lombada e o portão. Rompeu o gradil com efeito. Os guardas sonolentos, num cagaço e tanto, sacaram pistolas já tarde demais.

Cheguei ligeiro na porta da frente, entrei sem licença, jorrando o diesel por todos os lados enquanto Ricardo gritava do fundo do quarto no segundo andar. Num riso sinistro, risquei o isqueiro e lancei casa adentro o fogo veloz. Logo brotaram os berros dizendo chamar os bombeiros já quase sem voz. Mas não chegariam a tempo. A chama bailava comigo. Os guardas perdidos buscavam mangueiras e baldes de água escassa e distante. Ninguém atinava por minha presença. Sobrou-me o espetáculo de brasa e cólera enquanto a flama engolia o palácio e alcançava o jardim.

Os guardas mantinham meu carro em custódia, mas não chegavam nem perto de mim. Foi quando, passando uma hora, ouvi bem de longe as sirenes trinando. E ao invés de ter culpa, eu tive sorte.

— Diga, Ricardo, quanto lhe devo? Acha que o quito com isso que fiz? A morte não livra seu Bento das contas. E o bacharel finalmente vai conhecer um juiz.



Autor: Guilherme Suman

Guilherme Gutierrez Suman Professor de literatura formado pela UFRGS, Mestre em Sociedade, Literatura e História da Literatura (UFRGS), pós-graduado em Cinema e Psicologia Forense e Jurídica. Recebeu, em 2024, o estimado prêmio Vitor Mateus Teixeira, concedido pela Assembleia Legislativa do RS, na categoria obra cinematográfica. Seu filme de estreia foi citado na icônica revista Rolling Stone Brasil como “aclamado”, e como “importante influência cultural” pelo jornal Zero Hora.

Genealogia da tragédia

Gerson Vieira



Hildebrando Fagundes ajeitou a alça da mala pela terceira vez naquela manhã. O couro sintético já tinha marcado o ombro magro, mas ele não reclamou. Ao lado, Bento caminhava em silêncio, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco fino demais para o vento cortante que vinha do sul.

A estrada velha, que antes fora asfalto movimentado entre o vale

e a serra, agora era um rastro de buracos e poças salobras. O mundo cheirava a lama seca, ferrugem e fumaça distante. O guri chutava pedrinhas, desviando dos trechos que as enchentes de dois anos antes tinham arrancado.

Hildebrando olhou para o céu nublado, de um cinza sem brilho, e pensou que, se o pai ainda estivesse vivo, diria que aquilo não era céu de Rio Grande do Sul, e sim de algum lugar que Deus tinha esquecido de terminar.

— Pai... é hoje que a gente chega na serra? — Bento perguntou, sem parar de andar.

Hildebrando demorou a responder. O vento trouxe um cheiro leve de queimado, como se alguém, muito longe, tentasse aquecer água num fogareiro.

— Depende de quanto as tuas pernas aguentam, guri. E de quantas barreiras vão botar no caminho.

O menino bufou. No abrigo, tinham prometido comida, hospedagem e segurança na serra. Já tinham prometido muita coisa antes.

Andaram mais um pouco em silêncio. Bento puxou o zíper da mochila gasta para conferir o conteúdo. A mão encontrou o plástico grosso que envolvia o álbum de família e, logo abaixo, a lombada dura do livro de capa azul marinho: “Genealogia da família Fagundes, 1712–2099”.

Uma vez, no ginásio, antes de as águas levarem a escola, a professora de História tinha pedido um trabalho sobre a origem da família. Bento levava o livro. A turma riu do tamanho daquilo, das letras miúdas, do jeito orgulhoso como ele segurava o volume pesado. Agora, era tudo o que restava.

— Por que a gente ainda leva esse troço pesado? — ele resmungou. — Dava pra encher de comida.

Hildebrando sentiu as juntas do pescoço estalarem ao virar o rosto.

— Porque é o que sobrou da nossa casa. Do que a gente era antes da água.

Bento chutou uma pedra com mais força do que precisava.

— Casa era as paredes, os móveis. Isso aí é só papel.

Hildebrando parou. A mala pendia do braço, quase arrastando no chão. O vento levantou poeira e um pedaço de plástico colorido dançou no ar antes de se enroscar num toco seco à beira da estrada.

Lembrou dos tios em São Leopoldo, em 2023, rindo da ideia de salvar álbuns de foto enquanto as primeiras enchentes levavam casas inteiras. Na época, diziam que era exagero. Hoje, quase ninguém lembrava os rostos que ficaram pra trás.

— As fotos da vovó Lívia comendo bergamota, do teu bisavô que contava histórias dos Açores... — falou baixinho. — Sobrou porque era leve. Peso de verdade é o que dói deixar pra trás.

A frase ficou entre os dois, como a neblina que descia do morro. Caminharam até avistarem o que antes fora um posto de gasolina. Numa parede, alguém pichara: “Longe da água, perto da fome”.

Aproximaram-se com cuidado. Em tempos assim, qualquer estrutura podia ser abrigo ou armadilha. Bento correu até uma velha geladeira deitada ao lado do prédio, porta escancarada, e só encontrou ferrugem e vazio. Do outro lado, Hildebrando empurrou a porta principal. Aberta.

Lá dentro, o cheiro de pó e óleo velho. Prateleiras tombadas, balcão quebrado, pacotes rasgados. Aquele lugar, antes barulhento de vozes, motores e propaganda de gasolina barata, agora era só eco.

— Vê se acha alguma lata fechada — pediu o pai, sem erguer a voz.

Bento revirou o chão com pressa, até que um brilho opaco chamou sua atenção. Sobre uma prateleira sobrevivente, uma lata amassada de ervilha, rótulo quase apagado.

— Vencida há uns quinze anos — murmurou Hildebrando, virando a lata nas mãos.

Não falou em voz alta, mas a imagem que lhe veio foi a da mesa farta em Esteio, churrasco, maionese, o pote de ervilha esquecido num canto. Agora, aquela lata valia um mundo.

— Vai servir — decidiu, entregando ao filho. — Mas guarda. A gente não sabe o que encontra até anoitecer.

Bento enfiou a lata na mochila, ao lado do livro, e fez careta ao imaginar o cheiro.

Um ruído leve, arrastar de algo pesado vindo do fundo, cortou o momento. Hildebrando ergueu o dedo aos lábios, pedindo silêncio. As histórias de gente matando por menos do que uma lata de comida voltaram todas de uma vez.

— Só um velho aqui — avisou uma voz rouca, antes que o medo endurecesse de vez.

Do corredor escuro surgiu um homem magro, cabelo branco em tufos, casaco puído com um emblema apagado de time de futebol. Veio com as mãos à mostra, passos lentos.

Chamava-se Álvaro. Contou que tinha ficado ali quando todo mundo foi embora pro norte ou afundou junto com o litoral. A coluna já não aguentava estrada, e ali ainda tinha um canto que ele chamava de seu.

Hildebrando mediu o velho de alto a baixo e viu ali uma possível troca.

Tinham roupas sobrando. Álvaro tinha um fogareiro que funcionava, lenha seca — e uma notícia ruim: o acesso à serra estava sendo fechado. Conselho regional, milícia comunitária, discurso de preservar recursos. Quem já estava lá em cima ficava. Quem vinha de baixo, só entrava com parente registrado ou algo muito valioso pra oferecer.

As histórias de gente voltando com a mochila furada por tiro de advertência completaram o recado. Dois anos caminhando com a serra como promessa e, de repente, nada.

Bento chutou o chão, sem saber se era raiva ou medo.

Hildebrando apertou a alça da mala até os dedos embranquecerem. Desde que saíram da metrópole alagada, a única certeza era caminhar. Parecia que até isso queriam tomar.

Álvaro pensou um pouco, o olhar indo do pai ao filho, até cair na mochila de Bento.

— Fica aqui hoje — sugeriu. — Eu boto o fogareiro pra funcionar, temos um pouco de arroz quebrado. Cozinho metade, vocês dividem comigo. Em troca, me contam essa tal genealogia. Já ouvi muita desgraça, mas faz tempo que não escuto uma história inteira de família.

A ideia de comida quente e fogo de verdade bastou. À noite, no antigo depósito de óleo adaptado em abrigo, o fogo tremia sob a panela. O cheiro de arroz enchendo o espaço fez o estômago de Bento roncar alto, para alegria de Álvaro.

O livro azul marinho, aberto sobre um pano seco, parecia um altar pequeno no meio do improvisado. Hildebrando passou a mão pelas páginas amareladas.

Começou contando de 1712, dos Açores, do primeiro Fagundes atravessando o Atlântico num barco de madeira, sem saber nadar, carregando uma medalha de santo, um saco de sementes e teimosia. Falou do Rio Grande ainda por fazer, de terra demais e gente de menos, de prejuízo, de quase voltar, de ficar. Do pedaço de chão perto de Rio Grande, hoje engolido pelo mar.

Álvaro suspirou ao ouvir o nome da cidade onde o pai dele pescava. Bento, de olhos fechados, acompanhava a história como quem revisita um sonho conhecido.

Vieram então os tropeiros na campanha, a serra, as fábricas, professores, funcionários públicos, a Guerra do Paraguai, a Revolução de Trinta, o agronegócio, os aviões pulverizando soja, o orgulho de exportar carne e grão. E, por fim, a seca longa de 2020 e 2021, verões que não acabavam, rios baixando, jornais chamando de “evento extremo” como se fosse exceção, até a enchente de 2024 provar que o normal tinha virado lenda.

O arroz ficou pronto. Álvaro serviu três tigelas de metal, com mais cuidado do que teria com ouro.

Depois de algumas colheradas lentas, ele quis ouvir a parte de Hildebrando na saga.

O homem falou das enchentes como quem conta uma doença que ainda não teve alta: os alertas no celular que ninguém levava tão a sério, a água subindo da canela ao pescoço em poucas horas, crianças empilhadas em cima de móveis até o telhado ser levado junto, esposa e filha menor sumindo na correnteza, mãe soterrada em deslizamento, irmã morta de leptospirose em abrigo. Tinha sobrado ele, Bento, duas malas e aquele livro.

Álvaro baixou a cabeça num respeito silencioso.

Lá fora, o vento engrossou, alguma coisa bateu contra a chapa metálica.

— Não é só enchente nem seca — Álvaro murmurou, olhando pro fogo baixo. — É o abandono. Comer rápido, andar rápido, fugir rápido... e esquecer rápido também.

Mais tarde, no meio da madrugada, o som grave no céu arrancou o sono dos três. Um zumbido mecânico conhecido demais. Foram até uma fresta na parede. No Escuro, duas luzes brancas rodavam em círculos sobre a estrada.

A voz metálica desceu, limpa:

— Atenção, deslocados. Este setor encontra-se sob observação do Conselho da Região Elevada Um. Retornem às suas áreas de origem. O fluxo em direção à serra está suspenso. Protocolos de sobrevivência em vigor. Para registro biométrico, permaneçam em áreas descobertas.

Bento sentiu o estômago virar. Origem. O lugar de onde vinham já não existia: afundado, queimado, desabado.

Álvaro puxou os dois pra trás, longe da fresta.

Explicou, em voz baixa, que quem era escaneado entrava no sistema, ganhava destino marcado em abrigo, campo de trabalho, reciclagem de gente. Nenhuma daquelas palavras combinava com futuro.

Hildebrando pensou alto, encarando o livro aberto no chão: serra fechada, litoral engolido, metrópole lotada e afogada. Os drones mandando todos voltarem pra um lugar que tinha sido apagado do mapa.

Hildebrando folheou o livro até encontrar uma anotação à margem, escrita em letra miúda, talvez do avô ou bisavô. Leu o rabisco antigo e o transformou em resposta: Quando faltasse terra, o campo seria mais do que cerca. Fronteira não era muro, era caminho.

Os olhos dele encontraram os do filho. Os Fagundes, repetiu, não tinham atravessado oceanos, guerras e secas pra aceitar um “não” de conselho nenhum. Talvez a travessia agora não fosse pra cima, rumo à serra, mas pro lado.

Álvaro completou o desenho, falando do oeste, da fronteira, das ruínas de estâncias onde, diziam, gente se organizava longe dos olhos do conselho. Pampa, não serra, não mar. Água que não chegava tão forte. Mando que não chegava tão alto.

Hildebrando fechou o livro devagar, como quem sela um trato. Os Fagundes já tinham sido de Rio Grande, da campanha, da serra, da capital. Se fosse preciso, seriam da fronteira também.

Os drones continuavam o mantra lá fora, prometendo segurança em centros de triagem que ele sabia serem depósitos de gente.

Vestiu o casaco, testou o peso da mala. Bento guardou o álbum e a genealogia na mochila, ajeitou a lata de ervilha ao lado. Álvaro os observava com uma mistura de respeito e tristeza funda nas rugas.

Remexeu num canto e trouxe um mapa de papel, amarelado, rabiscado à mão, com linhas tortas indicando caminhos secundários, rios, vilas que talvez não existissem mais.

— Leva. O mundo muda mais depressa onde todo mundo olha. Nos cantos esquecidos, ele demora mais — disse, dando de ombros.

Hildebrando recebeu o papel como quem recebe um sacramento. Perguntou de Álvaro, do que faria ali.

O velho respondeu sem drama: era raiz, os dois eram semente. Ficaria segurando o pouco de pé que restava naquele posto arreben-tado. Se um dia voltassem, talvez ainda estivesse lá pra ouvir o resto da saga Fagundes.

Bento o abraçou, rápido, desengonçado, chamando-o de vô. Álvaro riu de um jeito que virou tosse, dizendo que fazia tempo demais que não ouvia aquela palavra.

E, no silêncio áspero da terra gaúcha de dois mil cento e vinte e cinco, devastada e faminta, duas figuras pequenas se afastavam, recortadas contra um horizonte que ainda não tinha decidido se ia engolir ou acolher quem teimava em caminhar.



Autor: Gerson Vieira

Gerson Laerte da Silva Vieira é natural de Canoas-RS, participou da primeira gestão da Casa do Poeta de Canoas e de diversas coletâneas da Casa. É graduado em Ciências Contábeis pela Ulbra Canoas e acadêmico de Letras/Espanhol na Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR.

Evento sentinela

Ana Luiza Arnold



Fazia muitos anos desde que eu não descia do décimo quinto andar. Seria estranho não ter as copas das Araucárias onipresentes, vigilantes. Enquanto me aprofundava nos mistérios das Sempre-Verdes, eu as considerava mais mães do que a minha própria, sempre mais envolvida com o ClimaTempo e seus mapas do que comigo. As Araucárias, ao contrário, me vigiavam passivamente, em silêncio. Elas eram minhas companheiras de dança, balançando ao vento, meu esconderijo dos olhares do prédio B, minhas melhores confidentes. Eu

gostava de fingir entender seus sussurros, apoiando-me na sabedoria de séculos de raízes e de quilômetros de sedimentos que vieram lavados do Além-Rio, condensados na calma e reconfortante presença da floresta.

Agora, adulto, eu via as escritas desse conhecimento não só nas ranhuras de suas cascas, mas também na minha pele, me unindo à essência das Árvores. Minha mãe dizia que isso era fruto da minha imaginação, mas eu sabia ter mais sobre o mundo do que ela me falava. Em suas febres delirantes, as visões do Climatempo ainda a assombravam; pensava ver nas nuvens dos céus as águas que formaram nossa cidade, décadas atrás. Ela lembrava de objetos e lugares há muito perdidos, purificados pela Chuva, e chamava pelos que já se foram para intemperar. Temia deixá-la sozinha naquele estado claudicante, caminhando na margem entre o fluxo de consciência e a terra seca, estéril, dos doentes. Contudo, ao menos a deixei na banheira, sendo purificada sofregamente pela água que vem e é novamente drenada ao Rio. A cada dia ela se assemelhava mais às minhas verdadeiras mães, com a pele enrugando tal qual os padrões de suas cascas. Por vezes, parece-me espessa demais, áspera demais, como se unisse, em uma mãe perfeita, Árvore e genitora.

Pelos registros que encontrei no meio dos aparelhos que ela usava, devia ser por volta do ano 2125, exatamente cem anos depois da Chuva; a data prevista para o destrancamento dos abrigos subterrâneos. Sabia que era arriscado, por isso posterguei minha saída do prédio C o máximo que pude. Originalmente, minha mãe se opunha à minha empreitada, dizendo que eu não estava preparado para enfrentar o mundo lá embaixo. Porém, isso foi antes do agravamento dessa doença devastadora. Agora ela mal conseguia formar frases coerentes, só gemia pela dor de cabeça e pedia clemência às Araucárias.

Dei um último olhar para trás, secretamente grato por não ter mais que suportar o rançoso cheiro de fezes de pombo que consumia o andar. Desci ao abismo. Fui devagar, Tateando os degraus à minha frente, já que não confiava mais nos meus pés dormentes para descer a escadaria de emergência. No que calculei ser o décimo primeiro ou décimo segundo andar, minha caminhada foi abruptamente inter-

rompida; quase caí. A escada foi corroída pelo tempo e a escuridão se abriu sob meus pés. Tentei estimar minha distância da água jogando uma pequena pedra... muito longe ainda. Fui obrigado a explorar aquele andar e terminar a descida por fora.

Não foi difícil encontrar a porta que conectava as escadarias àquele nível, pois a luz fluorescente ainda indicava a saída: “exit”. A placa previu minha reação. Realmente hesitei antes de adentrar um novo pavimento, um subcopa, mas não havia outro jeito de terminar minha peregrinação até o Rio; tinha que ser feito. Ao empurrar a porta, uma dor me invadiu e me fez cambalear. Fiquei cego pela luz súbita daquele andar. Claro, lembrei: é um subcopa. As grimpas não protegem seus moradores ali. Eles ficavam submetidos ao frio, à Chuva Disciplinante e à claridade, tal como seus antepassados haviam sujeitado as Sempre-Verdes antes da Chuva.

Vi algumas pinhas espalhadas pelo piso e, mais uma vez, espantei-me com a generosidade das Araucárias, que tentavam salvar e nutrir mesmo aqueles que lastimaram a perda das máquinas e amaldiçoaram a Água que jorrava dos céus e o Rio pelos próprios pecados. Juntei alguns poucos pinhões remanescentes no chão. Derrubei dois, não sentindo direito quando escaparam dos meus dedos, mas os catei novamente e guardei na minha mochila de provisões, mais leve do que gostaria, e tirei minha corda para iniciar a descida. Encontrei um bom ponto de apoio para amarrá-la, uma mesa de madeira, e silenciosamente me desculpei por estar usando algo tão profano quanto o corpo morto de minhas mães.

Quando abri a janela, uma rajada de chuva me acertou, e o choque da água gelada me lembrou o porquê de eu estar ali. O destino do Rio Grande do Sul já estava escrito nos anéis das Árvores que viriam a nascer em seu solo, marcado na água que saciou a sede dos tropeiros que nomearam o estado. Por isso, não se tratava apenas de buscar uma cura para minha mãe, defender o Rio e a Água de agora. Tratava-se de manter o próprio Grande Ciclo. Nele, a Água serve de mensageira e guardião do conhecimento absorvido pelas Árvores, armazenando-o em seu leito e o transmitindo aos que dela buscam seu sustento. Isso é o que minha mãe não entendia: a vida é feita de desgastes da matéria

para ressignificar, para compôr o leito destinado a nutrir as ideias do futuro, cada vez mais altas e mais fortes. Seu erro era acreditar em informações voláteis vindas de seus aparelhos do Climatempo, vibrações do ar que rodopiavam em torno de si mesmas e não chegavam a lugar algum. Elas não contribuíam com a existência de ninguém; preocupavam-se apenas com a beleza de sua própria dança. Talvez seja por isso que as Araucárias, em sua profunda sabedoria, jamais tenham confiado no Ar para carregar suas filhas, como fizeram suas irmãs mais fúteis. Não. Em um esforço explosivo, elas mesmas se encarregam de lançar seus pinhões.

Ser intemperado e poder contribuir nesse processo é uma honra e um dever. Porém, eu não podia me juntar ao Rio. Não ainda. Eu sabia que era heresia questionar o intemperismo, mas algo estava enraizado em minha mente: talvez a doença que atingiu minha mãe fosse um evento sentinela, e não um apodrecimento medular. Sei que deveria aceitar seu adoecimento como o enfraquecimento de sua ligação às Araucárias e nunca, jamais, questionar o nicho ecológico daqueles envolvidos com as Sempre-Verdes. Contudo, eu desconfiava. Os pombos são as únicas aves que restaram da época da Pré-Chuva, e alguns já não voam como antes, com suas asas retorcidas. Eles viviam na Floresta de Pedra e renegavam as Árvores, tanto que sua plumagem se acinzentou, refletindo essa ligação com o Mundo Seco. Eu não conseguia deixar de associar a volta deles ao prédio C com o adoecimento dela.

Se eu escalasse pela corda e voltasse ao prédio, ao invés de descer até o Rio, poderia esperar, deixar minha mãe terminar de endurecer e enrugar na banheira, agradecer por sua futura participação no Grande Ciclo e, junto aos vizinhos, ganhar um andar superior. Ninguém me questionaria... além de mim. Não sei se conseguiria viver com esse peso do “e se eu tivesse encontrado a cura?”, “e se eu salvasse as Árvores e a salvasse também?”. Meus pés escorregaram no limo, minhas mãos fraquejaram e soltaram a corda, segurei em um galho e... ele cedeu, rompendo-se sob meu peso. Consegui agarrar a corda, em um ato desesperado. Refleti que a quebra dessa grimpá só poderia ser um sinal para segui-la até o chão, ir até os abrigos. Bom, de toda forma, eu estava sozinho. Se meus questionamentos apontavam meu

corrompimento, que assim fosse; não iria contaminar ninguém. Os vizinhos mais altos há muito selaram nossa porta, nossa ligação com a escadaria e com o andar imediatamente acima, assim que notaram a queda dos galhos em frente ao nosso andar, alguns anos atrás, e aguardavam pela morte de um de nós dois.

Apertei a corda em minhas mãos já enrugadas, devia estar velho. Encostei a testa na parede úmida e fiz uma prece silenciosa. Desci. A Chuva continuou caindo.

Não achei que seria tão fácil encontrar o caminho que minha mãe havia descrito em seus papéis, mas ali estava. Um grande painel metálico, já engolfado por trepadeiras, ostentava o símbolo do mapa, ainda que não mais em tinta vermelha, como deveria ter sido originalmente, mas em líquens cor-de-rosa. A seus pés, um alçapão coberto de terra que, quando limpo, revelou ser também de frio metal. Forcei as portas, que não mostraram qualquer resistência, destrancadas passados os cem anos de sua interdição apressada. Eu estava certo sobre a data, afinal.

O ar mofado suspirou, como se finalmente respirasse depois de todo esse tempo enclausurado, nascendo para o novo mundo. Um pequeno lance de escadas e um interruptor se mostrou na parede à minha direita, oferecendo uma alternativa ao breu úmido e gelado do subsolo. Lâmpadas pendentes acordaram devagar, hesitantes, lembrando-se de como ser luz.

Para minha surpresa, encontrei menos um abrigo organizado para sobreviver a uma “tragédia” do que um laboratório montado às pressas. Livros, papéis e frascos estavam espalhados sobre as poucas mesas. Em um canto, um esqueleto escurecido, há muito consumido pelo tempo. Busquei o que pude de informação nos livros, limitado pela minha compreensão da linguagem científica arcaica. Me senti enojado ao constatar quantas Árvores foram abatidas para que esse conhecimento morto ainda respirasse através dos anos. Contudo, o que mais me chamou atenção foram dois jarros fechados, lado a lado, em uma bancada ao fundo. Dentro deles, espécimes distintos repousavam em um líquido turvo: um dedo humano e uma casca de Ár-

vore. Ambos exibiam o mesmo padrão enrugado em sua superfície. O mesmo que minha mãe apresentava na pele agonizante. O mesmo que eu observava nas minhas Árvores. Me neguei a olhar para as minhas mãos. Olhei para os frascos. A escrita de suas etiquetas estava borrada pelo tempo, difícil de decifrar. Pisquei algumas vezes até que as letras finalmente se deixaram ler. Ambas traziam um único nome. Um fungo: “Cryptococcus neoformans”. E, ao lado, apenas uma dose com seu antídoto.



Autora: Ana Luiza Arnold

Nascida em Novo Hamburgo e moradora de Porto Alegre, Ana Luiza Rodrigues Costa é estudante de Medicina na Federal de Porto Alegre em tempo integral e, no tempo livre, dedica-se a consumir e produzir conteúdo artístico e literário. Movida pela inquietação própria de quem é curioso sobre o mundo, busca escrever textos que explorem a complexidade do existir, entrelaçando biologia, medicina, filosofia, espiritualidade e tudo o que possa ampliar, tensionar e dar profundidade às suas histórias.

Chapeuzinho Vermelho

Glaison F. S.



Beijou a mãe, acariciou os gatos, pegou a chave, trancou o portão. Subiu na bicicleta, pedalou até a igreja. Nos fundos distribuía doações. Chapeuzinho recebeu dois galões de cinco litros de água Organic Royal, colocou em suportes nas laterais da roda traseira da bicicleta e partiu.

Uma chamada na padaria e outra na farmácia com cinco destinatários, o bagageiro encheu. Chapeuzinho bloqueou novos pedidos e as

mensagens dos rapazes. O mapa projetado na lente dos óculos indicava o caminho mais eficaz considerando o ângulo do vento. Mesmo pouco após o amanhecer, o calor já se fazia cruel. Após as entregas, orientou o BeiDou para Padre Bonito do Sul, cidade a onze quilômetros adiante. Enfrentaria uma estrada com acostamento esburacado e carros em excesso de velocidade.

Faltando apenas uma quadra para a casa da avó, escorou-se em um muro para retomar o fôlego. Baixou a cabeça para reduzir a tontura, bebeu os últimos goles de uma garrafinha com soro e limão.

A tia da Chapeuzinho usava a água Organic Royal para diluir a água da torneira, dando um real poder de hidratação e livre dos efeitos colaterais, pois sua avó não resistiria a diarreia. Ela tinha leucemia e osteoporose avançada, sentia muita dor e passava a maior parte do dia sentada. Contudo, seu hobby era cuidar das plantinhas de casa.

Chapeuzinho juntou-se à tia:

— Mesmo com tudo isso, ela segue tendo carinho pelas plantas.

— As doenças vêm dos venenos dessa perversa Invisible Hand, não das plantinhas. Eu morro de preocupação quando ela vai ali na horta, se ela chega a cair... Deuzulivre, não gosto nem de pensar.

— Disse isso pra ela?

— Não, como vou dizer? É o que ela mais gosta de fazer. Que seja o que Deus quiser.

— Eu acho muito bom que vocês não me incomodem quando estou com minhas queridinhas — respondeu a avó.

— Que ouvido bom hein, vó?

— Eu sou ruim dos ossos, querida. Não da cabeça. Se forem fofocar, deviam ser mais discretas.

A exaustão fez Chapeuzinho cochilar um pouco antes do almoço. Após, saiu para mais entregas na cidade e retomou o caminho de volta para casa, com pressa. O calor escaldante havia dado lugar ao vento

forte e fresco. Chapeuzinho dividia a atenção entre o trânsito tenso e o fascínio pela muralha cinzenta de nuvens colossais que se aproximavam com rapidez.

“Parece uma inundação que ocorre no mundo do ar, um tapete se desdobrando magnífico e poderoso. Tanta água no céu, no mar e sob a terra. A natureza é tão linda” — pensou.

Entrou porta adentro completamente encharcada e com um riso nervoso. Sua mãe, que a esperava, ajudou a guardar a bicicleta.

— Credo, filha. Se tu viu que ia vir essa tormenta, por que não parou embaixo de algum lugar até passar o grosso da chuva? Olha esse barral na sala!

— O ventinho estava bom e quando chegou a chuva eu já estava na estrada.

A mãe percebeu sangue escorrendo pela lateral da face de Chapeuzinho:

— Credo. Credo. O que aconteceu? Caiu? Te machucou?

— Não fez cosquinha. — Falou rindo.

— Eu tô falando sério, menina. O que aconteceu?

— Foi o granizo. Nossa. Eu tô toda quebrada.

A mãe começou a inspecionar nervosamente a filha.

— Tá, mãe. Eu vou tomar banho.

— Vai, que eu vou secar o chão. Não vou mais deixar tu sair. E não é para rir, abobada — gritou por último.

O amanhecer dourava a vegetação dos arenosos pampas. Passados dois dias da tempestade, o clima voltara a abafar. Chapeuzinho tinha o corpo ainda dolorido. O suor que escorria pelo rosto provocava o incômodo e repetitivo deslizar dos óculos sobre o nariz. As pedaladas se arrastavam. Cansada, parou para secar o rosto, quando o uivo de

um carro veloz foi subitamente substituído por ganidos de uma desaceleração brusca, parando ao seu lado.

— Quer uma carona?

— Bom dia pastor. Não precisa. Obrigada.

— Vamos. Não precisa andar nesse calorão. O carro está vazio. Bota a bicicleta no porta-malas. Está indo para onde?

— Tô indo para Padre Bonito do Sul.

— Veja só. Eu também tenho coisas a resolver em Padre Bonito. Entra que eu te deixo lá.

Sentindo um desconforto estranho, ponderou todo o esgotamento que sentia, olhou para a estrada, para as novas crateras provocadas pela erosão recente. Olhou para os campos pálidos ao redor, uma coxilha ao longe.

— Está bem.

O pastor desceu do carro e ajudou a guardar a bicicleta e as bagagens.

— Foi providencial eu passar aqui neste momento.

— Coisa boa esse carro geladinho.

— É, gostou? Eu faço esse sacrifício. Pago a assinatura premium para que ele libere a potência máxima. Não dá para ficar sem. Tá cada vez pior. Estou vindo de Balneário Camboriú. Conhece?

— Não.

— Já foi uma cidade linda no passado. A mais rica do país. Mas depois, muita gente indo para lá. Daí foi estragando. Virou uma torre de Babel. Desorganizou tudo. Agora dá uma tristeza, meu senhor. Um monte de prédios enormes, vazios e apodrecendo.

— Não conseguem derrubar ou arrumar os prédios?

— Ah, é aquela coisa. A prefeitura não quer se responsabilizar e parece que os donos nem moram mais no Brasil.

— Hum.

— Por que você usa essa capa com capuz nesse calorão?

— Para proteger do sol e do vento.

— Claro. Claro. Tu é uma guria nova. Tem que proteger essa pele bonita mesmo.

Desajeitadamente tirou a capa e dobrou, segurando sobre o colo. Logo foi incentivada a guardá-la no banco de trás.

— O que foi que te aconteceu, guria? E esses hematomas todos?

— Granizo, da chuva de anteontem.

— Jesus! Por que não ficou em casa, criança?

— Tenho que trabalhar para ajudar em casa. Então, não tenho escolha.

— Tão nova e já tão dedicada. Estuda?

— Terminei o Ensino Ligeiro, mas não consegui estudar o Profissional.

— Tu tá é certa. Trabalhar é o que dignifica a alma. Esses cursos superiores mais atrapalham do que ajudam na vida da juventude.

Chegando cedo e disposta à casa da avó, dedicou a ela bastante tempo, ouvindo-a falar sobre plantas, seus riscos e benefícios. A volta para casa também foi de carro. O pastor havia insistido em lhe dar carona.

-Mora só tu e tua mãe?

— Sim. E os gatos - riu.

— O que aconteceu com teu pai?

— Morreu. Pegou uma infecção urinária grave. Tomou conta de tudo e deu problema nos rins.

— Nossa. Lamento. Que Deus o tenha.

— Ele bebia pouca água para economizar. Ele dizia que não era isso. Que esquecia.

— O que teu pai fazia?

— Era mecânico de aeronaves. Trabalhava muito no calor dos hangares. Já estive lá. Nossa! Muito quente. Bate o sol na pista o dia todo.

— Meu Senhor!

— Não tinha quase nada de ventilação. A empresa não queria gastar com isso para bater as metas de eficiência do uso da energia. Daí ganha certificação, o que fica bem na aparência para vender enquanto sufoca os funcionários. Mas ninguém vê, né?

— Que ganância.

— Já dá para ver a lua cheia.

— Tu faz esse caminho todo dia de bicicleta?

— Sim.

— Por isso que está com essas pernas fortes.

— De onde vem essa água boa que vocês distribuem na igreja?

— Ah, isso é um benefício que fazemos para a comunidade. Como dizia nosso mestre Jesus Cristo, não se nega água a ninguém.

— Pois é, mas é tão caro para comprar água boa.

— Quanto a isso pode ficar tranquila, querida. Eu vou garantir que tu sempre possa levar água top para tua família e teus bichinhos. Vamos combinar, amanhã tu vai na igreja. Te dou até mais galões de água e tu já vai de carona comigo. Eu tenho que fazer esse caminho mesmo.

Apesar de desconfiada da facilidade proposta pelo pastor, Chapeuzinho aceitou a conveniência. Na tarde seguinte, o pastor guardou a bicicleta no porta-malas, ofereceu chocolate e disse:

— Tenho que dar umas voltas antes de voltar para a vila. Tudo bem, né? É rapidinho.

— Está bem.

Estacionaram no pátio de carga da Light Hand Aquifer. Enquanto o pastor acertava a entrega de água para a igreja, Chapeuzinho se aproximou do baú aberto, viu a enorme quantidade de galões de água Organic Royal prontos para o transporte. Reparou que nos rótulos faltavam as etiquetas com o logotipo da igreja que sempre vinha nas unidades que ela recebia. Ali constavam as informações de produção e, dentre elas, a data de vencimento expirada em meses. O padrão se repetia por todos que conseguiu ler.

Voltou para perto dele.

— Legal esse lugar, né? São esses caras que cuidam da nossa água. Já conhecia aqui?

— Não.

— A Light Hand Aquifer é parte da Invisible Hand, que era dos americanos quando aquilo ainda era uma coisa só. Agora é dos chineses, que compraram o que restou da indústria deles. Vamos lá dentro? Vou te mostrar o lugar.

Subiram por uma série de escadarias até um mezanino, que per-

mitia uma vista ampla do enorme prédio inteiramente automatizado. Dava para ver os tanques de tratamento da água e as linhas de envasamento.

O telhado de grafeno permitia que o céu, alaranjado pelo entardecer, iluminasse naturalmente a parte superior dos maquinários. No mezanino barulhento e abafado, o pastor percebeu que Chapeuzinho se interessou mais pelo céu do que pelas máquinas. Tingida pelo poente, quieta, com o olhar distante, angelical, mesmo que terrena com seus ombros suados ainda marcados por hematomas.

— São lindas as criações de Deus, né, minha filha? — Falou baixo.

Pegou um lenço, aproximou-se por trás e começou a secar seus ombros e sua nuca. Chapeuzinho sentiu gelar a espinha.

— Já teve namorado, querida?

Com o olhar fixo no horizonte bordô, Chapeuzinho se projetava através do céu, como o minuano varrendo o planalto. Apenas o uivo brando do carro.

— Sabia que tudo isso aqui antigamente era campo? — disse o pastor quebrando o silêncio.

— Hum.

— Minha avó falava desse tempo Que era tudo um lindo tapete verde, cheio de gado. O Rio Grande do Sul era o que alimentava o Brasil. Era um paraíso.

— Quando chegou em casa, o pastor lhe deu dois galões de água:

— Tome querida, leve essa água para vocês.

— Obrigada — respondeu murmurando.

— Que Deus abençoe.

No dia seguinte, o nó no estômago a fazia suar frio e pedalar como

nunca. Chapeuzinho desviou do caminho que levaria até sua avó, seguindo pela estrada de chão que cruzava os campos secos. Subiu a coxilha até chegar a uma tapera. Se meteu em meio às árvores e arbustos, se acomodou enrolada na capa, onde permaneceu por bastante tempo refletindo. Sentia-se enjoada, como se tivesse doente, trêmula. Olhou para as próprias coxas, sentiu vaidade e receio. Vomitou. Notou a casca de uma jararaca junto às raízes de uma árvore, no caule uma taturana enorme. Ergueu os olhos e reconheceu a aroeira brava. “Obrigada, vó” — pensou inspirada. Esvaziou a garrafinha para capturar a taturana e guardou os frutos tóxicos da aroeira no bagageiro da bicicleta. Passou no posto de saúde, pegou preservativo feminino e lubrificante. Na farmácia comprou pomada anestésica, luvas e uma seringa de manejo. Misturou tudo na garrafa: o lubrificante, a pomada e o látex das frutas.

A adrenalina fez Chapeuzinho voar como o vento pela estrada até a casa da avó. Voltaria com o pastor. Só antes de embarcar no carro, foi ao banheiro, vestiu a camisinha e preencheu com o que gostou de pensar ser “remédio para cachorro que come ovelha”.

-Hoje é um dia muito triste para nossa comunidade. Venho informar que nosso querido pastor Israel faleceu ontem em função de intoxicação alimentar. Que Deus conforte a família. Como todos sabem, a igreja está passando por dificuldades financeiras. Então peço a colaboração de todos para custear o funeral e o enterro de nosso irmão, que agora encontra-se na merecida paz eterna.



Autor: Glaison F. S.

Glaison de Freitas dos Santos nasceu em Mata, Rio Grande do Sul, em 1989. Coursou Ciências Sociais na UFRGS por dois anos até abandonar a faculdade. Tentou Mecânica Aeronáutica, que também não rendeu. No final de 2021 publicou *4 horas: histórias de hospital e Manual do trabalhador terceirizado*.

Aos 18, morre

Xis



Iagóra, misamí? Partiu pah onde?

Os ôio de Buk era um troço de fumaça. Bah! Tinha acabado de rasgah um rato preto cohs dente, o intestinim caíhno seco na bochecha tão ossuda. Foi dias pah achah aquele coiso. Nóis subia e descia o Guahiba e nada. Rato bom já não dá mais. Tinha rabo do grossudo, ia da munheca até o dedo que eu apontava pah o Buk nessa hora. Nem sangue a droga tinha pah sujah a boca dele que era feia de danah.

Na cabeça de nós tudo vinha a opção de ih embora, mas daí já desistia pois a Mãe tentoh pulah o muro e foi partida no tamanho de barata. Uma vez caiu uma chuva de barata voadora e foi festa. O povo antigo disse que era barata dohtro mundo; queimoh na barreira invisível lá de cima e torroh. Choveu asa de barata, misamí! Caiu fritinhas, em toda parte. Um crocante que ele só. Qréqréqréq fazia assim. Raspava a goela. Mas agora só tem rato dhuma perna.

— Iagóra, misamí?

Buk nem deu conta de falah e rachoh o bico. Levantahno o minirrabo do animal bem na altura da barriga. Achava graça esse muléq desnutrí. Era uma brinks que fazia, pois o corpo era só osso. Pequê comida já não tinha mesmo. Ah, misamí! A gente ria era de raiva. Algo na gente se mexia, lá de dentro, e irritava em toda parte; um desconforto que não deixava nem dormih, como se um rato estivesse pah saí do nosso umbigo. Tinha uns dez tipo de raiva em nosso corpo. O resto era pele colorida e osso fraco.

Quem iria rasgah primeiramente? Tipo abrih um buraco na barriga pah veh o ôto lado? De barriga eu tinha cinco dedo de grossura; o Buk tinha dois; o Arilto tinha mais, um beiby. Tchê... A Mãe tentou mostrah como que foge, e deu foi ruim. Morreu no muro e botou medo em nós. Daí em diante a desgraça vêi com gás, tipo a gangue estranha que passoh rasgahno tudo no Cais Mauah. O fato eh que, ali no Centro Administrativo, uma motoca passoh em cima de nós três e a roda de metali agarroh o braço deste Buk. Ah, misamí! Saiu arrastahno no asfalto quente mais de hora.

Rancoh a carne tudo — tri triste, pequê era alimento que daria pah nós agora. Ruim que deu foi pah o Buk, que ficoh soh com um osso pontudo tipo espada, que ele usa pah furah uns rato alado. Eh nosso grande bang-bang.

Ah, misamí! Esse muro que vos falo é onde andahmo, pois o Guahiba é uma estrada de água podre rente ao muro. Tem os vigia, mas não dah nada. Fica olhahno pah gente cahs arma de atirah. Às vez cai umas comida lá de cima, uns treco de brilha tipo os óculo do Arilto, mas nem sabeemo o que era isso. Sei agora que estudei. O mundo é ôto, misamí!

Nesse dia deitamo ali debaxo dos hôme de pedra. Umas estátua que tinha num lugah que era trinks: o Parque da Redenção. Era bom pequê ninguém olhava ruim frente pah nós. Ninguém gostava de criança. Ao menos não de nós. Mãe morreu, tudo fodeu. Em dia que a fome aperta, a saída é o Buk ih e daí fazeh uns furo no braço pah saih un pouco de sangue e daí nós ih lambeh. Eh o que salva. A gente briga. Eh o jeito. Eh fome, é mormaço, eh solidão.

Antes, essa retona do Cais Mauah era nossa. Agora não. O Gordo Louco fala pah sumih de lá. Pequê? Visitava a gente antes, levava rato gordo. Iagóra? Pensâmo agora, debaixo das estátua: como é que o Gordo Louco tava gordo? Pequê, daí, pah tá gordo, tem que teh comida. Idaí...

— Iagóra, fedapú? — Eu perguntei pah os meus maní.

— Bah! Amanhã. — Buk faloh. Tu sabe que ele é fróid. Já enfren-toh monstro no dente. A gente tava ali olhahno o mundo, a parte mais bacana de Poah. De noite a gente via o céu daquilo, que matoh as tanajura. Ele brilha com o vento. Mas tem as torre. Cada torre dá uns dez de mim; são tipo várias casa uma em cima da ôta. E fica tudo chêi de luz; eu sei, é pah o povo lá de fora voh a gente. A vida é um som que toca toda hora. Mãe faloh que era música clássica. Diz que era pah acalmah os prisionê.

— Amanhã. — Buk faloh. — Amanhã a gente vai pah Beira-Rio. Pocurah o Gordo Louco. Ow, misamí!

Era loucura. Gordo Louco tinha gangue. A das moto, na Prefeitura, fora as carniça: gente igual a gente, mas sem perna, rastejahno na beira do Guahiba feito lesma. Pensehmo nisso no ôto dia, pequê, pah ih poh Cais tinha que atravessah a Redenção. Era um dos lugar que tinha ainda umas coisa verde no chão. A gente passava ali e o Arilto faloh:

— Ow, que isso aqui? Bah, olha ali!

O Arilto apontoh pah um buraco gigante com lama e mostroh um coiso bonito, rosa. Bah! Era uma bola amarela com pedacim rosa em volta. Só podiaseh um planta. Um planta, misamí!

Eu comi dois pedaço, o Buk também. Era azedo e cheiroso.

— Vêh se tem mais! — Buk faloh. E olhamo tudo, mas nada. — Não. guarda! — Buk faloh. — Pahamanhã, maní.

Ficahmo ali até o mundo acendeh. Até o robosta apareceh. Até que o Buk disse assim:

— Ow, misamí! Não sei o que é isso, mas coisa boa é. Será que nós nascehmo um dia igual aquele coiso?

— O que tu queh dizer, ow, monamí?

— Capaz. Não. — Arilto faloh. Dei um soco na barriga gorda dele.

Subihmo o Cais Mauah até lá em cima e enchehmo as barríg coha chuva. Arilto vomitoh de tanta água que bebeu. Ah, misamí, o Arilto abriu um papel de revista e fícoh olhahno. A cara dele fícoh rosa igual o planta rosa. E começoh a mexeh no coiso dele que às vez faz xixi.

— Ow. Achoh onde esses papel, tchê? — eu perguntei, ele não faloh nada. Era um lugah chêi de papel aquele prédio de danah.

E o nosso coiso cresceu e ele mexia e nós sem entendeh. Sorria como se tivesse comido mil rato gordo. Meu coiso também cresceu e eu mexiaté choveh. Saiu uma chuva branca que foi longe.

Dormimo muito bem, e no ôto dia retornamo pah vê a Redenção. E, ow, misamí! Havia verde e rosa, e até ôtos coiso que nascehro ali no chão.

Buk faloh:

— Eu vi como o Arilto fica rosa antes de choveh a chuva branca. A gente pode fazeh choveh na terra idaí. Dahi essas coisa de comeh.

E então mexehmo a terra. O coiso rosa brotoh de verdade. Foi comprovado que tínhamo vida igual a deles.

— Vamo fazê uma gangue dos coiso rosa.

Gritahmo e rihmo.

Vivehmo, tchê! Vivehmo, com revista e comida que plantahmo.

Até que um dia a vida parah. No lugar em que faziahamo a gangue, vêi um robosta do nada e grudoh na cabeça do Buk. Um robô com braço de ferro que enterrahro nos ouvido dele até os miolim. E faloh:

[Iniciada transferência de almas. Amanhã, morre.]

— Iagóra, misamí? — Buk falava.

Buk sofria. Dava pah veh.

— Tô zozzo, parece que tá tirahno minha cabeça, maní.

O coiso tava roubahno os miolo do Buk. O Buk gritoh e eu não aguentei. Ah, misamí! Pulei no coiso e soquei. Mordi. Só que deu ruim.

[Extração: 2%. Morre amanhã.]

— Misamí, a saída é o Gordo Louco. Ele é gród, vai dah jeito!

Vamo voltahno pah casa, perto do Cais Mauah.

No Muro da Mauah a gente parah. Um monte de carro enfileirado. E o Buk falahno:

— O robosta me pegoh, misamí!

Arilto berroh:

— Aqui é a gangue do coiso rosa, tu tá ligado?

— Vaza daqui, encrenca! — Um cara escondido gritou. A música clássica tocahno sem parah, e um milhão de robosta vigiando.

[Extração: 37%. Morre amanhã.]

— Cheghaí, maní — Era o Gordo Louco. Apareceu do nada no mêi dos cara: — Voh ajudah em memória da Mãe. Pequê criança não sobrevive aqui. Vira carnihça no Guahiba, feito um cusco sarnentim.

— Fala, Gordo, o que esse robosta faz? Voh morreh?

— Os milico. Descobriro que nós não somo o corpo. Nós sohmo alma, um coiso preso no cérebro. É isso que o robosta tá fazehno. Tá desligahno tu do teu corpo, e daí já era: vão poh a memória de um robosta no teu corpo pah virah um vigia do muro.

— Bah, como assim? Puqueh comigo?

— Vai fazeh dezoito ano. Não vai, não, maní?

— Ih... — Buk faloh, só que mais nada. Gordo Louco então gritoh.

— O povo lah de fora não mata criança.

— Bah! — meu mig faloh tristih.

— Esse coiso ocês vão levah pah longe daqui. Toma essa arma.
— Deu uma arma pah gente. — Vai lá na Redenção e atira. Ele vai desabilitah o robosta da tua cabeça pah valer. Daih mata ele.

Fohmo pah o alto de um prédio pah jogá o robosta lá de cima, igual o Gordo mandoh. A música paroh quando apertahmo o botão do Gordo. Foi de repente. Era sangue espirrahno, mas só pensava no robosta na minha mão. Joguei pah cima. O Buk atiroh a arma, nada saiu. O Buk, esguichahno sangue pelo ôio, puloh em cima dele e caíhro os dois.

Ah, misamí, foi muito lohco. Iaí chutahmo lá de cima pah caíh do alto da torre. Buk sorria pequê não ia mais saí do corpo. Faloh daí:

— Iagóra, misamí?

O sangue pintava o rosto do Buk quando, num descuido, ôto robosta surgiu e encaixoh na cabeça dele:

[99% de extração. Morre logo.]

Buk gritava.

— Tira! Tira! E corria, e a gente atrás. Nesse momento a alma do Buk já tava quase intehra fora do corpo, presa só poh um fio de cabelo quando gritei pah o Arilto:

— Aperta! Aperta, fedapú!

Idaí o Buk quem gritou:

— Não! Não, não! Misamí! Não, pufavoh! O mundo é ôto! Deixa! Deixa arrancah o corpo de mim! Deixa!

A voz dele não saía mais da boca, mas da alma, que a gente via transparente:

— Explica, maní!

— Ah, misamí! — A alma dele sorria. — Que bom é estar aqui! Eu não sabia seh tão boa a sensação.

— Uquê, maní? Sentih uquê?

— Ah! Ah! Maní, maní! Como é bom não ouvih o estômago chorah!

[100% de extração. Morreu.]

Buk sumiu. Ficoh o corpo fodidí. O corpo então foi andahno sem falah coiso mais nada. Repetia “Buk, Buk, Buk”.

Ia descehno pela escada quando Arilto pegoh ele pelo braço. Nessa hora, o choro da barriga dele foi mais alto que a música clássica. Faloh pah o corpo morto:

— Ow, maní. Fala panóis. Quê tu queh que eu faça agora?

— Fazeh uquê, seu cocohzim?

— Ah, monamí! — O pequeno Arilto já chovia pelos ôi. — Pufavoh, oh, monamí! Posso fazeh os meus 18? Posso? Pufavoh tu mata a dor em mim?



Autor: Xis

Schleiden Nunes Pimenta é um escritor com formação nas áreas de Letras, Direito e Filosofia. Autor de oito livros e presença constante em publicações no Brasil e no exterior, teve sua obra reconhecida por mais de setenta premiações na última década. Sua literatura se insere no realismo fantástico contemporâneo, recorrendo à alegoria e ao absurdo para investigar memória, infância, injustiça e dilemas éticos, com prosa reflexiva e forte dimensão crítica.

O tropel da meia-noite

Gustavo Melo Czekster



Bate palmas três vezes e espera: foi a instrução que lhe deram na venda do Aldo. Diante da porta de dona Cecília, Diego sorri ao pensar na estranheza daquele conselho. Parecia incrível que, em pleno 2125, no auge do século XXII, na assim chamada Era da Multi Comunicação, ainda existiam rincões do mundo que se comunicavam de forma tão rudimentar quanto palmas, assobios, acenos. No entanto, foi a instrução que lhe deram para anunciar a sua visita à dona Cecília

e, como bom funcionário estatal, ele gostava do conforto de seguir ordens.

Era a sua última visita do dia, e talvez fosse uma das últimas na região da Campanha. Seus colegas já tinham explorado outras áreas, e somente ele, o funcionário modelo, orgulho da repartição, ainda não tinha esgotado todas as possibilidades. Olhou ao redor, buscando qualquer pessoa que rompesse aquela letargia tão estranha para um homem acostumado ao movimento das grandes cidades; com exceção de uma árvore de galhos secos, um poço abandonado e um varal com roupa balançante, estava sozinho.

– Boa tarde.

Virou-se rapidamente. Na porta, uma mulher idosa, de avental e um vestido quadriculado, limpava as mãos em um pano.

– Boa tarde, hã, dona Cecília, não é? – ela se manteve estática, avaliando-o sem nenhum tipo de curiosidade, como se soubesse quem Diego era. Esse pessoal do interior sempre o deixava com a sensação de que sabiam algum mistério. Ele subiu os primeiros degraus da varanda. – Meu nome é Diego Nunes Cardoso, estou lotado no departamento de pesquisas biológicas do Estado do Rio Grande do Sul, e...

– O que o senhor quer?

O sotaque da mulher remontava aos índios que moraram na região centenas de anos atrás. Diego estacou, sem saber o que fazer, e resolveu ir direto ao ponto:

– Estamos aqui na sua região fazendo uma busca, a mando do Governo do Estado. É um projeto que já se estende há quase dez anos, e as buscas foram infrutíferas até agora, mas ainda temos esperança. Bom, a senhora sabe, não é? Desde as mudanças climáticas muitas espécies se perderam, e é interesse do governo localizar os remanescentes dessas espécies para protegê-los, quem sabe estudá-los e deixar um legado para a próxima...

– O que o senhor deseja?

A mulher alteou a voz sem mexer um milímetro na sua postura e, no mesmo momento, Diego viu um homem surgir em uma janela lateral e a silhueta de outro deslizar por trás dela, ainda dentro da casa. Enxugou uma gota de suor na testa, aquilo seria uma ameaça? Tentou se tranquilizar. Ora, eram somente dois homens curiosos com o visitante. Tirou um papel da pasta e estendeu-o para a mulher:

– Queremos saber se a senhora viu esse espécime. Estamos em busca dele, para protegê-lo. – Enquanto dona Cecília contemplava a foto, ele se sentiu obrigado a acrescentar: – É um cavalo. O último cavalo. Eles eram muito frequentes no passado, ainda mais por aqui, mas agora estão à beira da extinção. Acreditamos que exista um exemplar remanescente nessa região, e...

– Nunca vi. – ela empurrou a foto de volta para Diego. – Era só isso?

O silêncio se instaurou entre os dois. Nem o vento minuano, outrora tão frequente no fim de tarde na área, se atrevia a sair no meio daquele calor insuportável. Diego permaneceu com a foto na mão, fitando fixamente os olhos castanhos da mulher, esperando algo que nem sabia o que era. Por fim, fez um gesto de concordância e, enquanto guardava a foto na pasta, desceu a escada.

– Muito bem, desculpe por atrapalhar, dona Cecília.

Mal disse o nome dela e a mulher já tinha voltado para casa. As silhuetas dos dois homens, porém, continuavam ali. Com passos lentos, sentindo-se desconfortado com a sua calça social e a camiseta cheia de botões, empapada de suor, voltou até o carro. Então era isso: bastava preencher o relatório e dar por encerradas as buscas na região.

Tentou ligar o carro. Ele não funcionou. Tentou de novo, e de novo, e nada. Verificou os índices de energia do carro e constatou o inacreditável: de alguma maneira, a sua carga se fora. O carro elétrico era tão útil agora quanto um aglomerado de ferro. Olhou o aparelho celular, e nem se espantou ao ver que, em meio àquele ermo esquecido por Deus, não existia um sinal qualquer: se Deus esquecera o local, o mesmo acontecia com as companhias de telefone.

Após alguns minutos analisando a situação, sem outras alternativas, voltou até a casa de dona Cecília. Diante da varanda, bateu palmas três vezes e esperou. Dessa vez ela não tardou a aparecer. Com voz gaguejante e repleto de desculpas, Diego explicou o que tinha acontecido e pediu para que lhe emprestasse seu telefone ou aparelho celular. A mulher fez um gesto negativo: não tinham aquelas coisas ali. Pediu para usar a tomada para dar uma carga no seu carro, mas não havia energia elétrica na casa. Com um tom de desespero, perguntou a distância até o local civilizado mais próximo: vinte e cinco quilômetros, e era melhor não atravessar aqueles campos à noite. Ainda existiam cobras por ali.

Sem outra alternativa, disse que passaria a noite no carro, pedindo a gentileza de um pouco de água e comida. Dona Cecília discordou de forma seca:

– Não. De forma alguma. Sei que o senhor vem lá da capital, e que os hábitos são diferentes por aquelas bandas, mas aqui ainda prezamos a hospitalidade. O senhor vai ficar na nossa casa, dormir na cama do meu filho mais velho que está viajando e comer conosco. Amanhã pela manhã, iremos com o senhor até a cidade mais próxima.

Diego nem conseguiu discutir. A postura da mulher era tão serena e lógica que não havia como discordar. Após agradecer várias vezes, Diego entrou na casa e foi recepcionado pelas duas figuras que antes vislumbrara parcialmente. Os semblantes taciturnos não deixavam espaço para nenhuma dúvida, eram filhos de dona Cecília. De cor acobreada e olhos de um negro profundo, não eram de muitas palavras. Quase sem nenhum esforço, dona Cecília distribuiu as ordens e, em alguns minutos, os homens tinham ajeitado o quarto, mostrado o banheiro e separado as roupas que Diego poderia vestir. A mulher sumiu pela porta da entrada e, quando voltou, carregava nas mãos uma galinha degolada. Sumiu pela porta da cozinha, enquanto o homem da cidade grande mantinha bem escondido o seu horror pela cena.

Naquela noite, eles jantaram à luz do lampião a querosene. Diego já tinha lido isso em livros de História, e achou uma experiência sociológica fascinante. Quase não trocaram palavras. Depois do ca-

lor do dia, o vento repleto de leveza da noite penetrava o casebre e refrescava as tábuas cansadas de sol. Diego comeu o carreteiro de galinha, um prato que nunca experimentara, e se impressionou com o gosto forte, marcante. Um gosto real, não de galinhas criadas com hormônios em matadouros, mas comendo os vermes e insetos do chão. Evitou pensar muito nessa cena. Tomou um copo de graspa feita naquela terra, e quase chorou enquanto o líquido atravessava o seu corpo como uma lança em chamas. A luz do lampião desenhava figuras nas paredes, deixando mosquitos e mariposas traçarem linhas invisíveis nos seus voos.

Em seguida, todos se sentaram na sala. Dona Cecília dedicou-se ao tricô, enquanto os homens limpavam as unhas, coçavam as cabeças e espantavam mosquitos com tapas. Logo o cansaço do dia – ou talvez a graspa – alcançou Diego, que, após pedir licença, recolheu-se ao quarto. O colchão do filho em viagem pareceu muito confortável, e levou alguns segundos para descobrir que era preenchido por palha de milho. Outra experiência sociológica interessante, pensou, antes de deslizar para o sono.

Devia ser meia noite quando acordou no meio de um pesadelo. Ainda sentia os batimentos cardíacos acelerados. Comi muito antes de deitar, pensou, erguendo-se da cama. O escuro da noite o atingiu quase como uma onda, deixando-o com a sensação de nadar em um poço de piche. Ao redor, uma sinfonia de grilos, sapos e outras criaturas noturnas infestava o mundo.

Tentou se recordar do pesadelo, mas logo esses pensamentos foram sufocados por um som de tambores. Começou distante, quase um desconforto rítmico em meio à litania dos insetos, mas logo passou a se aproximar. Não sabia o que era, só que parecia um terremoto; o chão tremia de forma descompassada, sôfrega, em intervalos confusos. Era como se a terra estivesse se levantando, sacudida por um gigante adormecido que enfim despertava, e a sensação de sufocamento lhe engolfou. Não sabia o que estava acontecendo, e esse era o pior dos horrores: a impressão de estar no caminho de uma marcha acelerada de centenas de soldados, todos prestes a pisoteá-lo.

Quando sentiu que precisava fazer algo antes daquela massa de patas, pés, cascos, unhas lhe atingir, saiu do quarto e, com passos rápidos, foi até a varanda. Diego sabia que era tolice, mas queria olhar quem ia lhe matar pisoteado. Tinha o direito de saber. Parou na varanda e olhou ao redor; a lua se escondia atrás de uma nuvem, e a escuridão do campo era tão absoluta quanto uma estrela morta.

– Também acordou, filho?

Dona Cecília estava sentada em um canto da varanda. Diego levou alguns segundos para entender o tom amistoso da sua voz, a palavra “filho” que o reconhecia como um igual. O som agora tremia as paredes do casebre, que parecia na iminência de se despedaçar.

– Dona Cecília, eu...

– É estranho escutar pela primeira vez, mas logo a gente se acostuma. Alguns, como meus filhos, até continuam dormindo, para eles não existe mais magia. – Ela riu baixinho dentro da noite: – Não se preocupe. Eles gostam de sair à noite para correr um pouco, lembrar como eram no passado. Ou, quem sabe, esticar as pernas. Sei lá, quem sou eu para saber. Talvez alguns até sejam espíritos, vá saber. Tem tanta coisa nesse mundo, filho. Tanta coisa. Agora, se prestar bem atenção, me diga: não tem algo de glorioso nessa barulheira? Algo de, sei lá, imortal? De majestoso?

Enquanto dona Cecília falava, o som pareceu mudar de direção e, aos poucos, diminuiu a sua cadência, se afastando da casa. Diego permaneceu na varanda, os olhos investigando a noite, à espera de que ela revelasse seus segredos. No entanto, seja lá o que fosse que causara esse barulho assustador, continuou fora da sua visão. Ele ainda se sentia diferente, como se aqueles passos em disparada não tivessem somente soado fora da casa, mas dentro dele, levantando nuvens e certezas que até então achava inabaláveis.

Não se lembrava de como voltou para a cama. No dia seguinte, acordou, e tudo o que acontecera parecia uma parte do seu pesadelo. Dona Cecília voltara a lhe tratar com a frieza que dedicava às visitas incômodas, os seus filhos mantinham o mesmo silêncio impregnado

de indiferença. Diego se arrumou, tomou café da manhã e saiu para a varanda, onde um dos homens lhe aguardava para levá-lo até a cidade próxima. Ele se despediu de forma seca e, quando terminou de descer as escadas, a pergunta de dona Cecília o atingiu:

– O que o senhor vai colocar no seu relatório?

Ele se virou e deu de ombros:

– A verdade, dona Cecília. Só a verdade. – Encarou-a com firmeza:
– Eu não vi nada. Ninguém quer saber o que eu ouvi. Só posso relatar aquilo que vi.

Pela primeira vez a mulher sorriu. Diego sorriu de volta:

– Tem tanta coisa nesse mundo, dona Cecília. Tanta coisa.

Deu as costas e começou a jornada até a cidade. Enquanto caminhava ao lado do silencioso homem, esperava não encontrar nenhuma cobra, mas se mantinha atento aos sons daquela manhã de verão.



Autor: Gustavo Melo Czekster

É escritor e doutor em Escrita Criativa (PUC-RS). Escreveu os livros de contos *O homem despedaçado*, *Não há amanhã* (vencedor do prêmio AGES de literatura, Prêmio Minuano, Prêmio Açorianos e finalista do Prêmio Jabuti) e *O som que o machado faz ao sair da cabeça*. É também autor do romance *A nota amarela*, vencedor do Prêmio Alcides Maya da Academia Riograndense de Letras.

secos

Nadja Romero



Parece irônico trabalhar para aqueles que tiraram sua terra. Parece uma história já vivida também. Talvez a questão, neste cenário que se apresenta, seja: quem tirou sua terra não tem rosto, mesmo que tenha sido representada por rostos indigestos, tão brancos que eram quase cinzas, tão diabólicos que eram quase não humanos, e tão intocáveis que muita gente acreditava que nem eles eram reais.

Os secos não eram um grupo, não eram uma família, não eram uma etnia, e muitas vezes pareciam não ser nem gente, apesar de respirarem, transpirarem, sentirem fome e tristeza igual gente. A vida deles não mudou de maneira brusca, de uma hora pra outra, por conta de alguma catástrofe, ou porque estavam devendo qualquer imposto sobre suas terras. A vida dos secos mudou gradualmente, com promessa de vida melhor.

Quando você acredita que está se envolvendo em algo que vai melhorar sua vida, e que esse algo não tem forma nem rosto, você não percebe que a catástrofe vai se instalando aos poucos, enquanto você está dócil e ocupado e feliz, porque a vida está melhorando.

Foram sete anos de “melhorias”: no primeiro ano, bons empregos, bons salários. Quem diria que aquela cidadezinha tão interiorana avançaria tão rapidamente na sua economia e tecnologia?

No segundo ano, os pais já estavam mandando os filhos para as cidades universitárias para que pudessem se especializar e voltar para sua terra natal empregados.

No terceiro ano, se fez necessário construir condomínios, ainda que um pouco afastados, muito bem equipados, com uma mágica arquitetônica invejável, que fazia 37m² se transformarem em lares com dois dormitórios, um banheiro e um balcão — que, até então, se chamava cozinha.

No quarto ano, ouviu-se dizer que o trabalho era tão eficiente que seria necessário mais espaço, e, aqueles que pudessem, em prol de um bem maior de desenvolvimento, deveriam doar um de seus cômodos para alojar equipamentos.

No quinto ano, os filhos formados voltaram e, sem poder ter espaço próprio para morar, dormiam de improviso na casa dos pais.

No sexto ano, era sorte quando havia luz elétrica nas residências.

O trabalho era muito eficiente, e a eficiência pedia mais eletricidade. “A luz da eficiência é a mais importante” – os letreiros da cidade nunca ficavam no escuro.

Era confuso, sabe. Eles sentiam que algo não estava certo. Eles tinham o desenvolvimento, eles tinham bons empregos, eles não teriam que se preocupar com dinheiro. Mas não era como imaginavam. Era como se aquele espaço sufocante, aquelas máquinas e fios dentro do que uma vez fora um dormitório, aqueles filhos dormindo no chão da sala não fossem bem o resultado de boas escolhas. Mas eles eram eficientes. Parecia que sobrava gente. Os filhos pararam de sonhar em ir para as universidades e voltar especializados. As famílias tinham muitos atritos. E ninguém mais queria falar sobre suas eficiências.

No sétimo ano, chegou o aviso. O Território de Moradia era a melhor área para a instalação de placas solares. Seria necessária nova mudança. Os secos imaginaram que teriam alguns anos para organizar sua mudança, se adaptariam a novos condomínios, procurariam outros condomínios para viver. Fazia tempo que eles tinham perdido a noção do tamanho de sua cidade. Sua eficiência era tamanha, que eles não viram a cidade mudar, a ponto de se resumir a apenas aquele condomínio. O restante era feito de enormes muros brancos, alguns longos até quase não ver o fim. Altos o suficiente para não dar vontade de tentar escalar e descobrir o que estava do outro lado. Brancos o suficiente para ser apáticos e inspirar apatia. Os secos também nem imaginavam, mas seu novo lar já estava pronto, pois esteve sendo construído durante tranquilos sete anos.

Eles foram. Foram resumidos a duas torres com a metade da altura das torres do seu antigo condomínio – até descobrirem que as torres novas eram feitas metade para cima da terra e metade para baixo. Não houve adaptação. Os menos eficientes viviam na superfície, e se sentiram bonificados por esta nova experiência. Mal sabiam que a falta de luz também assolaria a sua nova realidade. Os mais eficientes não tinham sol, mas podiam usufruir de um ar seco, sempre ventilado. “Privilégio dos esforçados.”

Nas torneiras, não havia água corrente. E logo eles descobririam que “torneiras” teriam a mesma utilidade que quadros nas paredes: decorar a casa. O esforço valeu cada centímetro cúbico da maior riqueza daquela cidadezinha.

Buba lembra do dia da mudança para aquela meia torre. Apesar de ter apenas quatro anos, volta e meia tinha relances em sua memória de um dia muito ensolarado, chegando a predinhos baixos, e de um elevador levando-a para mais embaixo. Ela lembra da mãe chorando, do pai consolando-a e, muito irritado, esbravejando “Não valeu de nada ser eficiente!”. Buba lembra que, por muito tempo, não queria ser eficiente. Porque ser eficiente deixava os adultos tristes e confusos.

Buba não teve uma vida ruim, dentro dos parâmetros dessa realidade em que foi colocada, sem escolhas, junto de sua família. Ela respirava ar ventilado. Ouvia, assim como todos os secos do subsolo, que lá pra cima era cruel quando faltava luz.

Três vezes por semana subia à superfície com sua mãe ou seu pai, sempre alternados, depois do expediente, para trazer sua cota de água. Não era de todo ruim. Seus pais ainda eram eficientes, mas eles não sabiam mais para o que estavam sendo eficientes, nem qual o resultado de sua eficiência. Mas no final do semestre eles recebiam seu bônus. Uma quarta ida à superfície por água, durante três semanas. Ainda valia a pena ser eficiente.

Buba cresceu e, junto dela, seus amigos do subsolo, e viu irmãos de seus amigos nascerem, e viu amigos tendo filhos também, e viu o subsolo designado a eles não ser mais suficiente. Uma coisa que ninguém calculou, ao fazer o condomínio, foi que estes seres se multiplicariam e precisariam de mais espaço. Ou alguém ignorou este fato de propósito. Porque uma coisa que alguém, com certeza sabe é que os secos aceitariam sua realidade e se adaptariam, como sempre o fizeram.

Na vez de Buba se tornar uma funcionária eficiente, sobravam pessoas, faltavam cargos. Buba foi ensinada pela sua mãe — em casa,

treinada duas noites por semana — para aprender o ofício de seus pais: os códigos, as mecânicas, as teorias, entender que não veria o resultado de seu trabalho, mas que o “check” em verde no final do código significava que ela tinha sido eficiente. Buba esperou sua vez. Mas sua vez não chegou.

A essa altura, o subsolo já tinha se expandido em túneis, em imóveis que se resumiam a um buraco de um cômodo e banheiro coletivo, com regras próprias, com insegurança própria, mas também com justiça própria. O único momento que a vida própria do subsolo não valia era quando algum representante da superfície de fora descia lá embaixo. Aí valia a lei da superfície de fora.

Buba passou a adolescência visitando lá em cima também. O trânsito de alguém de baixo para cima, em algum momento, precisou respeitar regras, registro de circulação, toque de recolher, mas em pouco tempo deixou de ser algo importante e começou a ser gerido por uma equipe de segurança, meio política, meio diplomática, composta pelos secos da superfície e pelos secos do subsolo.

Os empregos começaram a surgir ali mesmo, no condomínio seco. A cidade/condomínio começou a dar seu jeito.



Autora: Nadja Malena Palopolo Romero

Multiartista, filha de artesãos, estudei Artes Visuais na UFRGS, sem concluir, no período de 2011 a 2013, escrevo e desenho desde que me lembro. Atualmente, atuo profissionalmente como tatuadora. A escrita é uma maneira mais introspectiva de dar forma à imaginação. A visão atual, organizada a partir de vivências e histórias pessoais, são a força motriz da minha arte.

Bilhete de Prata

Fernanda Grinke Müller



No ano de 2125, a cidade de Porto Alegre era uma bagunça de concreto e luzes frias, onde o ar cheirava a metal e o oxigênio era tarifado. Tom morava na Divisão Norte, num apartamento apertado, frio e escuro, onde o sol era só um brilho falso nos painéis luminescentes. As ruas eram um aperto de pessoas correndo com pacotes de nutrientes sintéticos, pisando na umidade que pingava dos dutos. Era um lugar onde a natureza havia sumido, trocada pela praticidade barata, e os desastres naturais viravam piadas contadas por avós que ainda lembravam do cheiro de terra molhada.

Os pais de Tom trabalhavam em casa, grudados no sofá manchado com uma marca de café que tinha o formato exato da Hungria, um lugar que Tom só poderia visitar através das simulações. O pai era um programador de software, criava interfaces e treinamentos corporativos. Tudo operado por um par de óculos de realidade virtual que grudava no seu rosto, consumindo dias inteiros sem pausa. A mãe desenvolvia apps interativos, projetando experiências onde usuários navegavam por mundos virtuais, gesticulando no vazio, com uma angústia que vinha de saber que existia um mundo lá fora, mas ninguém ligava, porque era mais fácil fingir que o vazio no peito era só cansaço.

Tom, com nove anos, passava as tardes sozinho, colado na parede da sala onde um holograma passava propagandas sem parar. Era ali que ele ouvia falar de Gramado, uma joia da Serra que todo mundo endeusava como o último pedaço da verdadeira alma gaúcha num mundo que não se lembrava nem de como respirar. “Fuja do Cinza Industrial!”, gritava o locutor, mostrando imagens da Rua Coberta iluminada por luzes quentes, com pinheiros balançando e famílias sorridentes passeando sob hortênsias azuis e roxas, como se aquele mundo tivesse sido pintado por alguém do século passado. Gramado era um refúgio protegido por um Escudo de Preservação, criado para manter intacto o que restava da vida. Lá, o chimarrão não era uma iguaria exclusiva, e sim um prazer cotidiano; danças gaúchas eram apresentadas na praça e não em teatros caríssimos; e o churrasco era feito com carne de verdade e não em formato de barras de proteínas.

Era o destino para quem ainda se importava com a tradição, onde a tecnologia servia à ancestralidade ao invés de sufocá-la. “Redescubra o Rio Grande que o tempo não conseguiu levar”, prometia a propaganda. Gramado não era só uma cidade; era a salvação contra a degradação que havia levado o resto do estado, onde a beleza do Rio Grande do Sul havia sido encapsulada eternamente só para os que pagavam o Bilhete de Prata, um passe para o paraíso que custava uma fortuna.

Para os pais de Tom, Gramado era exatamente isso: um sonho caro, mas que eles finalmente juntaram dinheiro para realizar, depois de três anos economizando cada centavo dos trabalhos que os consu-

miam, vendendo mundos virtuais para clientes exigentes que nunca viam o Sol de verdade. Eles pensavam nela como uma fuga daquela realidade, onde poderiam desconectar os óculos VR e tocar em algo real: posando para selfies diante da Igreja de Pedra, provando que haviam escapado do cinza, que eram vitoriosos numa sociedade que media tudo em pixels e engajamento. Para eles, era a chance de viver a maravilha gaúcha de verdade, com memórias mais valiosas que qualquer simulação, mesmo que no fundo soubessem que era só uma fuga daquele vazio que sentiam toda vez que tiravam os óculos e viam o apartamento caindo aos pedaços. Tom, que ao ouvir aquelas propagandas brilhava seus pequenos grandes olhos, imaginando aquelas hortênsias azuis colorindo o nada que ele via todos os dias, mal podia se conter sabendo que agora tudo aquilo viraria realidade.

O trajeto até lá começou de manhã cedo, em uma plataforma de embarque, onde só se ouvia o chiado dos pulmões artificiais da multidão. Para cruzar a fronteira entre o cinza de Porto Alegre e o verde de Gramado, a família precisou se submeter a uma desinfecção rigorosa em câmaras de vácuo, deixando para trás a fuligem industrial. O transporte era um trem de levitação magnética que deslizava como uma agulha no horizonte, com janelas que só se tornavam transparentes após a validação do Bilhete de Prata. Tom pressionava o rosto contra o vidro frio, vendo a paisagem cinza e apagada se transformar bruscamente em um borrão de cores vibrantes à medida que cruzavam a divisa dos mundos. O ar dentro do vagão mudou rapidamente, deixando de ser seco e metálico para se tornar leve e adocicado. Quando as portas se abriram na estação central, em vez do calor abafado da cidade, sentiram uma brisa fresca e controlada. A transição para a nova realidade havia acontecido.

Os dias em Gramado se desenrolaram como um sonho. A família acordava todas as manhãs com o sol nascente, sem uma nuvem sequer para perturbar a harmonia, com o ar sempre fresco, carregado de um aroma sutil de pinheiros e flores. Os pais investiram muito nessa ilusão. Eles pagaram um valor altíssimo pela viagem, uma quantia que sustentaria uma família por meses fora dali. Em Gramado, eles ignoravam a realidade de 2125: o calor extremo, as cidades destruídas e a poeira radioativa no ar. Ali, aquela realidade não poderia perturbá-los. “Olhem só para isso”, dizia o pai, estendendo os braços en-

quanto passeavam pelas ruas de paralelepípedos. “É como se o tempo tivesse parado no melhor momento.” A mãe concordava, sorrindo para as vitrines das lojas que exibiam chocolates artesanais e vinhos chiques, sem um grão de poeira ou uma etiqueta fora do lugar.

Tom, por sua vez, corria à frente. Ele sentia que finalmente havia encontrado um lugar verdadeiro, longe de telas frias e de simulações digitais. Ali, tudo era palpável, desde a grama sob seus pés descalços até o cheiro de terra molhada após uma chuva leve que não durava o suficiente para deixar poças. Rolava nas colinas verdes, ria enquanto brincava com cachorros com pelagens lustrosas, olhos brilhantes, e latidos em harmonia. “Pai, mãe, olhem! É real!”, gritava ele, escalando pedras que nunca se moviam do lugar. O sangue seco e a terra grudada no joelho eram algo novo para ele. Ele havia caído enquanto corria atrás de uma borboleta que se movia de um jeito muito regular. O chão machucava de verdade, de um modo diferente das sensações que ele conhecia das simulações. Os pais riam ao ver a cena. Eles estavam aliviados por vê-lo brincando do lado de fora, longe do mundo destruído onde viviam.

Ao longo dos dias, eles exploraram a cidade encantados. Visitaram o Lago Negro, onde a água não possuía ondulações inesperadas ou folhas flutuantes. Tom mergulhou as mãos na superfície gelada, sentindo o frio em seus dedos, enquanto os pais tiravam fotos diante de cisnes em perfeita sincronia. “É como se tudo fosse feito para nós”, ria a mãe, ignorando o zumbido constante no ar. No segundo dia, subiram a trilha do Vale do Quilombo. Tom correu pela floresta, onde encontrou um esquilo que o observava sem piscar, e riu quando o animal fugiu em um salto previsível, desaparecendo atrás de uma árvore que não balançava com o vento.

Os pais aproveitavam cada momento para reforçar a ilusão. Jantavam em restaurantes com mesas sempre limpas, com pratos servidos em porções ideais. “Aqui, podemos ser quem queremos”, diziam, brindando algo que sabiam ser falso, mas que pagavam caro para manter. Já Tom sentia algo mais profundo, uma liberdade que o fazia sentir-se inteiro. Colecionava pedras, cada uma idêntica em forma e brilho, e as guardava no bolso. À noite, deitado na cama de seu chalé aconchegante, ele ouvia o vento suave lá fora, quase que em um loop,

mas que o ajudava a pegar no sono, com a certeza de que, enfim, estava em um lugar real. Assim, os dias se acumulavam, enquanto a família se perdia na negação. Os pais se apegaram à mentira, pagando o preço alto pela paz, e Tom tocava o mundo com as mãos, sem suspeitar que, sob a superfície pura e perfeita, rachaduras começavam a se formar.

No terceiro dia, Tom notou algo estranho. O cachorro que brincava com ele latiu no mesmo tom, no mesmo horário. Ele tocou uma flor que não murchava ao entardecer, e o cheiro de pinho não mudava por nada. Uma dúvida surgiu, por um instante, mas ele ignorou, correndo mais rápido pelas colinas.

No quinto dia, a inquietude o venceu. Os pais planejavam compras, mas Tom escapou sozinho. Vagou pelas ruas de paralelepípedos, notando como tudo era perfeitamente alinhado: fachadas, árvores, pontes. Nada torto. Como se alguém tivesse desenhado tudo com uma régua. Seu joelho ainda doía do arranhão, mas o resto sufocava. Nos arredores, seguiu uma faixa escura onde a luz do Sol não alcançava, e encontrou uma parede de pedra coberta de musgo irregular, com manchas escuras. Entre as pedras, uma erva-daninha crescia com folhas irregulares e raízes rebeldes. Atrás dela, um rabisco na parede: “Ainda estamos aqui?”. Seu coração acelerou. Quem escreveu aquilo? Por quê?

Tremendo, empurrou a erva para longe, achando um buraco. Ali estava um envelope amarelado, feito de papel áspero. Dentro, havia uma foto antiga, dobrada e manchada. Ele a desdobrou, e viu algo que não imaginaria nem em mil anos, pois não sabia que tal coisa existia. A imagem mostrava Gramado real, com a rua principal torta, calçadas irregulares, casas de madeira desgastadas. Gaúchos sentados num banco, compartilhando um chimarrão, com vapor subindo em nuvens imperfeitas. Uma mulher ria sob a chuva que caía, com cabelo molhado e gotas borrando a lente da câmera que capturava aquele momento. Crianças brincavam na lama, com rostos sujos. Havia vida ali, vida de verdade, e não o que era vendido por milhares de créditos como uma “experiência única”. Era genuíno e real. Aquilo o atingiu como um soco. Tom sentiu uma sensação estranha subindo pelo seu corpo, dos pés à cabeça: “O que é isso?”, sussurrou. A cidade perfeita

continuava, mas agora ele via as rachaduras que estavam escondidas abaixo daqueles pixels perfeitos e milimetricamente controlados.

Correu de volta ao chalé, com a foto tremendo nas mãos. Os pais estavam na varanda, saboreando vinhos e folheando catálogos. Ele, sem conseguir falar uma palavra, mostrou a descoberta: uma foto de papel de verdade, com Gramado torto, risadas sob a chuva e chimarrão quente. “Não estrague isso, Tom”, disse seu pai, com uma voz firme, arrancando a foto da mão dele. A mãe desviou o olhar, murmurando: “Pare com isso. É só uma viagem.” Eles sabiam, sempre souberam, mas preferiam ignorar. O mundo real era um inferno, e ali pagavam por ter pelo menos a ilusão de uma vida verdadeira e feliz.

Tom sentiu aquela sensação estranha explodir dentro de si. Sempre foi tudo mentira? Ele guardou a foto no bolso, sabendo que não havia raiva ou esperança suficiente para mudar aquele mundo. A vida real era teimosa, e mesmo naquela perfeição, ele não tinha voz. Ninguém tinha.

A família voltou à rotina, com o restante dos dias em fingimento. Nada que já não fosse parte do cotidiano antes, mas agora Tom não esperava mais por um mundo perfeito, um mundo real. Aquela era a realidade. Ele tocava as coisas com menos entusiasmo, enquanto os pais sorriam para fachadas polidas, ignorando suas rachaduras.

Ao partirem, Tom olhou para trás uma última vez. Gramado permanecia impecável. No caminho de volta, ele olhou novamente para os prédios cinzentos de Porto Alegre. No vidro do trem, seu reflexo não piscava.



Autora: Fernanda Grinke Müller

Fernanda Grinke Muller é natural de Ijuí (RS), onde nasceu e cresceu. Sua trajetória na escrita começou cedo, cultivando o gosto pelos contos desde a infância. Teve seu talento reconhecido com a publicação de um miniconto na coletânea *Twitteratura*, da UNIJUÍ. Em suas produções, Fernanda utiliza elementos da própria realidade e vivências para construir narrativas marcadas por críticas sociais, buscando transformar sua visão de mundo em literatura.

Tropeiro do fim dos dias

Nico Collares



Debaixo de uma bergamoteira que brotou entre as ruínas de uma escola rural, casqueio meu cavalo com a mesma faca que uso para tudo. Tiro as ferraduras com jeito para reaproveitar até os pregos. Limpo as ranilhas, aparo sem exagero. Depois disso, vem o casqueamento propriamente dito. *Faço como tu gosta, Malacara! Nem tão achinelado para não andar como dono de bodega, nem tão fincado para não ficar de salto alto.* Feito isso, vem a parte bruta: ajustar as ferraduras — as mesmas de sempre e para sempre.

Para piorar, o bicho anda batendo os boletos das mãos um no outro. Troco a ferradura da direita com a da esquerda para mudar a ponta mais gasta para o lado de fora. Assim, a passada fica mais aberta. O problema dessa engenhosidade é ajustar as ferraduras invertidas nos pés do animal. Pensa numa botina de ferro que tu tens que endireitar para usar no pé contrário. E esse endireitamento é feito na base do fogo e da marreta. *Vê o trabalho que tu me dá só pra não bater as patinhas, Malacara!* Acendo uma fogueira de quase um metro para amolecer os ferros e dou-lhe martelada sobre uma pedra feita de bigorna. *Ou seria uma bigorna feita de pedra, meu pingo?*

No cair da noite, acabada a função, já não atino mais nada e estou arruinado de dor nas costas e no bucho. Me estico no chão olhando a lua, meto dois goles da pura para dormir melhor. Apago pensando na sorte de dominar essa tecnologia ancestral que aprendi e, agora, não tenho a quem ensinar. Um traquejo como tantos outros que, embora me sirvam muito nesses tempos em que cada vivente vive por si, hão de morrer comigo e ninguém no mundo saberá mais como casquear um cavalo. Assim como não saberão adorar a lua e galopar montado de lado como os Charrua. Nem sequer saberão plantar uma mandioca ou pegar um peixe como os Mbyá ou tocar um acorde de violão espanhol murmurando uma zamba de Yupanqui.

Tudo isso aprendi com meu pai Manuel Raul Puntal e minha abuelita Índia Irene. Meu sangue bugre foi misturado na guerra, na escravidão e no estupro. Nasci forte como um cavalo crioulo, mas desgarrado porque meu sangue é inimigo de si. De qualquer forma, foi tudo isso, inclusive meus desajustes, que me fizeram sobreviver a esse mundo que de tanto progresso avançou pra trás e não se dá mais a entender.

Em dois dias de descanso debaixo dessa árvore, matei um javaporco. Carneeí, salguei e dependurei no arame. Outra cousa que aprendi com meu amigo Nêgo Paulo e que hei de levar pra cova comigo. Penso em passar aqui na volta, pegar a carne já seca e, quem sabe, pousar uns meses, ou até o fim dos meus dias, que não hão de ser muitos. Essa dor estúpida no corpo me impede de seguir muito tempo no lombo do cavalo e o trecho intenso que me espera há de ser especial-

mente ruim, pois o trote e o galope serão necessários e me moerão do espinhaço à alma.

Entre tantas cousas a pensar, me concentro na missão a cumprir. Junto a tralha, monto no pingo e deixo somente o charque a secar e a guardar o acampamento.

Depois de uns oito quilômetros a passo, o lixo domina a paisagem. Um e outro barraco se ergue do mar de descartes sem chamar atenção, pois tudo é feito dos mesmos materiais que cobrem o chão. Fora dos barracos, mulheres e crianças cozinham em fogueiras de lixo com fogo sujo que sopra fumaça preta e cheiro de choque. A ventania leva sacos e sacolas a rolar como balões que se desprendem do chão e poluem o céu. Entre a gente, os porcos e as galinhas fuçam e bicam atrás de qualquer coisa orgânica para comer. A quantidade de lixo impede a formação da grama, e tudo se mistura à lama. Gente, casa, sucata, galinha, porco e lixo. *É meu pingo véio, a cousa aqui não tá boa de se ver!*

Ao longe, vejo uma montanha absurda de algum tipo de sucata e um homem, com o que parece ser um fuzil, emperiquitado lá em cima do material. Ao me aproximar, percebo que, ao lado, há uma tenda improvisada onde três homens desmontam a sucata. Aperto os olhos para ver melhor o conteúdo da montanha e finalmente identifico os patinetes elétricos à espera do desmanche. *Que bom que eu tenho a ti, Malacara! Tens lá tua obsolescência programada pela vida, mas não se acanha pras trilhas esburacadas, poças d'água, capim alto e montanhas de lixo. Nada é obstáculo para ti, meu amigo valente!* Já os patinetes das corporações privadas não sobreviveram à falência das vias públicas.

Ando a passo mais alguns quilômetros e um drone se aproxima. De longe, não consigo ver seus olhos de vidro, mas sei que a máquina me observa. É hora de começar a cavalgada. O trote me arrebenta a coluna e as tripas, mas não posso parar. A quantidade de gente aumenta a cada quilômetro. Ao verem me aproximar, os nórias se aglomeram desordenadamente tentando me fazer parar, mas meu pingo é uma patrola e não há de refugar. Finco as esporas. *Não para agora, Malacara, não para!* O animal segue convicto, mas dois bichos-homem ficam agarrados aos arreios e vão comigo de arrasto. Eles im-

ploram ajuda e invocam Jesus Cristo, mas eu sei que, se parar, vão me saquear e me surrar a pau e pedra. Por um segundo já demasiado longo, penso se saco o 38, a faca ou o facão. *Será, Malacara, que um desses pobre diabos pode ser um filho meu perdido?*

Saco o facão com a mão violenta e dou com as costas da lâmina no coco de um e nos dentes do outro. Estou ficando com o coração mole. O do coco não larga o meu pelego e já vem escalando o cavalo, me arranhando as costas. Viro o facão e dou de talho no braço. O homem cai com um berro e o membro quase decepado. *Que bagunça que eu fiz, Malacara! To ficando véio e tonto.*

Pego o galope em direção aos condomínios-estado, deixando o povo com suas bocas sem dentes e pés torcidos pelos crackóides para trás. A quantidade de barracos e pessoas volta a diminuir quando vejo com mais nitidez as muralhas do condomínio Brite City. Outro drone aparece. Se aproxima de mim uns vinte metros e emite um alerta sonoro avisando que não devo avançar, pois estou próximo à linha de duzentos metros. Paro o cavalo e o drone estacueira no ar a me observar. Me contorço na sela com dores abdominais. Preciso parar. Pego o celular e faço contato com o comprador da mercadoria pelo Deep App.

O cliente confirma que enviará o drone pirata para buscar o pacote. Compartilho minha localização e mando um vídeo provando que estou realmente nas cercanias do condomínio-estado. Em seguida ouço o “plim” no celular e confirmo o recebimento dos trezentos e vinte Metacoins. O cara reforça que a operação não pode ser filmada pelos drones do condomínio porque, se isso acontecer, minha cara entra pro cadastro de personas não gratas e, na próxima, os robôs já chegam atirando. Para o drone se afastar, a instrução é ficar bem estacueado por pelo menos uma hora, até que o robô passe a me interpretar como um objeto inanimado e tome outro rumo. Faço isso deitado com as mãos e a cabeça sobre as crinas. Adormeço por alguns minutos. *Não me leve a mal, meu pinga amigo, minha querência é teu lombo, mas com setenta e dois anos e essa dor que não passa, estou começando a achar que eu estaria melhor em uma cama.* O drone do condomínio finalmente vai embora e depois de mais uns quinze minutos o drone

pirata vem ao meu encontro. Coloco a mercadoria no gancho e já vejo o carcará robô zunindo na minha direção. Parto em disparada como na cancha reta que ganhei no Uruguai quando eu era guri.

Ao passar pelo cinturão do lixo, dessa vez faço o certo. Reúno todas as forças que me restam e sigo num trote rápido já com o 38 na mão. Um maluco quer me parar abrindo os braços e gritando, no que o cavalo sapateia anunciando o refugio. Sem pensar, aponto o cano no meio da testa e estouro a cabeça do diabo. *É Malacara, o pensamento não faz bem à mira!*

Chego às ruínas vazias do que foi um dia uma cidade. Um município de verdade, com prefeitura, rua, posto de saúde, escola, igreja, cartório, tudo. Não resta nada, apenas o mato retomando o que é seu. A cidade começa a ficar esparsa, o que indica que já estou perto do acampamento que poderá ser minha última morada. *É, meu cavalo amigo. Teu trote leve não é mais suficiente para me poupar das dores, de modo que já tarda minha hora de apear. Sei que quando desmonto a dor não passa, mas pelo menos te poupo do meu peso morto.* Talvez melhor fosse eu seguir montado e andando. Vendo o que ainda há para ver nesse mundo que, há muito, perdeu as rédeas e o sentido. Seguir em busca de meus filhos ou alguém qualquer a quem eu possa passar algum ensinamento. *Se bem que tu, meu pingo velho, já sabe minhas histórias todas de derecho y al revés. Ah, se tu lhes pudesse contar. Se Deus te desse a fala, tu rezaria uma ave maria e me faria um chá de cura para eu ficar bem. E sete desse uma mão com dedos, tenho certeza que tu faria os próprios cascos como quem corta as unhas do pé. Já eu, não tenho mais forças, meu pingo. Só ando porque, no lugar das minhas pernas estropiadas, tenho tuas quatro patas de luvas brancas.*

Não te quero deixar, mas meu medo agora é morrer com os pés socados nos estribos e ficar preso a ti. As moscas hão de pousar-me o lombo e lá se criará a bicheira. Não sabendo a diferença entre homem morto e cavalo vivo, depois de liquidarem-me a carne, as larvas passarão a comer a ti, meu pingo. Isso não quero.

Olhe lá, Malacara! Chegamos finalmente ao nosso acampamento e lá está minha árvore de bergamota e minha corda de charque. Porém,

logo adiante há um grande acampamento de lonas brancas. As máquinas montam um muro com peças gigantes de concreto pré-moldado, como se fosse um brinquedo de criança. Já sei que ali será mais uma farm factory multinacional onde antes era uma área pública. Já sei que no perímetro dela não posso ficar.

Penso em recolher o charque, mas, à medida que me aproximo, dois drones armados se posicionam com os canos apontados para mim. Com leve movimento de rédea vamos para outro lado. Qual lado, deixo a teu critério, Malacara. Me deito sobre as crinas e deixo os braços caírem sobre as espáduas. Viajo num sonho ou num delírio em que meu sangue inimigo se separa e faz as pazes para depois voltar às minhas veias. Em paz, transmito minhas vivências por muitas gerações e o mundo, de repente, se corrige. Acordo já ao anoitecer no pampa. A dor volta lancinante. Tiro os pés dos estribos e, sem forças para apear, me deixo cair. Malacara retossa assustado e, ao sentir-se solto, no galope dispara rumo à noite deixando o que resta da humanidade para trás.

Trilha sonora: Potro sem dono – Noel Guarany



Autor: Nico Collares

Daniel Collares nasceu em 1984 na cidade de Porto Alegre, onde vive até hoje. É publicitário formado pela UFRGS em 2008 e, atualmente, cursa Graduação em Escrita Criativa da PUC-RS.

Cartografia do apagamento

Tassi Viebrantz



Fernanda atualizava seu cadastro da escola:

Local de origem: São Borja

O sistema respondeu: “Localidade não encontrada”.

Tentou novamente e um aviso abriu na tela:

“Você quis dizer: Museu a Céu Aberto – Setor 3?”

Não, não foi o que quis dizer. Abriu o celular e pesquisou por “São Borja”. Nenhum resultado encontrado.

Ela olhou para a turma silenciosa de quarto ano, vendo-os com-
penetrados na atividade de marcar os pontos turísticos de Atlântida.

– Pessoal – chamou –, quem sabe me dizer onde fica São Borja?

Houve um silêncio tenso. Os alunos se entreolharam. Nem Gabi,
a mais inteligente da turma, quis arriscar.

– Ninguém sabe?

Timidamente Guto ofereceu-se.

– É um setor de Atlântida?

– Obrigada, Guto, mas não. Atlântida fica no sudeste. São Borja
fica para cima, próximo da Área de Preservação Indígena no noro-
este.

Silêncio.

Fernanda sentiu um frio no estômago.

– Vocês sabem me dizer onde fica o Museu a Céu Aberto?

Animadas, várias mãos se ergueram.

Fernanda lambeu os lábios e levantou-se.

– Continuem na tarefa. Eu já volto.

Mal fechou a porta e Fernanda já estava no celular novamen-
te, pesquisando por mapas do Rio Grande do Sul. Encontrou sete
regiões bem definidas. Começou a suar frio. Onde estavam as seis
regiões, além das cidades do sudoeste?

Tentou uma videochamada com a mãe, mas chamou até cair. Enviou
uma mensagem e aguardou, impaciente, até que viu um colega passar.

– Henrique – chamou-o —, tu já viu isso?

Henrique parou, ajeitou os óculos e observou a tela do celular.

– É um mapa do Rio Grande do Sul. O que tem?

– Onde tá São Borja?

– São Borja? – ele repetiu, confuso. – Não sei, Fê. Isso é o quê? Um monumento fora do estado?

– Não. Fica aqui!

Henrique vinçou o cenho e ergueu as sobrancelhas.

– Claro. se tu diz, né... Desculpa, Fê. Tenho que ir. Deixei minha turma sozinha.

Fernanda não soube o que dizer. Voltou para o aparelho:

Mensagem vista. Sem resposta.

Faltava meia hora para o fim das aulas.

Precisava ser rápida se quisesse chegar a São Borja enquanto ela ainda existia... em algum lugar.

Fernanda não encontrou passagens. Foi de carro pelo caminho mais rápido, atravessando a região do Agro-Futuro. A cidade fervilhava com o Festival Sementes do Amanhã, exibindo tecnologias de alteração intramolecular para produzir grãos que nunca apodreciam.

Já na fronteira com a região Acadêmico-Militar, foi um pouco mais complicado. Um posto de segurança ao turista parava os carros e conferia documentos.

Fernanda entregou os seus, sem ter certeza se eles diriam São Borja ou se já haviam sido atualizados.

O guarda olhou da carteira digital para ela, desconfiado.

– Para onde a senhorita vai?

Fernanda vestiu um sorriso falso.

– Tô indo conhecer o Museu a Céu Aberto.

O homem murmurou, expressão fechada.

– Não tem como passar por aqui, as estradas foram fechadas para a instalação do aerotrilha.

– Poxa vida! – tentou soar decepcionada. – Essa seria minha primeira vez. Será que não dá para eu fazer a volta por cima?

– A fronteira com a Área de Preservação Indígena não tá aberta nessa época. Sabe como eles são... bem anfitriões, mas só quando é temporada. Por que a senhorita não vai visitar Atlântida mais para baixo? Tu já conheceu as ruas submersas que inauguraram mês passado? Uma maravilha! Sem carro, só barcos. Liga direto à parte da cidade submersa, a mais disputada agora.

Fernanda sentiu um arrepio frio na espinha. Não lembrava o porquê, não de forma consciente, mas seu corpo sentia um desconforto sombrio com a água daquela região.

Engoliu o nó na garganta e apertou o volante.

– Que boa ideia! Eu não lembro de já ter estado lá. Vou visitar, sim.

O guarda finalmente sorriu. Sinalizou para que ela fizesse a volta, e assim Fernanda o fez... contornando a área Acadêmico-Militar por fora, mesmo que isso significasse demorar mais para chegar em São Borja.

Já se sentia exausta quando visualizou a entrada de São Borja.

A estrutura era familiar, mas ainda assim diferente. A parte inferior ganhara uma porteira de madeira idêntica aos CTGs. A parte de cima agora anunciava “Bem-vindos ao Setor 3 – CTG”.

O dia começava a se pôr.

Diminuiu a velocidade conforme se aproximava da praça. O olhar era puxado por cercas e fachadas novas. Muitos dos prédios haviam sido derrubados e, no lugar, surgiam fachadas de casas antigas, como se tivessem sido construídas décadas atrás.

Estacionou na Praça XV e desceu, sentindo o cheiro de pinha queimada no ar. Ficou desconfortável ao perceber que vestia uma calça jeans e casaco, pois todas as mulheres que via estavam pilchadas, assim como os homens, carregando o chimarrão e até cavalos naquela região ao redor da praça, muito mais descampada do que antes.

Caminhou devagar, procurando por rostos familiares. Ninguém parecia vê-la ali.

Foi indo na direção da igreja matriz. A mãe trabalhava em um mercado ali perto, onde tinha esperanças de encontrá-la, porém, conforme foi se aproximando, a igreja crescia diante de si, roubando a atenção.

Ela era muito maior do que antes, com cinco andares no mesmo formato de arco. No topo e ao centro, a janela era coberta por um grande telão onde eram projetadas imagens de uma garotinha de cinco anos em um vestido lilás de prenda.

– Eu amo aqui. – a garotinha dizia com uma animação infantil.

Fernanda assistia, atônita.

– Amo a vovó e o vovô. Amo ajudar o vovô com os bichinhos e amo a chimia de pêssego da vovó, é meu doce favorito. Eu queria morar aqui para sempre e sempre!

Só havia um problema: os avós da garotinha estavam mortos.

A avó nunca fez chimia.

A garotinha nunca se vestiu de prenda.

E ela detestava pêssego.

Afinal, aquela era Fernanda.

– Uma graça, tu não achas?

Assustou-se ao ver que um homem pilchado havia se aproximado. Ele assistia à garotinha no telão e mexia a bomba na cuia.

– Minha esposa daria tudo para ter uma prendinha dessas. Pena que a mãe dessa daí foi embora.

Fernanda tentou esconder a palpitação súbita.

– O que aconteceu com a mãe?

– Hm? – o homem ergueu os olhos claros para Fernanda e chupou a bomba, fazendo chiar. – Foi embora.

– Mas pra onde?

O chiado continuou.

– Não sei, guria. Deve ter ido morar na Pequena Europa. Tá na moda hoje em dia. Tem gente que não é da vida tradicional como a dos nossos avós. Tu sabe bem disso, né?

Ele passou o olhar dos pés à cabeça de Fernanda, sem nenhum pudor.

– Eu...

A bomba voltou a chiar, mais alto, incômodo.

– Tu quer um? – ele parou e ofereceu.

Fernanda, então, olhou do telão para o rosto do homem. Então para a cuia só com erva e bomba. Observou os braços dele, os ombros, o chão.

Nada.

Voltou a olhar para aqueles olhos azuis inquisidores.

– Cadê a tua térmica?

Por um instante, um relampejo de dúvida passou pelo olhar dele, e então o homem sorriu.

– Ah, é! A água. Deixei ali no mercado de produtos coloniais. Vem comigo! Vem, gurá. Vou te apresentar uns amigos que vão dar um jeito nessa tua roupa.

Ele começou a caminhar, mas com o olhar fixo em Fernanda, cuidando cada movimento.

Até que Fernanda começou a correr.

Sentiu que estava sendo seguida e entrou em uma loja, escondendo-se atrás das araras.

Um grupo passou lá fora. Um dos homens, a cavalo, falou no rádio:

– Museu. Calça jeans, cabelo preso. Fechem as lojas.

Fernanda aproveitou a oportunidade para pegar um vestido, soltar o cabelo e sair pelos fundos, indo na direção contrária.

Conforme passava, as lojas iam se fechando. O vestido atrapalhava a fuga.

Pegou uma cesta artesanal para esconder suas coisas e tentou se misturar, usando um sorriso plástico. Percebeu alguns homens observando atentamente, então foi se afastando aos poucos, cada vez mais perto da estrada na fronteira.

Até que deu de cara com os guardas.

Fernanda correu.

Passou por uma cerca de arame, atravessou a floresta escura até tropeçar no vestido e cair.

As lanternas apontaram na sua direção. Ouviu vozes dos homens dizendo que era por ali.

Encolheu-se perto da árvore e cerrou os olhos, esperando quando tudo iria, por fim, sumir.

– Isso é território indígena. – uma voz disse.

Abriu os olhos, confusa, mas não era consigo que a voz falava.

– Vocês não são bem-vindos além da fronteira.

Fernanda cobriu a boca e segurou o fôlego. A mulher estava muito perto e tinha uma lança.

Os homens recuaram, levando consigo os fachos de luz e deixando a quietude dos animais.

A mulher de cabelos compridos e lisos virou-se na direção de Fernanda, muda, analisando-a. Depois de um tempo longo, ela apontou para a cesta no chão.

– Kamé?

Fernanda piscou, confusa.

– Desculpa...

A mulher revirou os olhos.

– Levanta, vai. Qual teu nome?

Prontamente obedeceu, estapeando o vestido sujo.

– Fernanda. E tu...

– Pode me chamar de Sandra,

A mulher começou a caminhar, obrigando Fernanda a seguir.

– Deixa eu adivinhar: tá fugindo do apagamento?

– Eu acho que sim. Vim procurar minha mãe, mas...

A mulher lançou-lhe um olhar de esgueira.

– Ela morava ali?

Fernanda fez que sim.

– Sinto muito, mas se ela ficou lá, já pegaram e apagaram.

Precisou engolir o pranto que ameaçava nascer no peito.

– Mas... quem? Por quê?

Elas chegaram em um descampado, onde tudo o que havia era uma estrutura de ruínas. A mulher parou, encarando os resquícios que despontavam do chão em direção ao céu noturno.

– Primeiro eles roubam a terra, depois roubam a história. Agora tão roubando até a própria memória e vendendo de volta o ingresso.

A mulher voltou a caminhar, contornando as ruínas, fazendo Fernanda correr atrás.

– Mas quem faz isso?

– Quem vem de fora com dinheiro faz isso. Gostam da terra, mas não do que já tem nela. Nada nunca é o que prometem. Nem quando dizem que vêm para salvar.

Chegaram em um local cheio de abrigos e fogueiras, com pessoas passando de um lado para o outro, lançando olhares de desconfiança para a recém-chegada.

– De onde tu vem? – um rapaz aproximou-se, interessado.

– São Borja.

– Ah, sim! Eu já fui lá.

– É? – Fernanda mal conteve o sorriso, porém este logo esmaeceu.

– Ela tá bem diferente agora...

Sandra apontou para a roupa de prenda e depois para a cesta.

– É melhor tirar isso antes que esqueça.

Fernanda sentiu alívio por poder se livrar do vestido. Ainda usava calça jeans e camiseta, estava com um pouco de frio, mas chegava a respirar melhor conforme o vento gélido a alcançava.

Fechou os olhos por um momento, tentando esquecer o dia inteiro e lembrar-se apenas da infância. Um amargor pesou em sua língua ao perceber que alguns lugares eram buracos, como se não houvesse nada ali.

Abriu os olhos, assustada, e viu que mais pessoas haviam se aproximado e a observavam.

Sentiu a língua pesada.

– Eu... vou esquecer, não vou? – questionou, fitando cada um dos rostos ali. – Vou virar turista da minha própria vida?

Ninguém ousou responder, mas a verdade refletia-se nos olhares pesados.

– Eu não quero esquecer. – Fernanda sentiu a voz falhar, a inunção subir do peito pela garganta.

– Então conta pra nós como era. – Sandra sugeriu.

Todos concordaram.

– A gente guarda e lembra por ti. – outra mulher completou.

– É... – Sandra confirmou. – É assim que a gente sobrevive faz tempo.

– A minha mãe, ela...

Fernanda respirou. Tentou lembrar do rosto, mas ele era só um borrão já.

O pranto chegou em seus olhos. Fungou, vendo aquela miríade de rostos não-familiares e entendendo que não tinha mais como voltar.

Fernanda secou as lágrimas e, por fim, respondeu:

– A roupa dela sempre ficava com o cheiro do fogão à lenha.

E aquele cheiro ainda existia, vívido, mas aos poucos já não lembrava de onde vinha.



Autora: Tassi Viebrantz

Tassiele Viebrantz Cassuriaga é escritora de horror psicológico, sobrenatural e suspense, com formação em Antropologia e Cinema e Audiovisual. Seus textos transitam entre o real e o simbólico, explorando o desconforto, a tensão e o silêncio. Fala sobre memória, identidade e cicatrizes: as visíveis e as que fingimos não ver. Em suas histórias, não há respostas fáceis: o leitor é cúmplice do que escolhe atravessar. Acredita que certos assombros não vivem nos monstros, mas no que permitimos crescer no silêncio.

A úscara do fim

Josiano Saulo Diniz



A névoa do inverno gaúcho em 2125 não é água; é algo sólido, cinza, que entra pelos vãos das janelas desta casa de madeira podre. Ela se instala nos móveis, no meu xale, nos pulmões. Respiro lentidão. O tempo aqui não passa; goteja como um cano furado no porão. Será que fechei a torneira da cozinha?

Não, não fechei. A água vai correr, vai encher a pia, vai transbordar e escorrer pelo ladrilho partido. Vou deixar que corra. Talvez afo-

gue os ratos que roem as fundações. Ouço-os à noite. Ou será o som dos meus dedos artríticos raspando no cobertor? Já tomei o remédio das nove?

Tomei. Ou tomei o de ontem? Os comprimidos são pequenos cadáveres azuis na minha palma. Engulo-os com chá de boldo que já esfriou. O líquido tem gosto de terra e de algo mais. De metal? De memória? A memória tem sabor? A memória é uma faca cega serrando os ossos do crânio por dentro.

Falo sozinha. É a única conversa honesta que me resta.

“O vento está uivando nos pinheiros”, digo.

A resposta vem, não da boca, mas de um canto úmido da mente: “Pinheiros não uivam. Choram. Eles choram a resina que escorre como fumaça de escape.”

Está certa. Sempre está. A outra eu.

Olho para a parede onde o holovisor está morto, a tela um olho negro e poeirento. As notícias passavam lá. Cidades-flutuantes no litoral, implantes de realidade, a Juventude Eterna. Aqui, só eu e a névoa e o passado que não me larga. Ele vem visitar às vezes. Não em pessoa. Em cheiro. Um cheiro de tabaco e de algo apodrecido, como fruta caída no mato.

“Ele vai voltar hoje”, murmuro, enrolando o xale com força.

“Quem?”, pergunta a voz, inocente, perversa.

“O homem do chapéu. O que vende... vende... o que ele vende mesmo?”

“Vende esquecimento. Em frascos-âmbar.”

Ah, sim. Mas eu não quero esquecer. O esquecimento é a névoa dentro de casa. Eu quero lembrar. Lembrar do que fiz. O que foi que fiz? Fecho os olhos e vejo luzes azuis, o brilho frio de um bisturi caseiro e o silêncio dele, um silêncio tão profundo que engoliu todos os nossos gritos. Fizemos um pacto, eu e ele. Um pacto sob a lua cheia de agosto. Ou foi julho?

Preciso regar as samambaias. Estão secas, pretas, como dedos carbonizados apontando para o céu de estanque da sala. Não as reguei. Deixei morrer. Talvez tudo que toco morra. Talvez seja meu toque, agora, o toque da ausência.

“Você está apodrecendo junto com a casa”, diz a voz, agora mais próxima, um sussurro no meu ouvido que é meu e não é.

“Estou apenas esperando.”

“O quê?”

“A visita.”

Riso. Um riso de cascata seca. É meu riso, mas vem de longe. Ele disse que me amava, sob aquela lua. Disse que éramos como estranhos líricos, como definia uma poeta antiga. “Não sabia quem ela era na época, hoje não lembro do nome, não ligava antes, mas hoje queria lembrar... não, eu ainda não ligo”. Que iríamos nos fundir, duas almas em uma, para sempre. O “para sempre” dele durou até o primeiro inverno. O “para sempre” dele exigia um sacrifício. Algo tinha que morrer para que o nosso amor fosse eterno. Algo... ou alguém.

Onde coloquei as chaves? Preciso trancar a porta.

Mas a porta já está trancada. Por dentro. Faz anos.

Ouçó passos no alpendre. São pesados, lentos. Não são de rato. São dele. Voltei a ser jovem por um segundo, o coração um pássaro preso em gaiola de ossos. É ele! É ele que voltou, como prometeu!

“Não é ele”, canta a outra voz, melódica. “É o carteiro. O carteiro robô com seu pacote de nada.”

Batidas na porta. Metálicas, precisas. Não são mãos.

“Ele não bate assim. Ele arranhava a porta, com unhas longas.”

Tem razão. Me acalmo. O pássaro morre no peito. O carteiro robô vai embora. Fico só com o som da torneira gotejando, que agora me parece o tique-taque de um relógio enterrado no porão. Ao lado dele.

Fizemos a cerimônia com livros velhos, seguindo um ritual que ele inventou, misturando coisas proibidas. André Breton com superstição

gaúcha. Um cadáver de pomba, um espelho quebrado, os nossos cabelos entrelaçados. Prometemos não envelhecer. Prometemos ser um só. Mas só um pode subsistir. A matemática do amor é canibal.

Ele subsistiu em mim. É por isso que ouço a voz. É por isso que sinto o gosto de metal. É o sangue dele, ou o meu, secando na minha língua?

A névoa engrossa. Já não vejo o outro lado da sala. Vem das frestas, do chão, de mim. É hora. Sinto o frio do porão subir pelos pés, mesmo com meias grossas. Ele está chamando. O pacto nunca finda.

“Vá até a porta do porão”, ordena a voz, que agora é a dele, é a minha, é a nossa.

Levanto-me. Os ossos rangem como a madeira da casa. Não me lembro de ter comido hoje. Não importa. Caminho. A maçaneta da porta do porão está gelada. Sempre está.

“Abra.”

Abro.

A escuridão cheira a terra molhada e a uma flor podre que não consigo nomear. Desço os degraus. Não preciso de luz. Conheço o caminho. No centro, a forma sob a lona encerada. Silenciosa. Sagrada.

Ajoelho-me. A dor nos joelhos é aguda, real. É a única coisa real.

“Está na hora de cumprir a outra parte”, sussurro, ou sussurramos. “A fusão total.”

Pego o objeto frio e pesado ao lado da forma. Um velho descarregador de milho, ferro enferrujado.

“Sim”, ecoa na minha cabeça, uma sinfonia de aprovação. “Para sempre.”

Levanto-o. O peso do ferro enferrujado é sólido, familiar, como o cabo da enxerta que usava na horta, uma vida atrás. Será que deixei o fogo do fogão a lenha acesso? A pergunta brota, absurda, uma erva-daninha no meio do ritual. Ela congela meu braço no ar.

A voz dentro de mim estremece, irritada. “Não há fogo. Há apenas o frio. E a promessa.”

Tento me concentrar na forma sob a lona. Mas outro pensamento, rasteiro, insiste: “Preciso colocar sal nos degraus. Senão, a umidade sobe.” São preocupações de uma mulher velha, sozinha, cuidando de uma casa que é um caixão de madeira. Elas quebram o feitiço, me puxam para uma realidade banal e terrível.

“É agora!”, a voz grita, e há um tom de pânico nela, o pânico dele, não o meu. Ou é meu? Já não sei. As memórias se embaralham como fotos num vendaval. O rosto dele, amado. O rosto dele, desfigurado pela raiva. A lua cheia. A lâmina. O pacto escrito com cinzas e vinho tinto que manchou a mesa... a mesa que depois precisei esfregar por horas.

A mancha nunca saiu por completo.

“Você hesita!”, a voz acusa, e agora soa como a minha própria mãe, zombando de minha fraqueza infantil. “Sempre hesitou. Por isso estamos aqui, apodrecendo.”

Eu olho para o descaroçador. Não é uma ferramenta. É uma extensão da minha mão trêmula. É a chave. Para o quê? Para matar o fantasma? Para unir-me a ele de vez? Para silenciar a voz ou para entregar-lhe de vez os últimos fragmentos do que sou?

A névoa desceu pelos degraus. Ela envolve a forma na lona, envolve meus pés, sobe como um terceiro personagem, vivo e gelado. A visão turva. Já não vejo bem.

“Quem está aí?”, pergunto, baixinho, para a escuridão.

“Você está só.” responde a voz, mas soa mais distante, como se a névoa a tivesse engolido. “Sempre esteve.”

É mentira. Nunca estive só. Desde aquele inverno, ele habita aqui. Nos cantos, nas sombras, na minha própria medula. O pacto funcionou, mas de um modo torto, do modo como tudo no amor é torto quando apodrece.

O braço dói. Baixo o descaroçador. O metal toca o chão de terra com um ruído abafado, insignificante. Não há força. Não há convic-

ção. Só há cansaço e a névoa e o frio que já não sei se é do porão ou dos meus ossos.

“Então é assim que termina?”, a voz sussurra, desdenhosa, mas também cansada. “Com um suspiro e uma tarefa doméstica esquecida?”

A tarefa... É isso. Subo os degraus com dificuldade, deixando a escuridão para trás. A luz cinzenta da sala parece ofuscante. Encontro o saleiro na cozinha, o vidro embaçado. Volto para a porta do porão e espalho os grãos brancos nos degraus superiores — um gesto antigo, automático, contra a umidade e os espíritos ruins.

Fecho a porta. Tranco por dentro. A casa está silenciosa, exceto pelo gotejar. Sento-me novamente na cadeira. O xale cheira a mofo.

A voz não fala mais. Talvez esteja ofendida. Talvez esteja apenas esperando, como eu, que a névoa entre de vez, e todas as vozes se calem, e todas as tarefas, enfim, fiquem por fazer. Talvez o sal a tenha mantido lá embaixo, por enquanto.

Olho para a névoa lá fora, engolindo as árvores tão velhas quanto eu. Ele não voltará. Ele já está aqui. E eu também. Dois fantasmas num só corpo velho, brigando pelo controle de um braço que já nem consegue levantar um descaroçador, esquecendo-se do fogo e lembrando-se do sal.



Autor: Josiano Saulo Diniz

Sou contista, poeta, músico, compositor e professor de Literatura do Ensino Médio. Tenho um livro de haikai (*Qualquer curva que me leva sem a sua linha reta*) publicado pelo concurso da Imprensa Oficial Graciliano Ramos, recebi menção honrosa do governo de Alagoas pelo conto *Estatística* fui convidado pela Academia Alagoana de Letras para uma série sobre literatura e participei de algumas coletâneas a nível nacional.

Bem-te-vi

Júlia de Freitas Sampaio



Às 7h da manhã, Helena foi acordada pelo calor extremo. Por um segundo, pensou que a energia tivesse caído de novo, mas ao ouvir o som de uma máquina engasgando, como se lutasse pela própria vida, entendeu que ainda havia eletricidade. Contra 90% de umidade e 45°C, seu ar-condicionado antigo a cada dia tinha menos chance de sobreviver.

Ainda de pijama, preparou seu chimarrão e foi para a sacada. Do 20º andar, no bairro Bom Fim, tinha uma bela vista da cidade. Gostava de olhar para as margens do Guaíba, na praia da Cidade Baixa,

enquanto sorvia seu mate. Ria sozinha.

Sua vó costumava contar histórias de seus dias de festa em ruas que há muito estavam submersas. Quando criança, Helena achava que a mulher ia até lá para mergulhar com snorkel, prendendo a respiração para alcançar os bares submersos, como se isso tivesse sido a moda daquela época. Levou um tempo até entender que o mundo nem sempre tinha sido assim, que onde hoje era rio, costumava ter ruas quase sempre sem água e bares com mesas de plástico onde as pessoas iam beber cerveja e encontrar os amigos.

Bem-te-vi! Bem-te-vi! O despertador ecoou o seu som digital pelo ambiente. Já eram 8h, hora de acordar. Como o chimarrão já estava lavado, decidiu ir trabalhar mais cedo. Terminou de se vestir, chamou um táxi automatizado e programou a temperatura do carro para o mínimo possível. Naquele dia, a máxima chegaria a 53°C. Não era nenhum recorde, mas, ainda assim, era muito desagradável e potencialmente letal se não se tomasse cuidado.

No silêncio absoluto do laboratório ainda vazio, ela colocou sons de pássaros há muito tempo extintos. Não tinha certeza de quais gravações eram reais e quais haviam sido geradas por IA. Antes da extinção em massa, as leis sobre inteligência artificial eram muito mais frouxas e não exigiam transparência sobre conteúdos criados artificialmente, o que borrou as fronteiras entre o real e o falso e contaminou décadas de registros. Reais ou não, ela gostava do cantar das aves; eles a ajudavam a se concentrar no seu objetivo.

Recentemente, haviam conseguido criar os primeiros clones aparentemente viáveis de alguns animais nativos. Dentre outros, lobos-guarás e veados-campeiros haviam desaparecido e uma iniciativa na UFRGS tentava trazê-los de volta. Como parte do Conselho de Professores do Departamento de Biologia, Helena insistiu para incluir os bem-te-vis. Eles ainda não haviam sido oficialmente declarados extintos, argumentou outro professor. Então por que gastar recursos com eles? Não foram declarados extintos AINDA, ela respondeu. Pelo menos não oficialmente. Quando foi a última vez que alguém ouviu o canto de um pássaro da janela de um apartamento? Ninguém sabia. Ninguém da nossa geração tinha acordado com o cantar desse

pássaro. Todos tínhamos sido roubados dessa experiência.

Depois de muita discussão, ela conseguiu permissão para usar parte dos recursos na sua proposta. Talvez também fosse possível modificá-los geneticamente para resistirem ao calor e viverem livres, em vez de confinados ao laboratório de conservação. O espaço era bonito, recriado com base no que haviam sido seus habitats naturais. Mas ainda assim, isso não era liberdade. Presos ali, eles não poderiam encher as cidades vazias com seu canto.

Mais tarde, aproveitando que era sexta-feira, foi visitar sua mãe. A viagem era longa, então ela só ia aos fins de semana. Maria agora morava no interior, em uma cidade pequena chamada Monte Belo do Sul. Depois de ter sofrido um AVC num dia de muito calor, acharam melhor levá-la para longe da umidade, da poluição e das altas temperaturas de Porto Alegre. Além disso, como precisava de cuidados diários, era melhor viver junto da família estendida e passar os dias mais perto da natureza. Ou do que restava dela.

Helena chegou quando o sol começava a se pôr. Por sorte, o último grande incêndio não tinha atingido a casa da família, mas ainda assim causou destruição generalizada. Embora já tivessem se passado alguns anos, o cheiro de queimado e cinzas ainda pairava no ar e muitas árvores nunca haviam se recuperado. O laranja do fim de tarde, apesar de bonito, não era bem visto pelos moradores. As pessoas dali, seus parentes, eram supersticiosos. Para eles, fins de dia laranjas assim eram dias de espíritos vingativos, um presságio de incêndios que estavam por vir. “Os que morreram no fogo, eles querem se vingar dos vivos, querem que a gente vá junto com eles.”

Helena não acreditava em espíritos nem em maldições. Mas, ao mesmo tempo, achava que eles não estavam totalmente errados. Fomos nós, afinal, que causamos o aquecimento global, continuamos despejando CO₂ na atmosfera, mesmo sabendo que isso estava matando árvores, animais e a nós próprios. Ela chamava isso de causa e efeito; eles chamavam de maldição e espíritos. No fim, não era tão diferente.

Sua mãe estava sentada na frente de casa, na varanda. Aquele ar-condicionado externo sempre pareceu um grande desperdício de di-

nheiro, mas ficar ao ar livre deixava Maria feliz. Afinal de contas, ela havia crescido em um mundo em que ainda era possível estar fora sem se preocupar o tempo todo com o clima e nunca se adaptou completamente ao cativeiro que havia se tornado o dia a dia no fim do século 21.

— Boa noite, mãe.

Maria estava distante, assobiando o ritmo dos passarinhos, um hábito herdado do pai, que adorava observar aves. Prestes a completar 107 anos, ela guardava memórias desconhecidas para a maioria das pessoas vivas em 2125. Ainda assim, em muitos dias, que não tão lentamente se tornavam a maioria, não reconhecia a própria filha.

Helena esperava que, ao trazer os pássaros de volta, ao menos alguns deles, ela pudesse trazer sua mãe de volta para si mesma. Como se o seu canto pudesse servir como fio condutor, capaz de guiá-la para fora do labirinto que sua mente tinha se tornado. Sabia que isso era tão absurdo quanto acreditar que a cor do céu poderia prever o próximo incêndio. Mas também era filha daquela terra e, mesmo sendo cientista, pequenas superstições ainda embalavam sua vida, conectando-a aos que vieram antes dela.

— Sabe, mãe, os pássaros nasceram. Eles tão indo bem dessa vez. Acho que agora vai. Parece que finalmente conseguimos estabilizar o DNA deles.

O rangido da cadeira de balanço foi a única resposta da mulher. Resignada, sentou-se ao lado dela. Assistiram ao pôr do sol em silêncio e, quando a noite caiu, o céu foi iluminado por estrelas.

Quando eu era criança, mal dava para ver estrelas. As cidades eram cheias demais de pessoas e luzes, e isso roubava a beleza do céu noturno.

— Oi, mãe.

— Oh, olá. Há quanto tempo você está aqui? Me faz um favor e fecha a porta da casa para mim, sim? Não quero que os insetos entrem. Eles ficam muito ativos a essa hora.

Helena sabia que já não existiam insetos, apenas mosquitos, e esses

não se aproximavam da casa por causa da frequência de rádio protetora que ela havia instalado. Porém, achou melhor não contrariar a mãe, especialmente agora que ela parecia lúcida.

— Está vendo aquelas três estrelas ali? São as Três Marias. Minha mãe dizia que elas apareceram quando minhas irmãs e eu nascemos, para nos celebrar. Claro que era mentira, mas a ideia sempre me fez sorrir. Ela me teve aos 45 anos, achava que não poderia mais ter filhos.

— Eu sei. Mas então ela teve você. Queria lembrar alguma coisa dela, mas eu era muito pequena quando ela morreu.

— Pois é. Nós duas tivemos filhos tarde. Na época não sabíamos que estávamos trocando o tempo que teríamos com vocês por alguns poucos momentos a mais de juventude. Queria que tu tivesse tido mais tempo com ela. Queria ter tido mais tempo com ela. Sabe, sendo a mais nova, temos menos tempo com nossos pais e, muitas vezes, somos nós que enterramos nossos irmãos e irmãs. É uma sensação estranha ser tudo o que restou. Olhar ao redor e não ser familiar é como se tornar estrangeira na própria terra.

Helena saiu da casa da mãe se perguntando se tinha tomado a decisão certa ao não ter filhos. Até havia congelado alguns óvulos, por precaução, mas nunca sentiu que o momento fosse o certo. De qualquer forma, com a queda das taxas de natalidade, era cada vez mais difícil encontrar espaços adequados para crianças. A maioria das escolas havia fechado, e não restava nenhuma perto de sua casa. A logística do cuidado seria exaustiva. Ela já tinha os pássaros. Eles eram os seus filhos. E, se algum dia decidisse seguir com a fertilização in vitro, queria que as crianças fossem embaladas pelo canto das aves, não que vivessem cercadas de silêncio, que sentissem estar crescendo em um mundo que está morrendo.

As semanas passavam e os pássaros cresciam fortes. Mal podia esperar para levá-los até sua mãe, para que ela pudesse assobiar junto ao canto deles mais uma vez. Ela os alimentava diariamente, os pesava, limpava e cuidava de todas as suas necessidades. Divagava. É assim que as coisas sempre deveriam ter sido. Deveríamos ter sido os jardineiros do mundo, ajudado os animais e a natureza a prosperarem, e, assim, eles nos ajudariam a prosperar também, em um ciclo de cui-

dado. Tentamos dobrar a natureza à nossa vontade e, como resultado, quase destruímos toda a vida nesse planeta.

Bzz bzz. Helena sentiu o leve tremor do chip em seu pulso, indicando que alguém tentava entrar em contato. Ao formar um L com os dedos, abriu a tela digital entre eles, onde apareceu sua prima, com os olhos inchados e a fala arrastada pelo choque. Antes da confirmação verbal, ela já soube: sua mãe estava morta. E com ela, todas as memórias de um mundo antigo que Helena nunca conheceu, todas as histórias de quem ela foi e poderia ter sido. Teria que reaprender a existir no mundo, agora que não era mais filha, agora que só era ela.

Helena tentou preencher os dias com trabalho para não ter espaço para pensar. Dormia pouco, pois sempre que começava a adormecer, acordava com o som da mãe assobiando. Nas noites em claro, dizia a si mesma que quando os pássaros voltassem a cantar isso cessaria. Poderia ouvir o canto real, sem contaminação da IA ou da memória corrompida de uma centenária. Aos poucos, os bem-te-vis começavam a aprender a voar. Em breve completariam sete meses. Nessa idade, já deveriam libertá-la da maldição do luto a qualquer momento.

Um dia, enquanto segurava um deles nas mãos, ele gritou: “bem-te-vi”. Um grito envergonhado, com a melodia errada, que destoava e não soava nada como sua mãe. Ela checkou seus pulmões para imperfeições, seu peso, sua genética. Tudo estava certo. Mas ainda assim, enquanto o segurava, ele insistia em cantar errado, profanando as últimas memórias que ela tinha de sua mãe.

Helena levantou e jogou o pássaro no ventilador do laboratório.



Autora: Júlia de Freitas Sampaio

Júlia de Freitas Sampaio é doutora, com formação em ciências sociais, e tem a escrita como eixo central de sua trajetória. Além do trabalho acadêmico, mantém uma relação constante com a literatura e a produção de textos criativos. Ama escrever, experimentar linguagens e explorar a palavra como espaço de criação, reflexão e afeto. Atualmente, faz aulas de escrita criativa, aprofundando seu interesse pela narrativa literária e pelo processo de escrita.

Os ossos da terra

Eduardo Santos Schaan



Quando a avó de Pedro morreu, a casa da família se fechou por vários dias. Ninguém saía ou entrava, nem mesmo as velhas da cidade para se despedir da antiga amiga. Os Outros também tentaram prestar condolências — ou algo além —, mas sua entrada foi respeitosamente recusada: figuras altas barradas pelo diminuto pai de Pedro. Três dias depois do acontecido, ainda na madrugada, todos viram uma imensa pira de fogo no pátio, da altura de um deles. Alguns, consternados, pensaram que queimaram o corpo, mas outros lembraram que a

família Alves sempre havia cumprido a tradição e o costume. Com exceção da velha, que de alguns meses para cá havia se convertido cada vez mais, falando de paraíso e do além-céu. E então souberam que antes de acender a pira (queimando todos os pertences da anciã, seus livros, seus enfeites, seus apetrechos de cozinha, linha, agulha e também a corda), a família levou o corpo envolto em pano branco até o local de seu sepultamento, em segredo no meio da noite. Não marcaram com cruz, lápide ou mesmo uma pilha de pedras de rio.

Nas semanas seguintes, Pedro intensificou sua presença no Coral da Igreja. É fato que os adultos, no momento da morte, ainda por cima mortes súbitas e consternantes, deixam as crianças de lado. Talvez pensem que, depois de despedirem-se ante uma foto, uma imagem e, se os adultos deixarem, ante o corpo do morto, tudo irá desaparecer na mente dos filhos. Talvez tenham medo por desconhecem o mundo interior das crianças — ou então por já terem escapado dele há muito tempo — onde uma pequena pluma torna-se ave de rapina, uma escama de peixe é um dragão aquático e uma sombra na janela é um terror inominável. Talvez se imaginem como crianças eles mesmos, o pavor súbito de que no lugar de uma implosão silenciosa e educada, contorcendo todas as entranhas do corpo, haja uma explosão de lágrimas, vômito e desespero que possa ser vista — e nomeada. A verdade é que o pai de Pedro, arrasado, não admitia se colocar outra vez como um menino frágil perdido no mundo: desocupado, vagando por cidades alagadas ou campos quentes de ravinas vermelhas. Após o fogo, todos ficaram em silêncio, e se podia ouvir apenas as colheres batendo no fundo do prato para levar às bocas secas ensopados ralos e sem sal. A mãe se recolheu num canto.

Os ensaios do Coral aconteciam dentro do Templo, na praça central da vila, junto às habitações, tribunais e palácios dos Xeítas. Durante o dia, depositavam-se na praça os carregamentos de cálcio, sílica e calcário para a continuidade das obras, vindos de outras partes — do mar, do campo, dos ossos da terra. A casa de Pedro e dos seus ficavam mais distantes, feitas de tábuas de madeira. Assim como as outras construções dos Xeítas, o Templo apresentava o mesmo branco leitoso e semitransparente, mas sua arquitetura era projetada de tal forma que refletia todas as cores do sol em suaves arco-íris por entre

as paredes que lembravam um mármore translúcido. E dali se podia ver todos os arcos e arabescos, os grafismos e as estátuas contando a vida, a história, os milagres que Ele fez e que pareciam constituir toda a história e veneração daquele povo vindo do céu. E se, parados no centro da nave, nossa cabeça se erguesse, veríamos vagas silhuetas refletidas por entre as mil cúpulas dispostas umas sobre as outras, tênues espelhos nos oferecendo uma imagem cada vez mais distorcida de nós mesmos. Os ensaios do Coral aconteciam ali, com os Outros: os Xeítas ao fundo, e as crianças mais adiante, à frente do Professor.

Pedro, na realidade, deveria ter sido dispensado do Coral um ou dois anos antes, quando sua voz perdesse sua harmonia e passasse a ser gutural e grotesca como a de seus pais e vizinhos. Alvo de chacota de seus colegas e amigos, a voz de Pedro se conservou fina, como uma pequena ocarina azul, e por isso gradativamente se tornou mais importante no Coral, chegando a ser escolhido para algumas áreis nas apresentações de domingo. Talvez sabendo que sua presença maciça impunha respeito — nojo para alguns —, os Xeítas ocupavam o fundo da Igreja, acompanhando a voz fina das crianças com suas palavras flautadas. O Professor, porém, se punha à frente das crianças, que nunca sabiam exatamente o que ele olhava. Olhos brancos, estatura imensa e tudo aquilo no rosto escondendo sua boca (que ninguém realmente viu), o Professor encerrou satisfeito aquele ensaio, estalando seus dedos feito castanholas. Pedro sentiu, sem certeza, que o olhar do Professor havia se demorado mais nele enquanto cantava, o que se confirmou quando foi chamado à parte. Sua voz era pastosa, como se cada palavra demonstrasse grande esforço para ser articulada.

“Pedro, tenho notado que seu canto tem melhorado muito. Suas notas soam quase iguais às nossas.

Sem jeito, Pedro murmurou que treinava sozinho no pátio de casa.” O Professor prosseguiu.

“Gostaria de convidá-lo para fazer parte de nosso grupo de estudos das obras dEle.”

Receoso de fazer parte de um grupo só deles — os Xeítas nunca convidavam humanos para seus grupos internos —, de repente Pedro animou-se:

“Se eu fizer parte do grupo, eu vou para o céu? Além do céu? Onde está a vó?”

“Talvez um dia” — disse o professor, rindo da inocência da criança, — “mas é apenas um grupo para divulgar as ações que Ele fez e nossos verdadeiros costumes”.

Pedro aceitou, com a esperança de um dia poder ir além-céu. Ninguém realmente conseguira ir para o céu desde que os Xeítas chegaram com suas naves. Sabia-se que todos iriam para o paraíso depois de morrer, desde que se comportassem bem e seguissem os preceitos e costumes, sob pena de renascer de novo naquela terra tórrida e desolada. Somente quem tivesse muita fé, tanta que esquecesse qualquer um dos costumes antigos, e que apenas cumprisse o que Ele pregava, poderia ir para o paraíso, levando seu corpo novo, jovem, melodioso e brilhante. Mas havia relatos que circulavam — e que os Outros não confirmavam — de que nos campos azuis de Vacaria houve um velho que rezava tanto que foi direto para o céu — subiu numa escada invisível; uma criança de Nova Santo Ângelo que quase não comia de tanto rezar e, um dia, levitou e foi levada além-céu. Pedro achava que esperar até morrer era muito tempo, e queria conhecer o céu agora: via as naves flutuando dia e noite, com imensos carregamentos de material branco e brilhante. Os Xeítas diziam que o céu era imenso e silencioso. Por isso gostavam da terra, onde suas palavras soavam longe, assobios enchendo um mundo esvaziado.

O pai de Pedro não aprovou a participação de seu filho no Grupo de Estudos. Porém, diante dos elogios de seus vizinhos e da animação dos outros filhos, que também esperavam ser convidados, deixou que ele participasse. Tinha medo dos Xeítas, sua altura, seu brilho leitoso e as bocas que nunca conseguira ver. As garras afiadas nas mãos. Lembrava quando chegaram nos campos vazios do sul, onde antes havia Bagé e Quaraí, e os levaram para aquelas cidades que pareciam maravilhosas. Quase não podiam sair, salvo incursões secretas e rápidas, e os que foram mais longe diziam que em toda a terra surgiam imensos prédios e armazéns brancos, e entre eles cercas mais altas que árvores.

Pedro passou a ir todas as manhãs no Grupo de Estudos. No início, estranhava estar só com os Outros, sua língua flautejada e incompreensível. Mas sentiu-se incluído quando o Professor, mesmo com a maioria Xeíta, colocava seu aparelho bucal por entre os “pelos” de seu rosto para que Pedro conseguisse entender, ainda que com dificuldade, as palavras e as ações dEle. Nas primeiras vezes, quando voltava para casa, o menino contava o que aprendeu — as palavras Xeítas (ele replicava em assobios e melodias cromáticas), as lições que Ele passou e até algumas curiosidades sobre os hábitos do povo Xeíta. Falava muito sobre o que faria quando chegasse ao céu, e rezava tanto antes de dormir que seus irmãos se irritavam com ele, pedindo para ficar quieto. Depois, aprofundou-se nos costumes Xeítas — suas festas de casamento, nascimento e os rituais fúnebres. Com o passar dos meses, contudo, tornou-se lacônico. Às vezes treinava sozinho a linguagem dos outros, caminhava à noite no centro da praça, admirando as construções de cálcio.

Um dia, após um longo aconselhamento com o Professor, não apareceu para o almoço, e foi para o mato. Pedro caminhou entre as capoeiras baixas ao redor da vila, levando apenas um balde e sabão. Errou algumas vezes o caminho, mas, no fim, encontrou o túmulo de sua avó abaixo das raízes de um tronco caído de uma aroeira. Com a ajuda de uma pedra pontuda, conseguiu cavar a camada mais dura acima, chegando à parte úmida e macia do solo, logo acima do corpo de sua avó. Levou algumas horas para abrir toda a cova, até que diante dele aparecesse todo o pano marrom esgarçado com a forma da anciã. Quando abriu, surpreendeu-se com a conservação da avó: ainda havia alguma pele restando sobre os ossos, cabelos ainda trançados, o crânio com a pele seca e pardacenta mirando o céu. Pegou o balde e, num açude próximo, encheu-o de água. Com cuidado, Pedro retirou o crânio da cova e, gentilmente, o mergulhou no balde. Retirou a pele do rosto, descartando-a, e jogou o cabelo trançado na terra. Lavou e esfregou o crânio até que estivesse branco e brilhante. Com algumas folhas grandes, fez uma espécie de cama, onde colocou o crânio para descansar, repetindo o processo com cada vértebra, cada costela, cada osso do braço, da perna, dos dedos das mãos e pés, até que o esqueleto inteiro se encontrasse alvo e limpo. Embrulhou tudo com as folhas. Voltou para a cidade

e entrou na Igreja, onde o Professor o aguardava satisfeito, recolhendo o pacote de suas mãos e dispondo os ossos para a transubstanciação para incorporar-se ao Templo. Atrás dele, seguiu Pedro, entrando no claustro separado apenas aos Xeítas. Passaram-se dias sem notícias do menino. O pai, intercalando ira e temor, postava-se na frente da Igreja esperando notícias do Professor, que não o respondia.

Quando Pedro saiu da Igreja, trinta dias depois, estava radiante, mesmo não podendo sorrir. Sua boca agora estava encoberta pelos mesmos “pelos” que cobriam o rosto dos Xeítas. Já não falava bem a linguagem humana — conservou sua língua, mas as palavras saíam mastigadas como os outros faziam. Consequia, apesar disso, flautear — com uma certa desarmonia — as escalas e melodias do outro povo. Em casa, seu pai o olhava estupefato, e os irmãos evitavam brincar com ele, nem mesmo pediam seus brinquedos ou suas roupas emprestadas. Sua mãe tinha medo dele, e não sabia como alimentá-lo, pois já não podia morder os alimentos sólidos — restavam somente sopas e caldos ralos. Pedro emagreceu, adquirindo um ar pálido e mortiço, passando a frequentar ainda mais a Igreja e o Coral, com o estímulo do Professor, que se esforçava ao máximo para que tivesse uma integração positiva. Mas os outros Xeítas não gostavam que ficasse com eles no Coral — seu canto era desarmônico, como uma flauta trincada. E já não conseguia cantar com as outras crianças, sua língua era dura e parecia bater contra o resto do que devia ser sua boca atrás da “barba”.

Após os ensaios do Coral, Pedro passou a sentar-se na praça. Ali, olhava para o céu e cantava uma canção de melodia triste e límpida, quase inaudível, como um filhote de pássaro caído do ninho logo ao nascer, fraco demais para conseguir voar.



Autor: Eduardo Santos Schaan

Sou antropólogo e produtor cultural, trabalhando há vários anos com comunidades indígenas do Rio Grande do Sul.

Imensa lágrima gelatinosa

Matheus Borges



Os alertas começaram a soar no momento em que a ameaça foi detectada. Assim que ouvi o ruído distante dos canhões pulverizadores, naquele característico rumorejar de quando estão acumulando energia, corri para a janela. Dali, do meu apartamento, localizado no quarto andar de um edifício na zona fluvial da Cidade Baixa, conseguia enxergar somente a cabeça da criatura. Não passava de uma sombra gigante recortada pela noite. Ouvi vozes no andar de cima.

Os vizinhos do quinto andar cochichavam sobre largura e altura.

“O que vocês estão vendo?”, gritei.

“É diferente do outro”, respondeu uma voz jovem e masculina. “Esse aí tem uma cara mais anfíbia.”

“Isso eu tô vendo”, respondi. “E as patas?”

O vizinho hesitou, prolongando uma vogal anasalada. Em seguida, ouvi uma latinha ser aberta.

“Não tem patas”, respondeu outra voz, desta vez de mulher. “Ele não é bem anfíbio, tem um aspecto mais de gastrópode.”

“Gastrópode?”

“É, mais jeito de molusco, tipo lesma, uma lesma muito gorda.”

“Quer subir aqui pra dar uma olhada?”, perguntou o cara. “A gente tem cerveja.”

A criatura arredondada tinha olhos profundamente verdes, um verde escuro que refletia a iluminação dos prédios e helicópteros. Pensei detectar nesses olhos uma tristeza sombria, talvez a decepção de uma criatura submarina que, ao rastejar pela primeira vez na superfície, descobre um mundo confuso e hostil. Teria a criatura consciência de que estava prestes a ser pulverizada? Bebi um gole de cerveja e olhei para o lado. Rodrigo, o vizinho, acendeu um cigarro e botou música pra tocar.

“Onde tu tava quando apareceu o anterior?”, perguntou ele.

“O lagartão? Eu já morava aqui.”

“Não teve outro depois do lagartão?”

“Capaz”, disse a mulher, que se chamava Isabela. “Tu tá viajando.”

“Teve aquele que tinha uma carapaça.”

“O da carapaça foi ano passado”, respondi. “Quando pulverizaram ele, já tinha quase que atravessado o Guaíba. Os canhões tavam demorando pra carregar, então dispararam em 75% e a pulverização não foi total. Eu lembro disso porque caiu uns pedaços de osso na casa da minha mãe, que mora na zona sul.”

“Claro”, limitou-se a dizer Rodrigo.

“Tua mãe guardou algum pedaço de osso?”, perguntou Isabela.

“Não”, respondi. “A prefeitura recolheu.”

“Que pena.”

Peguei uma cerveja no freezer e Isabela me contou que em breve começaria uma residência na Fundação de Arte Biológica. Sua ideia era obter material orgânico das criaturas e fazer pequenos clones, que seriam expostos dentro de aquários.

“A ideia é justamente questionar os limites da manipulação humana da natureza. Afinal de contas, é com isso que a gente tá lidando, né? De onde que saíram essas criaturas colossais?”

“Parece que do fundo do oceano”, respondi.

“Mas como eles subiram? Não foi pelo aquecimento das águas?”

“Não faço ideia.”

“Aí que tá. Ninguém sabe. E ninguém faz questão de saber. O importante mesmo é matar. Mais uma extinção na conta da humanidade.”

Perguntei a ela se já tinha conseguido alguma amostra de material orgânico e ela disse que não. Da sala, Rodrigo deu um grito. Isabela e eu corremos até ele, que estava parado na janela. Dali, vimos o que tanto impressionava Rodrigo: a criatura havia começado a secretar uma gosma amarelada e translúcida, que transbordava de seus olhos imensos. Agora, pensei eu, o quadro estava completo. Dos olhos es-

curos e tristes, lágrimas espessas que se espalhavam ao redor da criatura à medida que avançava lentamente.

“É a primeira vez que eles soltam gosma”, disse Rodrigo.

“Material orgânico”, disse Isabela, olhando para mim.

Ficamos mais uns quinze minutos olhando o bicho secretar gosma. Bebi um gole de cerveja e, embalado por aquele que era o terceiro latão, virei para Isabela e disse:

“Vamos. Eu tenho um barco. Posso pilotar sem problemas.”

Ela e Rodrigo se olharam e saíram correndo pelo apartamento, vestindo casaco e calçando sapatos e cobrindo o rosto com máscaras de proteção, tudo isso enquanto abriam caixas e reviraram itens cotidianos, afinal haviam se mudado recentemente e ainda não tinham organizado as coisas. A única exceção era o kit básico de laboratório, que não estava guardado em caixa nenhuma. Isabela o deixava sempre à mão, numa pequena maleta branca, que ela empunhava com firmeza ao trancar a porta do apartamento.

No barco, avançamos de uma zona fluvial a outra, da Cidade Baixa ao Centro Histórico, onde estipulamos que o bicho agora ocupava uma área considerável do sítio arqueológico da Praça da Alfândega. Mais uma vez vão atrasar os trabalhos de escavação subaquática, pensei. Dali onde estávamos, no acesso ao córrego da Andradadas, enxergávamos o acúmulo de secreção entre os prédios abandonados.

“Temos que tomar cuidado”, disse Rodrigo. “Imagina ser soterrado por esse troço.”

Mais adiante, encontramos o primeiro sinal de um bloco de gosma, do tamanho de um caminhão, caído na água entre uma árvore e uma antiga fachada de loja. Mesmo que o bicho seguisse na direção contrária, fui aproximando o barco de forma cautelosa. A dez metros do bloco de secreção, Isabela colocou luvas de látex e começou a preparar o kit de laboratório. Por fim, estendeu sua pipeta e começou a colher amostras daquela imensa lágrima gelatinosa. Eu, enquanto

isso, olhava para os lados à procura dos barcos de patrulha. No caminho de volta para nossa zona fluvial, ouvimos a sucessão de disparos dos canhões pulverizadores e imediatamente uma chuva esverdeada tomou conta da noite.

“Não é possível”, disse Rodrigo. “Outra vez a prefeitura disparando os canhões numa potência abaixo de 100%.”

“Sorte nossa que era invertebrado”, comentei. “Senão a gente morria debaixo de um osso.”

“É muita incompetência”, disse Isabela. “Certo que vai rolar outra investigação.”

“E não vai dar em nada.”

E disse Rodrigo, conciliador:

“Ah, mas tem que dar um desconto. Porque eles têm que resolver as coisas na pressão, o quanto antes, para evitar estragos ainda maiores.”

Perdemos a vontade de continuar aquela discussão. Em vez disso, ficamos em silêncio, observando o barco avançar nas águas escuras. Aos poucos a chuva verde se intensificava ao nosso redor e, quando começou a ficar difícil de enxergar o caminho, eu acionei o limpador de vidro.

Cumprimentei Rodrigo, que estava animado. Subimos as escadas e entramos no salão, onde umas cinquenta pessoas andavam devagar, de um lado para o outro. Um garçom costurava seu caminho entre elas, oferecendo bebidas e petiscos.

“Vocês estão aí!”, gritou Isabela.

Rodrigo deu um beijo nela e disse que estava muito orgulhoso. Eu a abracei e dei parabéns.

“Imagina”, ela me disse. “Não fosse por ti, nada disso seria possível.”

“Minha única contribuição é ter um barco.”

Isabela riu e disse que em dez minutos haveria um debate sobre as obras em exposição. Disse para aproveitarmos que a Fundação estava patrocinando. Havia comprado uns espumantes muito bons, espumantes de verdade, não esses vagabundos que se encontra nos distribuidores comuns. Depois disso, afastou-se de nós e foi cumprimentada com entusiasmo por um homem de bigode grisalho. Rodrigo e eu caminhamos pelo salão e, ao passar por um dos garçons, peguei uma taça de espumante.

Abrindo caminho entre os frequentadores, cheguei à área de exposição. Ali, encontrei uma bolha de vidro cheia d’água, onde flutuava o miniclone fabricado por Isabela. Reduzido a pouco mais de vinte centímetros de altura, era um pequeno animalzinho rechonchudo. Seus olhos, tingidos daquele mesmo verde profundamente escuro, não obstante, carregavam uma tristeza distinta. O que ele parecia sentir não era confusão, mas medo. Um medo inexplicável que o tomava por inteiro. Bebi um gole do espumante e senti um frescor ácido se espalhar pela boca. Isabela estava certa. A Fundação havia mesmo caprichado na preparação do evento. Meus pensamentos foram interrompidos quando, aprisionada em sua gaiola aquática, a criatura exalou uma borbulha e, descrevendo uma pirueta como talvez se movesse um feto no líquido amniótico, projetou-se para a frente, aproximando-se do vidro. Rodrigo parou ao meu lado e, dando um tapa no meu ombro, perguntou o que eu tinha achado da exposição. Eu disse que estava ótima e sequei a lágrima que escorria em minha bochecha.



Autor: Matheus Borges

Matheus de Medeiros Borges nasceu em Porto Alegre, em 1992. Seu romance de estreia, *Mil placebos* (Uboro Lopes, 2022), foi vencedor do prêmio Odisseia de Literatura Fantástica. Com seu segundo, *Frankito em chamus* (Todavía, 2025), recebeu o Prêmio Jacarandá de Literatura.

Calmaria

Maria Eduarda Hojnacki Kologeski



Lá fora, araucárias centenárias voltaram a vigiar o horizonte gaúcho como sentinelas verdes. A tempestade vibra contra os vidros triplos de alta densidade das janelas do quarto e os relâmpagos clareiam as vilas solares de casas pintadas em um espectro de cores infinito, cujos tons realçam mesmo sob a chuva. Aqui dentro o ar é uma carícia orgânica. O ambiente é purificado pelos biofiltros de parede: jardins verticais de musgos e samambaias nativas que filtram o oxigênio e exalam o cheiro aconchegante da natureza. Iara se revira na sua cama, inquieta, sob o teto que projeta um céu estrelado em movimento.

— O vento tá gritando muito, mãe. Parece que tá com raiva — ela murmura, escondendo-se no edredom de fibra regenerativa.

Envolvo o corpo dela com o meu braço, trazendo-a para o balanço suave do meu colo, um movimento rítmico que aciona os sensores térmicos da poltrona, ajustando o calor para um abraço constante. Enquanto nino Iara, não vejo apenas minha filha... Vejo a primeira geração que nasceu sem o peso do medo nos ombros.

— Imagina o vento assim... — produzo um longo e agudo assobio, como o ar que corta o vão das taquaras. — Ele não está com raiva, filha, ele é apenas a respiração de uma natureza que finalmente se ajustou.

Iara se aninha melhor no meu colo e seus olhos procuram os meus, já menos assustados.

— Feche os olhos, meu bem, não há nada que possa te assustar — canto, com a voz suave e contínua, como um fio de lã sendo fiado.

Aprecio aquela pele que nunca conheceu o roxo da violência e que respira uma paz construída, uma harmonia conquistada. É a pele de quem vive em um imenso jardim tecnológico e seguro, onde a estética da alegria substituiu o cinza do concreto armado. É a pele de quem nasceu do canto que sustentou as mulheres desta terra quando tentaram impor o silêncio. É a pele de quem nasceu com o ritmo da nossa teimosia enraizado bem no meio do peito.

Acaricio os cabelos dela, afastando uma mecha que cai no rosto, enquanto minha mente retrocede para um passado que ela nunca precisará visitar.

Houve um tempo em que ser mulher nessa terra era viver com um nó na garganta, tentando manter o coração pulsando enquanto o mundo tentava nos tirar o ar. Era como atravessar o inverno nas dunas de Cidreira de peito aberto, sem japonsa, poncho ou pala. O vento trazia aquela areia fina, cortante, que lixava a pele e entrava nos olhos, impedindo a gente de enxergar o horizonte, e a gente aprendia a caminhar contra a força dele, engolindo o gosto tóxico que impregnava até a alma.

Os bancos vermelhos, agora expostos nos museus, não eram arte, eram lugares vazios. Representavam as milhares que não puderam ocupar espaços, as dezenas que eram caladas para sempre, todo o mês, por quem dizia amá-las. Diziam que aqui era terra de machos de guerra. E nós éramos o silêncio na cozinha, o segredo do quarto, a mão invisível que lavava a farda suja de sangue.

Sinto o corpo dela tencionar levemente. Percebo que tinha parado de cantar.

— Feche os olhos, meu bem, não há medo que te impeça de sonhar — retomo a canção, num fio de voz embargada. Respiro fundo, retomando meus assobios, para que ela saiba que neste século está segura.

Retomo meus pensamentos. Naquele tempo, a nossa felicidade era vista como afronta. A nossa liberdade, como convite. O corpo da mulher não tinha dono, porque ele era de todo mundo, menos dela. O do homem era um castelo privado, com muros altos e trancas que ninguém ousava forçar. O nosso? O nosso era praça pública. Território do patrão, moral da igreja, legislação do estado, alvo da estatística. Eles achavam que podiam opinar no nosso tamanho, na nossa roupa, no nosso ventre. Se dizíamos “não”, eles ouviam “talvez”. Se ocupávamos espaço, eles nos chamavam de ameaça. A gente morria por queimar o arroz. Por querer se separar. A gente morria simplesmente por existir como mulher.

Hoje, apesar das cicatrizes, não tenho mais medo.

Não temo porque guardamos a nossa alma bem fundo, num lugar que a mão pesada deles não alcançava. Nos unimos numa só canção, numa só batida, numa força imbatível que derrubou os muros do pavor. Agora, minha filha caminha na rua sozinha de noite e não olha para trás a cada passo. Ela tem direito de amar quem quiser, inclusive ninguém, e não pede licença para ocupar espaços.

Beijo a testa de Iara. A respiração dela começa a ficar mais lenta. Minha voz ganha a força da vitória silenciosa.

Quando o mundo ruiu e se afundou no lixo, fomos nós que sobramos para reconstruir. Porque já sabíamos viver no escombros, com pouco ou até mesmo nada. Juntamos os cacos e seguimos em frente pelas que não puderam estar. Fizemos nascer flor no concreto. O matriarcado não veio com armas, veio lavando a ferida do mundo, limpando o sangue e nutrindo a terra seca. Nosso estado tem cheiro de marcela e de terra recuperada, não há mais pólvora.

A respiração dela desacelera, acompanhando a melodia da minha voz e o brilho âmbar das luzes inteligentes que começam a se apagar.

— Sempre que te perguntarem quem tu é, Iara — sussurro para o seu sono que chega —, diz pra todo o gaúcho deste novo tempo ouvir: eu sou o eco que o tempo não calou, a mulher livre que não precisa temer.

O minuano uiva lá fora, batendo mais forte contra o vidro, mas Iara já não o escuta como ameaça. Ela dorme mergulhada no conforto de um mundo que levamos séculos para colorir, protegida por paredes que respiram e por uma história que nunca mais será de dor.



Autora: Maria Eduarda Hojnacki Kologeski

Entre a formalidade do serviço público e a pesquisa acadêmica, traduz sua ótica autista em crítica social, escrevendo a partir de uma busca por justiça e de uma rigidez que recusa o óbvio. Sem acreditar em fórmulas mágicas, investiga as perguntas do mundo amparada pelo suporte vital e cúmplice da esposa, vivendo uma rotina cheia das ironias de quem, no fundo, sabe que apenas obedece às ordens silenciosas de sua gata.

A rua que ainda se chama Praia

Denisson Beretta Gargione



As galochas coloridas de Ana e Pedro batiam na água — splash, splash — misturando-se aos risos e gritos, enquanto Marcelo os observava alguns metros atrás, carregando as mochilas da escola.

Por um momento, ficou nostálgico. Lembrou de quando tinha a idade de sua filha. Aquela mesma rua, era agitada, cheia de restaurantes e não tinha vinte centímetros de água.

— É mentira! — gritou Pedro.

— Uou! O que está acontecendo aqui? — interveio Marcelo antes que a discussão terminasse em briga.

Ana olhou para seu pai, meio chorosa.

— O Pedro disse que aqui não é a Rua da Praia porque aqui não é uma praia. Eu disse que era sim...

— O meu pai me levou pra ver a praia — interrompeu Pedro.— Eram só ondas batendo no muro.

Marcelo olhou nos olhos da filha:

— É que aqui um dia foi praia... a água ficava mais longe.

— Mas tem água aqui agora!

— Não, muito antes disso...

— ... No tempo do vovô?

— No tempo do bisavô... do avô do avô... do avô dele!

— Uau! — responderam as duas crianças impressionadas. Parecia muito tempo pra elas. Talvez tenham pensado em dinossauros.

Subiram até o 508 para deixar o Pedro. A porta estava aberta e tudo estava sendo encaixotado.

Marcelo bateu na porta e deu um passo para dentro enquanto Pedro correu para seu quarto. Jair logo apareceu.

— Obrigado Marcelo. Amanhã já não precisa pegar o Pedro para nós.

— Percebi... Vocês vão mesmo...

— A Beatriz não te contou? O prédio está esvaziando. Vai ficar perigoso. Se quiserem, temos lugar.

— Obrigado, Jair. Vou pensar — respondeu Marcelo e subiu até seu apartamento com Ana.

Beatriz estava em casa preparando o jantar. Ana chegou e imediatamente ligou o assistente. Um holograma surgiu à sua frente:

— Como foi seu dia, minha querida?

Antes que Ana pudesse responder, Marcelo interrompeu:

— Ah, não, Ana! O que falamos sobre a aparência do assistente?

A menina baixou a cabeça e encolheu os ombros.

— Dê um tempo pra ela — falou Beatriz da cozinha.

Marcelo se aproximou da esposa. Sua filha aproveitou a oportunidade e voltou a conversar com o assistente.

— O assistente não deveria ter essa aparência — reclamou Marcelo.

— E você não deveria ficar tão bravo. Além do mais, é uma forma da Ana ter contato com o avô.

— Meu pai nunca chamaria sua neta de “querida”. Ele a pegaria no colo, faria cócegas, mas nunca a chamaria deste jeito. Isso não é meu pai!

— Mas é o mais próximo dele que ela terá contato.

— Meu pai deve estar se revirando no túmulo.

— Se ele conhecesse sua neta, aposto que aprovaria.

— Pai, qual o nome do seu livro? — gritou Ana da sala.

— Não é meu livro, filha. Era livro do seu avô. E já era antigo...

— Tá, mas qual o nome? — insistia a menina com uma inegável impaciência.

— Marcelo, Marmelo, Martelo.

— Sua licença para reprodução do livro se esgotou — informou o assistente. — Gostaria de renovar a reprodução por mais trinta dias por apenas 25 pontos?

— 25 pontos? — Marcelo não sabia o que lhe incomodava mais, se era a extorsão capitalista ou o fato de quem ofertava ter a aparência e a voz do seu pai.

— Autorizado — disse Beatriz.

— Alerta! Alerta! — um sinal interrompeu o início da reprodução do audiolivro animado e surgiu uma janela no peito do assistente. — Aviso de evacuação imediata. Se você está recebendo este aviso, fortes chuvas estão previstas para sua região dentro de 16 horas. É necessário sair e buscar abrigo seguro. Alerta! Alerta...

Marcelo desligou o alerta e sentou-se no sofá.

— Temos que sair.

— Eu não vou.

Naquele momento Ana estava encolhida, sentada no chão, fungando um choro que não explodia. Marcelo viu. Às vezes ele esquecia que aquela menininha cheia de energia, impetuosa e esperta, também era um poço de sensibilidade.

— Vamos arrumar as coisas! — disse ele mais calmo.

Correram para pegar o que consideravam mais importante, enquanto percebiam nuvens negras trazer a noite antecipadamente. A luz piscou e o sistema do apartamento caiu por uns segundos, retornando em modo emergência.

— Temos que ir agora! — falou Beatriz.

— O vovô travou! — disse Ana apontando para o holograma congelado no meio da sala.

— O sistema não deve ter voltado por completo. Vou pegar as malas e descer.

Quando foi pegar até o quarto pegar as malas, lembrou de algo que não havia separado. Naquele segundo, sua espinha gelou e ele retornou à sala e viu Beatriz com Ana no colo, segurando duas mochilas e olhando com cara de espanto:

— Por que você não pegou as malas?

— Bê, você fez os backups?

— Backup? Backup de quê?

— De tudo: nossas contas, documentos, fotos, vídeos, boletins da

Ana, carteira de vacinação. Tudo!

— O vovô? — perguntou a menina com a voz triste.

Marcelo olhou para baixo e lembrou dos registros com o pai.

— Mas isso está na nuvem, não está?

— Não. Isso está no servidor físico. Lembra? — Disse ele apontando para uma caixa preta que ficava no canto da sala que Beatriz nem lembrava mais que existia.

— Então pega o servidor e levamos junto.

— Mas nem que tivesse próteses nos braços. Isso deve pesar uns setenta quilos.

Marcelo não era um homem alto, era magro, o servidor pesava mais que ele.

— O que faremos? — Beatriz não perdia o olhar de espanto, porém, agora era por outro motivo.

Marcelo pensou em quatro, cinco ideias diferentes, mas considerou todas estúpidas demais para colocar em prática. Acabou elegendo a mais lógica, mesmo considerando-a, ainda assim, uma ideia infeliz.

— Vai na frente! — disse ele — Vai na frente que eu vou depois.

— Tu tá maluco? — disse Beatriz com indignação.

— Não... Pensa. Leva a Ana. Eu espero um pouco mais. Quando o sistema voltar eu jogo nossos dados para nuvem e depois encontro vocês.

— Acho uma péssima ideia.

O prédio tremeu quando o céu gritou tonitruante.

— Vai! — disse ele, se despedindo de Beatriz antes de beijar-lhe a boca e beijar a testa de Ana.

As duas desapareceram na escada.

Marcelo puxou uma cadeira e sentou diante do holograma congelado.

O sistema ainda piscava em modo de emergência.

— Eu sei que tu não devia estar funcionando — disse ele, mais para o apartamento do que para a imagem.

O holograma tremeu. A voz saiu atrasada.

— Marcelo...

O nome veio errado, com a sílaba esticada.

— Tu sempre disse que não era pra confiar em promessa de futuro — continuou ele. — Que futuro sem memória não é nada...

A imagem piscou novamente.

— A gente achava... — disse a voz — achava que ainda dava tempo.

Marcelo riu, um riso curto.

— Pois é.

Um segundo estrondo balançou novamente o prédio e o sistema caiu.

O silêncio que veio depois foi mais assustador do que o estrondo.

Marcelo ficou alguns segundos imóvel. O prédio gemia como um organismo velho. Um som constante de água escorrendo insistia.

Ele se levantou com dificuldade. O apartamento estava quase às escuras, iluminado apenas pela luz de emergência azulada que desenhava sombras duras nas paredes já manchadas de umidade. O holograma havia desaparecido por completo. Nenhuma voz. Nenhuma presença.

— Claro... — murmurou, mais cansado do que frustrado.

Foi até a janela.

A rua já não era exatamente uma rua. A água havia subido rápido demais, engolindo o que restava do calçamento. Uma placa enferrujada com o nome da via, Rua dos Andradas, balançava torta, batendo contra um poste quase totalmente submerso.

Marcelo pensou em Ana, nas galochas coloridas, nos risos de mi-

nutos atrás. Parecia outra vida. Talvez fosse.

O prédio tremeu de novo. Dessa vez com um estalo seco, como algo partindo por dentro. Ele olhou para o servidor no canto da sala. A caixa preta permanecia ali, muda, pesada, concentrando décadas de registros, vozes, imagens — um mundo inteiro comprimido em metal e silêncio.

Deveria esperar tudo acalmar. Deveria esperar o sistema voltar. Deveria esperar... Nesta espera, começou a vasculhar o próprio apartamento. Depurar o que deveria ser salvo.

No fundo do armário havia uma caixa de madeira. Não tinha tranças, nem selos, nem qualquer indício de que guardasse algo valioso. Marcelo só a encontrou porque o armário havia inclinado levemente com a força dos tremores, revelando um canto que antes ficava oculto.

Estava coberta por uma camada fina de poeira, quase impossível naquele apartamento constantemente úmido. Poeira de coisa esquecida antes mesmo de ser abandonada.

Ele a puxou com esforço e colocou sobre a mesa.

Dentro, não havia nada importante.

Fotos amareladas, algumas já coladas umas às outras pela umidade.

Um cartão de Natal sem data, assinado apenas com um “com carinho”.

Um relógio de pulso parado às 3h17.

Uma lata de balas vazia, amassada nas bordas.

E o livro.

Marcelo, Marmelo, Martelo, de Ruth Rocha.

Ele passou o dedo pelo nome na capa como quem testa a espessura de um espelho antigo. O título parecia devolver algo que ele não sabia exatamente o que era.

Não era um livro sobre o fim do mundo.

Não falava de marés, nem de cidades submersas, nem de alertas ignorados.

Era um livro sobre aprender a nomear as coisas.

Sobre o esforço infantil de organizar o mundo pelo som das palavras.

Sobre errar nomes.

Sobre repetir.

Sobre tentar de novo.

Marcelo sentou-se devagar.

A água havia encontrado uma fissura na janela e o fio corria tímido para dentro do apartamento, mas ele não se apressou. Abriu o livro em uma página qualquer. Leu uma frase solta, depois outra. Não leu em voz alta. Algumas coisas ainda pediam silêncio.

Foi ali que entendeu.

Ele não ia salvar o apartamento.

Mas também não ia abandoná-lo como quem foge.

Depois disso, o tempo começou a se confundir. A luz vinha e ia. Os sons mudavam. O relógio já não servia.

Marcelo organizou a casa como quem monta um pequeno memorial sem placa.

Colocou as fotografias à vista, espalhadas, sem moldura.

O livro ficou sobre a mesa, aberto.

Ao lado, a lata de balas e o relógio parado.

Não escreveu datas.

Não escreveu nomes.

Não explicou nada.

Quem entrasse ali não entenderia.

Mas sentiria.

A água subia lentamente do lado de fora, ainda assim, estava longe do oitavo andar. À noite, o prédio rangia, respirava pesado, como um animal velho que ainda se recusava a cair.

O barco da Defesa Civil apareceu muito tempo depois. Dias repetidos? Dias quebrados? Quem saberia. Atravessaram a placa “Zona permanentemente alagada. Área desocupada desde 2125”.

Era uma manhã cinzenta. Ouvia-se somente o barulho do motor e os marulhos das águas.

Parou diante do prédio como quem chega atrasado demais para evitar qualquer coisa.

— Recebemos uma denúncia — disse um dos homens, segurando a lanterna.

Subiram com dificuldade, desviando de destroços, portas arrancadas, marcas de antigos andares agora impossíveis de identificar. A água cobria os primeiros andares.

Chegaram ao oitavo andar. O chefe entrou primeiro. Encontrou Marcelo sentado à mesa, barba longa, roupas gastas, segurando uma fotografia antiga. O livro aberto à sua frente.

— O senhor precisa vir conosco.

Marcelo levantou os olhos com calma.

— Não.

— Aqui não é mais seguro.

— Eu sei.

— Então por quê?

Marcelo demorou a responder. Olhou ao redor, como quem confere se tudo ainda está no lugar.

— Alguém precisa ficar — disse por fim. — Ser testemunha.

O chefe não esperava aquela resposta. Ele mesmo havia perdido sua casa anos antes. Não soube o que responder. Somente assentiu devagar, sem discutir.

Lá fora, já ligando o motor, o colega perguntou:

— Você não o encontrou?

— Encontrei.

— E deixou?

— Deixei.

— Mas ele mora aí?

O chefe olhou para o prédio submerso, para a rua que já não era rua, para a cidade que insistia em existir como lembrança.

— Não. Ele guarda.



Autor: Denisson Beretta Gargione

Ator, diretor, dramaturgo e bonequeiro, é cofundador da KHAOS Cênica, companhia reconhecida pela pesquisa de linguagem e produção artística no RS. Assina direção, dramaturgia e atuação em obras como *El Grand Scaramouche*, *Conta gota: histórias d'água*, *Sr. Clandestino* e *A ponta do iceberg*. Graduado em Teatro (UERGS) e Mestre pela Unilasalle, recebeu o Prêmio Funarte de Dramaturgia (2020) e o Tíbicuera (2025).

Voltando para casa

Jon Ocaso



É estranho pensar que, se as coisas tivessem sido um pouquinho diferentes, eu não estaria aqui. Vivi a minha vida inteira em São Paulo, mas minha família costumava morar em Eldorado do Sul, uma cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre. O ano de 2024, pelo que eu soube, foi caótico. As enchentes que ocorreram entre o fim de abril e o início de maio foram consideradas a maior catástrofe climática da história do estado.

Nem posso imaginar o quanto minha bisavó sofreu. Tinha apenas 19 anos quando a chuva começou a cair. Morava com a mãe dela e com a filha de 3 anos. Também não consigo imaginar o que minha avó, uma criança daquela idade, sentiu ao ver o nível da água subindo, muito menos o que ela sentiu quando as águas a levaram.

As equipes de resgate foram muito prestativas, embora não estivessem preparadas para uma tragédia daquele tamanho. Minha avó foi encontrada viva e levada para um abrigo, enquanto a mãe e a avó dela pensavam que ela havia morrido. Foram semanas tensas até elas se reencontrarem. Eu não havia nascido, não tinha como ter visto, mas posso imaginar o abraço, as lágrimas subindo aos olhos da menina e da sua família, prometendo à pequena que isso nunca mais aconteceria.

Minha mãe me contou que foi esse o motivo de se mudarem para São Paulo. Eldorado do Sul fora a cidade mais afetada pelas enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul; minha família perdeu móveis, eletrodomésticos, eletrônicos e tudo o que haviam construído por décadas. A própria casa sofreu danos estruturais — até poderia ser reerguida, mas custaria muito dinheiro e nada garantiria que as enchentes não assolassem a cidade de novo.

Os primeiros anos na cidade nova foram difíceis. Minha família sobreviveu das economias, do Auxílio Reconstrução e do trabalho informal que minha trisavó conseguiu. Minha bisavó ficava em casa com a filha, cuidando das tarefas domésticas até a volta de sua mãe. Pelo que eu soube, mesmo tendo alugado um cantinho aconchegante, elas não se sentiam em casa; tinham apego à cidade onde cresceram, mas juraram para si mesmas que nunca voltariam para lá, que nunca se colocariam em risco dessa forma.

Junto à promessa de se manterem seguras, veio o medo de que uma catástrofe qualquer as assolasse. Minha bisavó sempre quis uma família mais extensa, entre dois e três filhos, mas decidiu que não teria mais nenhum. Não suportaria a ideia de perder um filho da mesma forma que acreditou ter perdido minha avó. Namorou por anos um rapaz, chegando a se casar com ele, mas nunca engravidou.

Esse medo das adversidades impactou severamente minha avó, que passou a ser superprotegida. Não saía de casa sozinha e não tinha sua autonomia incentivada. O simples pensamento de poder perdê-la fazia minha bisá preferir superprotegê-la. Obviamente isso moldou a personalidade da minha avó. Aquela criança de 3 anos, que antes se sentia livre, passou a evitar o máximo possível sair de casa. Ia para a escola, mas frequentemente tinha crises de pânico e dificuldade para andar pelas ruas sozinha. Sentia que, sem companhia, estava sempre vulnerável a qualquer coisa ruim que pudesse atingi-la.

Apesar de tudo, minha vozinha não queria se render às dificuldades. Fez faculdade, começou a trabalhar remotamente e aos poucos desenvolveu a autonomia limitada que tinha. Queria que seus filhos não sofressem dos mesmos medos que ela, que apanhassem e se levantassem rapidamente em vez de ficarem estáticos no chão. Ao acaso, conheceu um rapaz por quem se apaixonou. Durante anos, tentaram ter filhos, e, sem sucesso, quando ela já estava quase desistindo, por conta da idade, a notícia chegou: ela estava grávida de gêmeos.

Minha avó tinha 38 anos quando teve as crianças. Mais da metade do século havia se passado, e o medo de voltar ao Rio Grande do Sul continuava, mesmo com os avanços em relação ao desenvolvimento sustentável. Ela buscou dar para os filhos a segurança que lhe fora tomada, e via na autonomia deles o que ela podia ter sido. Sentia orgulho com isso, orgulho por conseguir quebrar o ciclo.

Os gêmeos cresceram bem, embora ambos não tivessem o desejo de perpetuar a linhagem. Meu tio se preocupava mais com seu sucesso profissional, enquanto minha mãe nunca teve, de fato, o anseio pela maternidade. Ter engravidado foi um acidente, mas ela decidiu seguir com a gestação mesmo assim. Tinha um marido amoroso, com quem podia contar, e estava estável financeiramente, com um cargo alto conquistado com muito esforço. Ter um bebê, naquelas condições, poderia até se mostrar uma surpresa boa.

Nasci no ano de 2005 e fui muito amada. Minha mãe, para a surpresa dela, descobriu que podia ser uma mãe muito melhor do que imaginava. Cresci ouvindo histórias da minha família, pois pouca coi-

sa palpável havia restado. Não conheci minha bisavó e lembro pouco de minha avó, que faleceu quando eu ainda era criança. Éramos apenas eu, meus pais, meu tio e as histórias que eu ouvia da minha família.

Apaixonei-me por Eldorado do Sul sem nunca ter pisado lá. Cada história vinha com uma riqueza de detalhes, com o gosto da memória afetiva em cada palavra, mesmo eu sabendo que minha mãe também nunca tinha ido à cidade. Ela falava da catástrofe de 2024, sim, mas falava também do que houve antes, dos tempos de paz, da felicidade com a qual vivia sua família. Falava com tanto amor que eu fiquei curiosa sobre o motivo para ela nunca ter visitado a cidade.

— A gente não volta pra aquele lugar — ela disse, imperativa. — Simples assim.

Mamãe não vivera o trauma dos meus antepassados, mas soube pela minha avó que não havia sido fácil. Voltar a Eldorado do Sul era um acordo tácito entre a família, como se com essa decisão conseguissem evitar qualquer tragédia futura. Eu achava meio boba toda essa superstição, afinal, aquela catástrofe não chegou nem perto de voltar a acontecer, mas respeitava justamente por entender que aquilo era a memória de um trauma que talvez eu nunca compreenderia.

Minha filha nasceu em 2121, e decidi, assim que ela completou 3 anos, que eu romperia um outro ciclo. Trabalhava como professora de História havia algum tempo, e decidi aproveitar as férias do colégio para viajar. Ana Clara, minha filha, estava muito animada; nunca tinha saído de São Paulo. Minha mãe não gostou muito da ideia de eu viajar para conhecer Eldorado do Sul, um lugar que lhe despertava uma sensação de pânico, mas, depois de conversarmos racionalmente, ela percebeu que seus medos eram infundados.

Podia ir de avião, mas preferi fazer toda a viagem de ônibus. Queria ver a paisagem, conhecer um pouco mais do meu país. Nas estradas, vi porções verdes que não imaginei existir, locais conservados, cidadezinhas lindas. Chegamos, então, em Eldorado do Sul, e foi como se eu chegasse em casa. A cidade em nada se assemelhava à catástrofe que havia vivido; as fotos horrendas que eu vi na internet não faziam

jus à realidade. Era uma cidade linda, conservada, próxima dos rios Jacuí e Guaíba.

Suspirei quando saí do ônibus e respirei o ar daquele lugar. Eldorado do Sul era uma cidade linda... Uma cidade que recebia minha filha e eu com um acolhimento raro, quase como se, ao longo desses cem anos, estivesse nos esperando, calma, paciente, pronta para nos abraçar.



Autor: Jonatas de Souza Jacinto

Paulistano nascido em 1998, o autor, que publica seu trabalho literário sob o uso de pseudônimos, é bacharelando em Letras e escreve prosa e poesia, abordando questões sociais, sexualidade e saúde mental. Lançou em 2019 seu primeiro livro, o poemário *Cara melancolia*, participou de diversas antologias, publicou alguns e-books na Amazon e recebeu prêmios e destaques literários.

Onde o peixe de pedra olha para o sol

Sheuli Centeno Lescano



O ar dentro do Instituto Flutuante Guaíba tinha o eterno cheiro de ozônio e algas processadas. Aurora olhava para o holograma do pai, que piscava em tons de azul vindo da Base Lunar Aristarco.

— Quinze dias, filha. O regolito aqui é cinza demais, sinto falta do azul daí — disse ele, a voz com o atraso de dois segundos da comunicação Terra-Lua.

— O azul daqui também é meio cinza, pai. O Guaíba está alto

hoje, os diques de proteção estão vibrando.

Depois das despedidas, Aurora desligou a chamada. O pai minerava asteroides para que a Terra tivesse metais raros; a mãe, Florian, escavava o passado para que a Terra não esquecesse quem era. Aurora estava presa no meio, em uma sociedade “Anfíbia” que trocou a terra firme pela segurança das plataformas flutuantes, e a carne de gado por cubos de proteína de espirulina.

Aquela vida suspensa não era uma escolha, mas a herança de um século de reajustes brutais. Após o “Grande Alagamento” da década de 2050, quando o sistema Laguna dos Patos finalmente reivindicou as terras baixas de forma permanente, o mapa do estado havia sido redesenhado pelo avanço das águas salobras. Porto Alegre agora era uma constelação de ilhas artificiais e plataformas modulares que subiam e desciam ao ritmo das marés do Guaíba, que se tornou um braço indomável do oceano. Para a geração de Aurora, a “terra firme” era um conceito um pouco distante, algo que se via de longe, no topo das serras protegidas por diques massivos, ou em hologramas de museus. Viver sobre as águas era seguro e tecnologicamente impecável, mas havia uma esterilidade no ar reciclado e no balanço constante das placas de polímero que faziam Aurora se sentir como uma naufraga em sua própria história. Eles eram descendentes de um povo que cavalgava pelo pampa, mas agora mal sabiam o que era pisar em solo que não vibrasse com o pulso dos motores de estabilização.

Naquela manhã, a escola onde Aurora estudava estava em polvorosa. Uma cápsula do tempo, selada em 2026, seria aberta. Quando o domo de vácuo foi desfeito, o professor não usou um projetor. Ele retirou um objeto físico.

— Isso — disse o professor — é papel.

Aurora sentiu um arrepio. Seus dedos, acostumados ao vidro liso dos tablets e às interfaces neurais, tocaram a folha amarelada que lhe foi entregue. Era áspera, fibrosa, tinha um cheiro estranho e algo que ela só conhecia dos livros de botânica: desenhos de árvores. A carta que Aurora recebeu tinha uma caligrafia irregular, feita por alguém chamado “Miguel”, de 11 anos.

“Oi, criança do futuro. Espero que você tenha carros voadores, mas também espero que ainda tenha o ‘frio de renguear cusco’. Hoje meu pai fez um churrasco de costela e a fumaça está com um cheiro maravilhoso. Estamos preocupados com as enchentes e a possibilidade de que elas se repitam. Minha vó disse que o segredo para o Rio Grande não secar nem molhar demais no futuro está guardado onde o peixe de pedra olha para o sol. É o tesouro dos antigos. Não deixe ele se perder.”

Aurora leu e releu. “Churrasco”? “Frio de renguear cusco”? Temos que a IA da escola traduziu como antigo hábito de queimar proteína bovina e fenômeno térmico de baixa temperatura que causava desconforto em caninos. Para a sociedade anfíbia gaúcha, que nunca viu neve e vivia em um verão eterno de 45°C, aquilo era pura mitologia.

Ao chegar em casa (um módulo habitacional acoplado ao setor de arqueologia da UFRGS), Aurora mostrou a carta para a mãe. Florian, cujos olhos brilharam ao ver o papel físico, ignorou a menção ao churrasco e focou na última frase.

— “Onde o peixe de pedra olha para o sol...” — sussurrou Florian. — Filha, você precisa entender que em 2024, muito antes de nascermos, houve uma grande enchente que mudou o estado para sempre. Entre as cidades afetadas estava a cidade de Dona Francisca, que hoje nem existe mais, submersa pela nova geografia. Quando as águas daquele século finalmente baixaram, revelaram sítios arqueológicos de dez mil anos que estavam escondidos sob as lavouras.

Ela fez uma pausa, deslizando o dedo pela caligrafia de Miguel.

— No ano seguinte, em 2025, especialistas confirmaram que Alegrete também escondia ruínas missioneiras. Mas tem algo me chamando a atenção nesse recado do passado... “Onde o peixe de pedra olha para o sol”. Isso parece ser arte rupestre, talvez do Paredão do Rio Tigre, em Sertão? Li uma vez a respeito disso em arquivos da UPF... se esse Miguel sabia disso em 2026, talvez o tesouro seja a chave para algo que paramos de perguntar.

Florian não hesitou. Ela ativou sua IA de pesquisa, cruzando a pista da carta de Miguel com os arquivos centenários do CNSA, o antigo cadastro do IPHAN que mapeava o Alto Uruguai. Enquanto a maioria dos arqueólogos de 2126 se perdia no “excesso de informação” de satélites globais, Florian pediu que sua IA buscasse por “ruídos térmicos” específicos nos afloramentos de basalto próximos à Colônia Miranda.

— Veja, Aurora — explicou Florian, projetando um mapa holográfico no centro do drone. — A IA identificou uma anomalia geométrica no Paredão do Rio Tigre, em Sertão. Geograficamente, é o lugar perfeito: um afluente do Apuaê, área de ocupação das tradições Umbu e Humaitá. O algoritmo limpou as sombras e revelou o que os olhos humanos ignoraram por um século: um petróglifo zoomorfo que bate exatamente com o “peixe” do Miguel.

Uma viagem estava prestes a acontecer.

O drone de transporte inclinou-se para o norte, cruzando os vastos campos de painéis solares que agora cobriam o solo onde um dia houve gado e soja. Quando finalmente pousaram, um silvo metálico cortou o silêncio do deserto térmico, levantando uma nuvem de poeira avermelhada. Ao descer, o sol da cidade de Sertão castigava a terra com uma fúria seca. Aurora sentiu o sistema de resfriamento de seu traje vibrar no limite. À sua frente, o Paredão do Rio Tigre erguia-se como uma sentinela de basalto escuro, uma cicatriz de pedra guardando a memória do rio que agora era pouco mais que um filete insistente.

Aurora foi a primeira a ver. Seus olhos, treinados em interfaces de precisão, captaram o relevo estranho na rocha.

— Ali, mãe! Onde a sombra da aresta faz um ângulo reto.

Era o entalhe. O que elas tinham diante de si era uma itacoatiara.

— Do tupi, itá: pedra; koatiara: riscada ou pintada — sussurrou Florian, aproximando-se com respeito. — Academicamente, chamamos de petróglifo. Foram marcos territoriais e mapas de pesca feitos

há milhares de anos. Mas olhe com atenção, Aurora... vê aquelas linhas que parecem um ‘X’ e um ‘T’? Os jesuítas, ao chegarem aqui, tentaram “cristianizar” os símbolos indígenas. Foi essa mistura de escritas que fez as pessoas de 2026 acreditarem em tesouros enterrados. Elas não entendiam que a pedra em si, e o que ela sinalizava, já era a maior riqueza do estado.

Ao se aproximarem ainda mais do paredão, o primeiro choque foi olfativo. O cheiro de ozônio e cloro desapareceu, substituído por algo que Aurora nunca havia sentido: o cheiro de terra natural molhada. Era um aroma denso que lembrava raízes, argila, folha seca e plantas. Essas, Aurora só conhecia por causa das estufas submersas de produção. Aquele cheiro, juntamente com aroma de ferro, poeira e uma umidade mineral que carregava o peso dos séculos, confundia os sentidos da menina. Foi nesse momento que sua mãe interrompeu sua análise olfativa do lugar:

— Não é um paredão de pedras. Parece ter uma caverna lá dentro, mas não uma comum, Aurora — sussurrou Florian. Ela ativou a lanterna de plasma. — Isso provavelmente é uma paleotoca.

Ao entrarem, Aurora sentiu o solo sob suas botas. Não era o polímero das plataformas; era pedra e terra, imóvel e segura. Florian parou, passando os dedos pelas ranhuras profundas no basalto. Era estranho estar em terra firme e imóvel.

— Olhe isso! — Florian apontou para marcas de garras gigantes. — Foram escavadas por preguiças-gigantes há milhares de anos. Imagine a força desses animais...

Mas, à medida que avançavam, e os olhos se acostumavam à pouca luz, a pré-história dava lugar à engenharia humana. O túnel havia sido reforçado com arcos de alvenaria missioneira e terra vermelha.

— Missões — diagnosticou Florian. — Os jesuítas encontraram este lugar. Eles não apenas o usaram, mas o restauraram e esconderam.

Florian sentiu um nó na garganta. Era irônico: milhares de drones

havia passado por ali, mas os algoritmos buscavam apenas minerais. Ninguém buscava a “essência” na pedra.

— Sabe o que é irônico, Aurora? Meus colegas na UFRGS têm terabytes de dados, mas não têm a curiosidade de um menino de onze anos chamado Miguel. Estávamos tão perto da riqueza arqueológica mais importante do século, mas longe demais em nossas mentes viciadas em telas.

— Mãe... — Aurora apontou para o final da galeria, onde a alvenaria dava lugar a uma estrutura de metal fosco, instalada ali por volta de 2025. — Miguel não mentiu. Eles selaram o coração da montanha. Então “O peixe de pedra que olha para o sol” realmente guarda algo.

Lá não havia ouro. Após abrir e passar pela estrutura de metal fosco, havia algo muito mais valioso para um mundo sedento: uma fissura que jorrava água cristalina do Aquífero Guarani, protegida da poluição de superfície. Encontraram também cápsulas de cerâmica com sementes de Araucária, Ipê e Capim-Pampa, preservadas pelo frio da caverna. E um servidor de grafeno, deixado em 2025, com gravações sonoras de ventos de inverno, som da chuva no zinco e outras diversas informações sobre a geografia e clima do estado em 2025.

Aurora tocou a água fria. Pela primeira vez, ela não era uma “anfíbia”; era uma gaúcha pisando em terra firme e podendo somente tocar na água, ao invés de viver nela. A emoção explodiu em seu peito.

A notícia da descoberta se espalhou como um maremoto. O choque de que um trabalho escolar de cem anos atrás tivesse superado os radares modernos gerou um debate global. Mas o momento mais emocionante ocorreu uma semana depois. Graças aos avanços na medicina, Miguel ainda estava entre eles. Com seus 111 anos, vivendo na Serra, ele recebeu as pesquisadoras.

A imagem correu o mundo: de um lado, Florian e Aurora, em seus trajes tecnológicos; do outro, o senhor Miguel, cujos olhos ainda carregavam o brilho do passado. Ele segurava a própria carta com mãos trêmulas.

— Eu não sabia se alguém leria! — disse Miguel, com um sorriso.
— Só sabia que não podíamos deixar o Rio Grande esquecer como era o cheiro da chuva na terra. Esse também foi o legado da minha avó.

Aurora, Florian e Miguel posaram para a foto que se tornaria o ícone daquela era: três gerações unidas por um peixe de pedra e um sonho de papel. De volta à plataforma, Aurora olhou para o horizonte onde o sol se punha sobre o mar. Ela abriu seu terminal e, pela primeira vez, ignorou as sugestões da IA. Começou a escrever sua própria pergunta para o futuro. Enquanto escrevia, lembrou-se de um fragmento de sabedoria:

“A história é um grande presente, e não somente um passado.”

Aurora sorriu. O “frio de renguear cusco” de Miguel agora vivia nela, e o Rio Grande do Sul ainda guardava seus segredos para quem tivesse a coragem de perguntar.



Autora: Sheuli Centeno Lescano

Educadora em Cachoeirinha e devoradora de livros, sonhava em trabalhar na NASA quando criança. Se a engenharia espacial não veio, a leitura e a imaginação tornaram-se suas pontes para infinitas galáxias. Hoje, sua missão é guiar pequenos exploradores a criarem seus próprios mundos através da educação. Pode não estar em Houston, mas descobre e ajuda a mapear universos extraordinários escondidos na imaginação de seus alunos, provando que a história é, de fato, um grande presente.

Curadoria

A seleção das obras foi realizada por um Conselho Curatorial formado por três escritores de destacada atuação no cenário literário. Eles analisaram cuidadosamente as obras participantes, considerando critérios como originalidade, qualidade estética e relevância artística, e elegeram os contos premiados.



Mauro Paz

É escritor, roteirista e redator publicitário. Mestre em Teoria Literária pela PUCRS, é graduado em Letras e possui pós-graduação em Escrita Criativa e Criação Publicitária. Também tem formação em Cinema pela Academia Internacional de Cinema (São Paulo).

Com uma trajetória de mais de 14 anos dedicada à escrita, publicou quatro livros de ficção e desenvolveu roteiros para curtas, longas e séries. Foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura com os romances *Entre lembrar e esquecer* (2018) e *Quando os prédios começaram a cair* (2024).

É autor selecionado pelo projeto Autor Presente, do IEL-RS, nos anos de 2013 e 2025.



Gabriela Leal

É escritora, natural de Lajeado (RS). Autora do livro *A língua da Medusa* (Zouk, 2022), tem participado ativamente de coletâneas literárias recentes, como *Quebra-ventres* (Periférica, 2023), *Das histórias que sabíamos e um pouco mais* (Libélula, 2023) e *Inveja* (Periférica, 2024).

Sua produção literária tem sido reconhecida em diversos prêmios: foi finalista do AGES 2023 e do Mozart Pereira Soares 2024, ambos na categoria narrativa curta, e vencedora dos prêmios Açorianos 2023 e Minuano 2024, também com narrativas curtas.

Com uma escrita que transita entre o íntimo e o simbólico, Gabriela Leal vem consolidando seu nome na nova geração de autoras da literatura contemporânea gaúcha.



Samir Machado de Machado

É escritor, tradutor e designer editorial. Mestre em Linguística e Letras pela PUCRS, é autor de obras premiadas como *Tupinilândia* (Todavia, 2018), *Homens elegantes* (Rocco, 2016) e *O crime do bom nazista* (Todavia, 2023). Vencedor do Prêmio Jabuti (2021), do Açorianos de Literatura (2017) e do Minuano de Literatura (2019), também traduziu autores como Agatha Christie, Ray Bradbury e H. R. Haggard.

Foi um dos fundadores da Não Editora e atuou como editor e designer em diversos projetos literários. Atualmente, integra grupos de pesquisa em Escrita Criativa na PUCRS e desenvolve estudos sobre o processo de criação na literatura brasileira contemporânea.

R585 Rio Grande do Sul 2125 / org. Mayara Boeno Brum ; jurados Gabriela Leal, Mauro Paz, Samir Machado de Machado. – Três Passos : Foco Arte e Cultura, 2026.
145 p. : il. – Coletânea dos contos ganhadores do Concurso Literário Rio Grande do Sul 2125.

1. Literatura brasileira. 2. Contos sul-riograndenses. 3. Ficção.
4. Rio Grande do Sul. I. Brum, Mayara Boeno, org. II. Leal, Gabriela, jurada. III. Paz, Mauro, jurado. IV. Machado, Samir Machado de, jurado.

CDD: 869.301